



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA

Campina Grande – PB

2006

EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA

PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Monografia apresentada como resultado do Trabalho Acadêmico Orientado e requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Área de conhecimento: História Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Rosilene Dias Montenegro

Campina Grande – PB

2006

EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA

PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Data e Local da Aprovação: Campina Grande – PB, 12 de junho de 2006.

Monografia apresentada como resultado do Trabalho Acadêmico Orientado e requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Área de conhecimento: História Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Rosilene Dias Montenegro

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosilene Dias Montenegro (orientadora)

Prof. Msc. Herry Charriery da Costa Santos

Prof. Msc. José Benjamim Montenegro



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

A minha esposa Ailma Dias e a minha mãe Maria das Neves Fernandes.
Aos meus avós Maria Beatriz da Conceição e Pedro Martins Soares (*in memoria*).

AGRADECIMENTOS

- A Deus, por que sem ele nada é possível.
- Aos amigos Leonardo, Marcelo, Josemar, Gregório, Ivo e Lucenildo, pelo incentivo.
- Ao meu professor da primeira fase do ensino fundamental, Francisco de Assis, pois os primeiros passos são tão importantes quanto os últimos.
- A minha orientadora Rosilene Dias Montenegro, pela dedicação e pela ajuda nas horas em que tantas incertezas surgiram.
- Aos professores Herry Charriery da Costa Santos, José Benjamim Montenegro, Iranilson Buriti, Fábio Gutemberg, Celso Gestermeier e Liege Freitas, pela paciência e atenção dedicadas.
- A Cláudio Carvalho e Socorro Martins, que gentilmente nos cederam materiais utilizados neste trabalho.
- Aos meus pais e irmãos, que muito contribuíram para esta realização.
- A todos que, embora não estejam aqui relacionados, de alguma forma são também responsáveis por este momento.

RESUMO

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de explicar como se construiu a devoção a Padre Ibiapina que, embora não tenha sido canonizado pela Igreja Católica, é tido como santo pelo povo nordestino, especialmente na região do brejo paraibano. Inicialmente, procurou-se conhecer sua história de vida, utilizando-se como fontes básicas as biografias existentes mais conhecidas. A partir daí, procurou-se fazer uma análise dos passos que o levaram a se tornar padre. Em seguida, buscou-se destacar a atuação de Padre Ibiapina, enquanto missionário, no cenário nordestino do Século XIX, principalmente quanto à edificação das chamadas casas de caridade, notadamente a de Santa Fé. Posteriormente, salientou-se a redescoberta e revitalização de sua obra, observada após o primeiro centenário de sua morte. Logo depois, através de entrevistas realizadas com pessoas da comunidade e romeiros presentes à comemoração de 123 anos de sua morte, buscou-se descobrir como a comunidade lhe atribuiu santidade, a partir de relatos de alguns dos milagres e graças atribuídos a ele. Em seguida, discutiu-se acerca dos ex-votos encontrados no santuário edificado em memória ao Padre Ibiapina, tendo-os como representação do pagamento de promessas feitas pelos peregrinos. Por fim, munidos de imagens fotografadas no dia da referida celebração, refletiu-se sobre o cenário de devoção encontrado em Santa Fé, onde se observou fé, comércio, turismo e ação governamental. Por último, refletiu-se sobre o marketing religioso e a interferência do poder público nesse contexto.

Palavras-chave: Padre Ibiapina. Fé. Religiosidade

SUMÁRIO

Resumo	V
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: A VIDA DE PADRE IBIAPINA	9
1.1 História da vida do cidadão (homem) Ibiapina.....	10
1.2 A opção pela vida monástica	20
1.3 As obras deixadas pelo padre Ibiapina	23
1.4 Santa fé e os últimos dias de Ibiapina	26
CAPÍTULO 2: REVIVER IBIAPINA	30
2.1 Primeiro centenário de morte	31
2.2 Como a comunidade participa da reelaboração do santo.....	35
2.3 Como os romeiros/devotos iniciaram sua peregrinação	37
CAPÍTULO 3: IMAGENS DA DEVOÇÃO	42
3.1 Agradecimentos por graças recebidas.....	43
3.2 A Construção da fé em meio ao marketing religioso e à política	59
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	81
Anexo A – Imagem digitalizada do mapa das trilhas do projeto “Caminhos do Padre Ibiapina”	82
Anexo B – Entrevistas	84

INTRODUÇÃO

Neste ano, cerca de 30.000 pessoas reuniram-se no “Santuário de Padre Ibiapina”, situado na localidade de Santa Fé, distrito de Solânea, próximo à cidade de Arara, a 155 km de João Pessoa, Estado da Paraíba, para a celebração dos 123 anos do aniversário de morte de José Antônio de Maria Ibiapina, o Padre Ibiapina. Cerca de vinte anos atrás, em 1983, ano do primeiro centenário de morte de Padre Ibiapina, eram pouco mais de 500 pessoas nessa mesma localidade, reunidas com a mesma intenção.

Buscar na História entender como e por quais motivações ocorreu esse incremento no número de pessoas que reverenciam a imagem do Padre Ibiapina, é o principal objetivo deste trabalho monográfico.

Com uma biografia singular, o Padre Ibiapina chama-nos atenção. Além de padre, Ibiapina foi também jurista, político e missionário. Podemos ainda citá-lo como educador, carismático, santo e outros adjetivos possíveis. Existem vários trabalhos sobre sua vida e obra, dentre os quais a maioria dos estudiosos tem como referência os de Celso Mariz e Padre Sadoc.

Celso Mariz (1997), em seu livro intitulado “Ibiapina, Um Apóstolo do Nordeste”, discute de forma alguns aspectos recorrentes na história, tendo a compreensão de elementos que constituíram a imagem do religioso Padre Ibiapina como sendo uma das mais importantes do apostolado do Brasil, até os últimos momentos de vida deste missionário.

Para muitos, o livro de Mariz apresenta uma das mais completas biografias de Ibiapina, além de trazer uma linguagem simples, com diversos aspectos do cotidiano daquela sociedade, o que o torna uma prazerosa e agradável leitura. Mariz utilizou como fonte alguns trabalhos escritos por contemporâneos de Ibiapina, entre os quais encontram-se Paulino Nogueira, além de diversos documentos da época.

Enquanto isso, Francisco Sadoc de Araújo (1995) apresenta em sua obra uma crítica em relação a outras, chegando a questionar a veracidade de alguns fatos. Em seu trabalho, Sadoc recorre a diversas fontes primárias, sendo o mesmo um dos postuladores da canonização do sacerdote Ibiapina.

Neste trabalho, apoiando-se na imagem de Ibiapina como missionário dos pobres, buscamos analisar elementos que possam justificar o crescimento dessa devoção,

ênfatizando o aspecto religioso presente na história do missionário Ibiapina, tão marcante naqueles que visitam o santuário.

A escolha do referido tema está ligada basicamente a dois aspectos: primeiramente à importância da religiosidade que é atribuída à figura de Padre Ibiapina; depois, à carência de trabalhos voltados para essa perspectiva. Esta monografia é resultado de uma pesquisa bibliográfica e de campo, a fim de possibilitar uma melhor argumentação, e nos aproximarmos de uma imagem real do Padre Ibiapina, através da lente que o capta maior: seus devotos.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro deles contextualiza a vida de Ibiapina, destacando sua atuação missionária, sobretudo sua passagem por Santa Fé. É um primeiro momento, em que tentamos entender Ibiapina como pessoa e conhecer sua obra a partir das biografias existentes. O segundo capítulo dedica-se ao ressurgimento e à redescoberta de Padre Ibiapina como “santo”, onde além das biografias incluímos a pesquisa de campo, utilizando técnicas da história oral para apreender aspectos do universo imaginário dos devotos. O último capítulo analisa os elementos que compõem o cenário de devoção em torno do “santo” Ibiapina.

CAPÍTULO 1: A VIDA DE PADRE IBIAPINA

Pretendemos neste capítulo inicial apresentar um breve histórico de José Antônio de Maria Ibiapina. Para isso utilizamos como fontes diversos trabalhos biográficos, a exemplo do livro escrito por Celso Mariz (1997), intitulado “Ibiapina: Um Apóstolo do Nordeste”; e também o livro do Padre Francisco Sadoc de Araújo (1995), nominado “Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade”.

Dentre os trabalhos mais recentes sobre Padre Ibiapina, podemos citar a monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em História de Cláudio Sousa de Carvalho, intitulada “Padre Ibiapina e as Casas de Caridade no âmbito da Educação do Brasil Oitocentista”, também orientado pela professora Rosilene Dias Montenegro. Trata do aspecto educacional de Ibiapina, simbolizado pelas casas de caridade, fazendo um paralelo com a educação no Brasil daquela época. Tomando estas obras como fontes principais e norteadoras do nosso estudo, enveredemo-nos pela vida de Ibiapina.

O final do Século XIX ficou marcado no Nordeste brasileiro, especialmente nos estados da Paraíba, Ceará e Pernambuco, por muito sofrimento, sobretudo provocado pelas grandes secas, entre as quais destaca-se a ocorrida entre 1877 e 1879, na qual milhares de pessoas morreram.

Nesse contexto aparece a figura de Padre Ibiapina. O Padre Ibiapina apresenta-nos diversas faces nas biografias que lhe são atribuídas: jurista, político, missionário, carismático, santo e outras possíveis. Dentre estas tantas faces, buscaremos constituir um relato histórico voltado para a face do missionário, direcionando nossa atenção à sua passagem por Santa Fé, em meio a crescente devoção a Padre Ibiapina.

O Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, como era conhecido em sua vida jurídica e política, e posteriormente Padre José Antônio de Maria Ibiapina, em sua vida sacerdotal, foi uma figura marcante no século XIX, que se destacou por um extraordinário trabalho missionário realizado nas províncias do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí.

Por onde passou, Padre Ibiapina juntou fiéis, organizou e coordenou a construção de diversas obras que tinham como objetivo o combate à seca, como por exemplo

os açudes, além de cemitérios, hospitais e as famosas Casas de Caridade, onde eram acolhidas crianças órfãs¹.

1.1 História da vida do cidadão (homem) Ibiapina

No dia 05 de agosto de 1806, na Fazenda Olho d'Água, próxima da pequena cidade de Sobral, estado do Ceará, nasceu José Antônio Pereira Ibiapina, filho de Miguel Pereira e Tereza Maria de Jesus. Era o terceiro dos oito filhos de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus, um casal de fazendeiros decadentes², porém dotados de fé e humildade.

Segundo ARAÚJO (1995:16), ao que tudo indica, Francisco Miguel, pai de Ibiapina, teria feito parte da elite sobralense em sua infância e juventude. Nascido em 3 de julho de 1774, teria o privilégio que pouquíssimos “nortistas” ou até mesmo sulistas possuíam, a educação. Francisco Miguel cursou apenas o estudo de primeiras letras, algumas “aulas régias” e, em se tratando de seu conhecimento jurídico, foi estudioso assíduo da ciência do direito, assimilada nas constantes leituras de autodidata.

Tereza Maria de Jesus, mãe de Ibiapina, era filha de Antonio Pereira de Azevedo e de Maria Furtado, que pertenciam às mais importantes e abastadas famílias de Sobral. Isso contradiz o que alguns biógrafos e historiadores afirmam sobre a hipótese de uma suposta pobreza dos pais de Padre Ibiapina (ARAÚJO, 1995:14; CARVALHO, 2003:19).

Francisco Miguel casou-se com Tereza no dia 29 de outubro de 1803. Desse casamento nasceram os filhos Alexandre Raimundo Pereira Ibiapina, em 1804; Francisca

¹ CARVALHO, Cláudio Sousa. *Padre Ibiapina e as Casas de Caridade no âmbito da Educação do Brasil Oitocentista*. 2003. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de História, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2003.

² A ascendência familiar dos pais de Ibiapina era abastada. O avô paterno, Manoel Pereira de Sousa, era proprietário da fazenda “Olho d'Água” e possuía a patente de tenente, tendo chegado a capitão de milícias. Sua avó paterna, Tereza Maria da Assunção, descendia de portugueses do lado paterno e de Maria Alves Pereira, mulher possuidora de muitas terras e fazendas de gados na margem do rio Jaibaras, herdadas dos matrimônios que contraiu, o segundo destes com o coronel Félix Ribeiro da Silva, também português, tronco das mais nobres e ricas famílias da região que compreendia as proximidades de Sobral. O pai de Francisco Miguel era possuidor de 9 escravos, 250 bovinos, 101 caprinos e 52 cavalos e de um sítio de plantar lavoura que produzia mandioca, milho e algodão, sendo seu gado vendido na praça de Pernambuco e exportado pelo antigo porto de Itapojué, hoje município de Itarema (ARAÚJO, 1995:14; CARVALHO, 2003:14).

Maria da Penha, em 1805; José Antonio Pereira Ibiapina, em 5 de agosto de 1806; João Carlos Pereira Ibiapina, em fins do ano de 1810; Teresa Ibiapina, em 11 de maio de 1811; Félix Ibiapina, em 2 de agosto de 1812 (faleceu ainda criança); Maria José Ibiapina, em 1814; e Ana Ibiapina, nascida em 1815 (ARAÚJO, 1995:17; CARVALHO, 2003:15).

A família de Ibiapina, longe de ser abastada, poderia claramente ser enquadrada na camada social intermediária, tendo em vista Francisco Miguel possuir alguns bens e suas atividades não serem vistas como atividades entendidas por “trabalho de escravo”, ou mesmo de “pobre”. Seriam talvez as atividades pesadas que os “não negros” não se submetiam mesmo que fossem pobres³.

Francisco Miguel não dispensaria a seus filhos a educação empreendida enquanto ofício. Sua herança enquanto educador seria de decisiva influência para a posição adotada futuramente por Padre Ibiapina. O desejo de ascensão social que existia na camada social intermediária, a partir da educação ou da revolução, estava incutido também no íntimo do pai de Ibiapina, que fora educado segundo os ideais iluministas e a herança revolucionária jesuítica (CARVALHO, 2003:16).

Conforme ARAÚJO (1995:35), durante os dez primeiros anos de vida (1806-1816), passados na fazenda do sertão e na vila de Sobral sempre na companhia dos pais, José Antonio recebeu apenas educação doméstica, as primeiras letras e os rudimentos da doutrina cristã. O primeiro professor de José Antônio foi seu próprio pai, que lhe ensinou as primeiras letras que havia recebido dos padres-mestres, debaixo de um clima de religiosidade e um espírito liberal revolucionário, sob a influência iluminista (ARAÚJO, 1995:22).

Francisco Miguel, ao aguardar o pedido que havia feito ao ouvidor, na povoação do Ibiapina, inesperadamente fora nomeado para Icó. Pouco após sua chegada rebentou a Revolução Pernambucana de 1817 e Francisco Miguel acompanhou os acontecimentos de longe, embora tenha assumido uma posição tácita a favor dos monarquistas. Em Icó matriculou os filhos mais idosos na escola primária do professor José Felipe.

³ Em 1816 Francisco Miguel viajou em companhia do filho Alexandre para a povoação de São Pedro de Ibiapina, divisa do Ceará com o Piauí. Ia tentar ali encontrar meios para iniciar novo trabalho e, possivelmente, estabelecer-se com a família, que havia deixado na fazenda Olho D'Água. Francisco Miguel não permaneceria rico, tanto que teve de recorrer ao ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho para conseguir-lhe trabalho de escrivão em Sobral. Recorreria também a outros meios enquanto aguardava o deferimento de seu pedido, inclusive como docente, além de ter sobrevivido, durante alguns anos, graças à agricultura e ao ensino da escola primária.

Nas palavras de ARAÚJO (1995:8), a compleição débil, quase raquítica, de novo aluno, José Antônio levou seus colegas de classe a apelidá-lo ‘Pereirinha’. No entanto, ela contrastava com a grandeza de sua inteligência e vivacidade e com notável capacidade de assimilar conteúdos das lições.

Assevera ainda HOONAERT (1994:34):

“Ali o pequeno aluno comessou a dar provas de seo talento e felizes desposições para a virtude e piedade. Desempenhava com aptidão todas as obrigações escolares e nas horas vagas eram seos melhores divertimentos ouvir Missa e assistir Missa e assistir a todos os actos religiosos que fazião nas igrejas especialmente na do Senhor do Bom Jesus do Bom Fim. Moreno, de crescimento inferior, constituição de aparência frágil ‘Pereirinha’, automásia que logo inspirou na escola era, entretanto, de inteligência lúcida e vivaz, Seu progresso nas lições assim o indicou”.

Observa-se, a partir do discurso dos biógrafos, a aproximação que ainda havia entre a Educação e a Igreja, pois esta ainda era a única instituição bem organizada burocraticamente na colônia. Além disso, Igreja e Estado andavam lado a lado durante todo o século XIX, quando o Estado ainda não era laicizado.

O interesse do estudante Ibiapina é visto pelos biógrafos a partir da imagem que está sendo construída de um indivíduo excepcionalmente talentoso, desde sua infância (CARVALHO, 2003:25). Além disso, a importância que o pai dedicava à educação foi de fundamental importância para a formação cultural e intelectual do futuro missionário. Isso nos faz pensar sobre a hipótese sustentada por alguns biógrafos, a exemplo de Francisco Sadoc de Araújo, futuro postulador da santidade de Ibiapina, de que o menino teria nascido predestinado à santidade. Seria como incutir na mente do leitor, desde os capítulos iniciais da biografia de Ibiapina que ele desenvolveria o véu da santidade desde a infância e juventude.

Mesmo assim, revestida de todo um caráter científico, a obra de Araújo não deve ser menosprezada. Deve, entretanto, ser vista com olhos atentos, para não desvirtuar a finalidade de uma biografia, que é simplesmente de caráter descritivo. O ensino de primeiras letras oferecido por Francisco Miguel a seus filhos corresponde ao que seria hoje o ensino fundamental, ou seja, ensinou-lhes a escrever, os princípios fundamentais da aritmética e os conhecimentos morais, físicos e econômicos, indispensáveis em todas as circunstâncias e empregos (CARVALHO, 2003:25).

Em Icó, José Antônio estudou por aproximadamente três anos, de 1817 a 1819, concluindo-se que o ensino que lá cursou corresponderia hoje ao ensino médio, ou seja, o estudo do que se entende por ciências humanas, naquele tempo chamadas de ciências morais e econômicas, cujo curso ordinário seria dividido em três anos (CARVALHO, 2003:25). Em 1819, seu pai foi então removido para a cidade de Crato, onde viria a exercer a função de tabelião vitalício da recém-criada comarca. Terminados os estudos de primeiras letras, ingressou no curso de Latim. Toda esta gama de informações seria responsável pela formação de uma pessoa de cultura e caráter destacáveis para a época.

Em meio ao desejo que demonstrou Francisco Miguel em proporcionar a educação aos filhos, ARAÚJO (1995:37) afirma haver um ar de interesse maior para que Pereirinha a recebesse, quando comenta: *“especialmente José Antonio, que se mostrava mais inteligente e com maior pendor para o estudo”*.

Tal afirmação do autor pode constituir-se em verdade ou não. Ao afirmar que José Antônio se mostrava “mais inteligente”, ARAÚJO (1995:18) já tem em conta uma predestinação a um futuro de glória e *status* elevado, já que Ibiapina seria mais tarde deputado, juiz, advogado e também padre. Não é que Ibiapina não era mais inteligente dentre seus irmãos. Todavia, Araújo desconsidera que João Carlos, irmão do biografado, também chegou a frequentar o seminário, concluiu o curso de Ciências Jurídicas em 1837, foi nomeado juiz de Direito de Príncipe Imperial, hoje Crateús, no Piauí, foi professor de Filosofia no Liceu do Ceará, Deputado Provincial do Ceará e funcionário da repartição da Fazenda (CARVALHO, 2003:19). Então, não podemos deixar de considerar que Araújo poderia ter direcionado seu olhar investigativo objetivando a criação de um ícone, enaltecendo suas qualidades.

Não havendo mestre no Crato, o estudante teve de interromper temporariamente sua atividade escolástica. Enquanto permaneceu no Crato, teve apenas aulas e exercícios da religião, tomadas pelo padre José Manuel Felipe Gonçalves, que acreditava ver no menino vocação sacerdotal e aconselhava constantemente a Francisco Miguel que aproveitasse a bela inteligência e o comportamento do filho para a vida sacerdotal.

Em 1820 seguiu o jovem para a recém-criada Vila do Jardim, onde viria a receber instrução de Latim com Joaquim Teotônio Sobreira de Melo, renomado mestre cuja fama corria pela região do Cariri cearense. Sua aprendizagem em Latim teve um desempenho instável. O ensino do Latim evidencia a herança jesuítica na vida de Padre Ibiapina. Conforme

ARAÚJO (1995:39), terminados seus estudos humanísticos em Jardim, Ibiapina foi considerado apto a freqüentar os estudos em Olinda. Retornou ao Crato, onde sua família já se preparava para deslocar-se até Fortaleza. Aos dezessete anos chegaria à capital cearense, de onde viajaria até Olinda.

Ao chegar em Fortaleza, as preocupações de Francisco Miguel se voltaram a procurar dar total assistência à esposa enferma e encaminhar o filho José Antônio ao Seminário de Olinda. O jovem viajou por mar, de Fortaleza a Recife, e levou consigo uma carta de recomendação do padre oratoriano Antonio de Castro e Silva, sobralense, residente na capital do Ceará, dirigida ao Padre João Dias, oratoriano do Convento da Madre de Deus do Recife, que o acolheu e depois o encaminhou ao seminário (ARAÚJO, 1995:39; CARVALHO, 2003:29).

Em 19 de agosto de 1823, a Assembléia Constituinte Legislativa decretaria a implantação de duas Universidades, uma na cidade de São Paulo e outra na cidade de Olinda. Dentre estas estaria aquela na qual José Antônio concluiria seu curso jurídico e lecionaria por um ano.

Os autores enfocam a chegada do jovem Ibiapina ao Seminário de Olinda a partir de afirmações que põem em questão o nível moral deste estabelecimento, o que teria sido a razão do afastamento de Ibiapina (CARVALHO, 2003:30).

MARIZ (1980:9) afirma que o nível moral do estabelecimento era ao tempo impróprio para a formação do caráter sacerdotal. Citando o padre Carlos Coelho, considera que esse afastamento de Ibiapina foi devido à feição laicista e quase irreligiosa do seminário, sob o pálio dos ideais da Revolução Francesa, o que teria decepcionado o estudante sertanejo, pondo o jovem Ibiapina em posição de aversão aos ideais defendidos pelo pai. Considera ainda que foram motivação do interesse de Francisco Miguel em buscar os conhecimentos para si e para seus filhos. Entretanto, ao chegar no seminário o jovem ainda não havia perdido o pai e o irmão na Confederação do Equador.

Segundo Paulino Nogueira *apud* ARAÚJO (1995:47):

“O jovem José chegara ao Seminário de Olinda em meados de 1823, mas demorava-se pouco tempo aí, por falta de necessária moralidade neste estabelecimento, como querem uns ou por falta de precisa instrução do corpo docente, como querem outros. Foi residir no Convento da Madre de Deus, onde aplicou-se devastadamente aos estudos preparatórios que lhe faltavam”

Mas ARAÚJO (1995:47) assevera em seguida:

“O jovem, primeiramente, não chegou ao seminário em meados de 1823, mas 10 de novembro. Não se demorou por pouco tempo aí, pelas duas razões apontadas, mas porque foi chamado ao Ceará pelo pai, tendo em vista o falecimento da mãe, ocorrido a 4 de novembro. Esteve hospedado no Convento da Madre de Deus, durante pouco tempo, antes de ingressar no seminário e não depois. O autor não identifica as propugnadas das opiniões sobre a saída do jovem, limitando-se a dizer ‘como querem uns, como querem outros’. A breve permanência novel seminarista já no final do ano letivo não lhe ensejava captar ‘a falta da precisa instrução do corpo docente’. A alegada falta de moralidade deveria ser atribuído não ao seminarista, na fase inicial da sua reabertura restauradora, mas sim ao Convento Madre de Deus, naquele tempo em plena decadência.”

Sendo assim, a hipótese de o jovem Ibiapina ter sofrido uma grande decepção ao ingressar no seminário fica rejeitada, pois do contrário não teria reservado matrícula para o ano seguinte, onde pretendia continuar estudando, não fosse a notícia do falecimento de sua mãe.

Retornou ao Ceará, mas tinha intenção de voltar ao Seminário de Olinda, não fosse ainda o envolvimento de seu pai na Confederação do Equador, pois este havia adotado tal causa, que lhe viria a custar a vida no dia 7 de maio de 1825. Seu irmão Alexandre, que em tudo acompanhava o pai, foi mandado preso para a Ilha de Fernando de Noronha, onde foi barbaramente trucidado. No dia 15 de outubro do mesmo ano, foi assassinado em Sobral Otaviano, seu cunhado, deixando viúva sua irmã Francisca, que havia convolado núpcias há menos de dois meses.

Entre 1824 a 1827, José Antônio permaneceu no Ceará, exceto em um breve intervalo, quando viajou ao Maranhão para resolver o problema de uma fiança que o pai tinha assumido ainda em vida.

Em meio a esse conturbado momento em sua vida, o jovem Ibiapina interrompeu seus estudos, buscando apenas leituras que o fortalecessem espiritualmente, o que evidenciava sua tendência para o sacerdócio (CARVALHO, 2003:33). Nas palavras de ARAÚJO (1995:49), entregou-se à vida de oração e à leitura assídua da Imitação de Cristo, onde encontrou consolação para o espírito.

Retornando a Recife, para alcançar a matrícula do seminário no início de 1828, Ibiapina chegou até lá com apenas duas irmãs, uma vez que Rita aos 16 anos casara-se, e João

Carlos, de 17 anos, só iria para Recife quando concluísse os estudos de humanidades. Então, seguiram com ele suas irmãs Maria José, de 14 anos, e Ana, de 13.

José Antonio matriculou-se pela segunda vez no Seminário de Olinda no dia 3 de fevereiro de 1828. No dia 11 de agosto de 1827 foi criado o curso jurídico de Olinda e, já que não as normas estatutárias do seminário não eram contrárias, Ibiapina matriculou-se em ambos os cursos.

Ibiapina foi aprovado plenamente nos exames preparatórios do curso de Direito. Frequentou ambos os cursos até 05 de agosto de 1828, momento em que abandonou o Seminário para dedicar-se exclusivamente ao curso de Direito. Razão para tal abandono do Seminário, diz ARAÚJO (1995:51) seria a possível incompatibilidade com o curso de Direito. Esse “possibilidade” merece destaque e análise. Em que tal incompatibilidade consistiria? A impossibilidade de conciliação dos ideais religiosos com os da justiça feita pelas mãos humanas? Possivelmente, o ambiente do curso jurídico faria Pereirinha refletir melhor sobre a possibilidade de se tornar padre. Havia naquele momento uma bifurcação no caminho. Seguir em frente significava ter de escolher entre a carreira jurídica e a eclesiástica.

Provavelmente a herança deixada por Francisco Miguel em relação à importância da ciência jurídica e também à consolidação de seus ideais políticos, teriam repercussão no âmago de José Antônio. Contudo, não devemos menosprezar as vantagens de natureza social, do “status”, questões bastante atrativas à maioria das jovens, o que não poderia ser diferente ao “novo chefe de família” que via suas irmãs crescerem em um orfanato, enquanto concluía seus estudos.

O Curso de Direito havia sido instalado no Mosteiro de São Bento, onde que o jovem Ibiapina havia se hospedado. Durante o período do curso de Direito Ibiapina acompanhava a vida litúrgica dos monges. Nesse ponto podemos encontrar respostas para as influências oratorianas na vida de Ibiapina e em sua prática missionária.

O abade que dirigia o mosteiro estava insatisfeito com o funcionamento do curso jurídico em suas dependências e desejava transferi-lo para outro lugar. Ibiapina resolveu solicitar ao padre João Dias, entreposto dos oratorianos e então capelão da igreja da Madre de Deus, que o acolhesse. Nessa época, o convento dos oratorianos já havia sido extinto e transformado em alfândega, permanecendo poucos padres responsáveis apenas pela manutenção da igreja, onde se acomodavam modestamente. Aí passou Ibiapina até o término do curso (CARVALHO, 2003:37).

Ressalve-se que a aproximação existente entre Ibiapina e os oratorianos não havia começado aí. Logo ao sair de Fortaleza, carregou consigo uma carta de recomendação do padre oratoriano Antonio de Castro e Silva ao padre que agora o recebera, João Dias. Igualmente oratoriano, o padre João de Deus, antes de sua morte, intercederia pela pressa em sua ordenação.

Ibiapina passaria então dois anos em companhia dos padres. O jovem não teria o interesse de absorver sua prática pedagógica, mas se assenhorearia das práticas espirituais dessa ordem. Este fato é importante, exatamente quando observamos a clara afinidade entre a espiritualidade de Ibiapina e a dessa congregação. Esta é prática e concreta. Exalta o serviço concreto e eficaz ao próximo. Aquela, por sua vez, é feita de serviço prático, de atividade incessante. Nos seus escritos o vício que Ibiapina mais condena é a preguiça, e sua maior exortação é para sempre se ocupar ao serviço do próximo quando não se está em oração (CARVALHO, 2003:37).

No curso jurídico Ibiapina foi aprovado em todos as matérias, sendo suas preferidas o Direito Natural, o Direito Eclesiástico e o Direito Criminal. Quanto ao segundo, é necessário frisar sua importância à época, uma vez que no Brasil o Estado estava ligado umbilicalmente à Igreja. O profundo conhecimento nessa área pode nos ajudar a desvendar o “porquê” de Ibiapina, em sua atuação missionária, optar por não oficializar uma nova ordem religiosa no que diz respeito às “beatas” ou “irmãs de Caridade”, face à imensa burocracia, o que certamente atrasaria sua ação missionária. Ibiapina, assim agindo, levava em consideração a praticidade, como herança das idéias oratorianas (ARAÚJO, 1995:103; CARVALHO, 2003:34).

A disciplina do Direito Criminal teria grande contribuição para a brilhante atuação de Ibiapina como advogado futuramente, fora do Recife. Ibiapina era um verdadeiro especialista na área, razão porque mais tarde seria considerado o melhor criminalista da província de Pernambuco.

Em 1832 foi titulado bacharel em ciências sociais e jurídicas. O talento de Ibiapina em sua vida acadêmica deu lugar a uma melhoria de finanças. A partir daí, conforme asseverou MARIZ (1980:13), provando estudos e capacidade no estágio acadêmico, e amparado por influência do instante, foi-lhe fácil obter a nomeação de professor substituto.

Terminado o curso de Direito, Ibiapina teria quatro meses de férias, as quais seriam aproveitadas para viajar até o Ceará e rever familiares e amigos. Ao chegar lá, visitou

o presidente da província, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, e recebeu o convite à candidatura para deputado, cujas eleições ocorreriam em março de 1833 e a posse em abril de 1834. Ante este lapso temporal, a atividade docente do jovem Ibiapina não seria atrapalhada.

Ainda em viagem, ao freqüentar a casa da viúva de Tristão Gonçalves de Alencar, então presidente da província do Ceará durante a Confederação do Equador e amigo de seu pai, o jovem Ibiapina simpatizou com a filha da viúva, Carolina, com a qual iniciaria um namoro, que logo se transformaria em noivado, prometendo casamento (ARAÚJO, 1995:63; CARVALHO, 2003:40).

Retornou para Olinda a fim de exercer seu magistério na qualidade de professor de Direito Natural. Dentre os 54 alunos novatos que haviam sido matriculados neste ano de 1833 e dentre seus discentes estava seu irmão João Carlos Pereira Ibiapina. Recebeu então o comunicado de que tinha sido eleito deputado geral, o mais votado entre os oito escolhidos para representar o Ceará na Assembléia Legislativa Nacional, o que lhe faria crescer o prestígio na comunidade acadêmica.

Lecionou normalmente até o fim do ano letivo, quando pediu demissão, no que foi atendido pelo decreto da Regência de 20 de dezembro de 1833. Seu intuito era então retornar ao Ceará a fim de casar-se e, em seguida, viajar ao Rio de Janeiro para assumir a cadeira de Deputado Geral. Tudo parecia estar se encaminhando em sua vida. Contudo, ao chegar em Fortaleza recebeu a notícia de que sua noiva havia se casado com um primo que a namorava às ocultas enquanto Ibiapina permanecera em Olinda.

Para ARAÚJO (1995:65), a frustração do casamento fracassado e a estranha atitude da noiva devem ter repercutido profundamente no espírito de Ibiapina, mas ele nunca revelou a ninguém seus sentimentos, preferindo conservá-los no silencioso obsequioso de respeito ao ato de liberdade da ex-amada.

Ibiapina dirigiu-se ao Rio de Janeiro com a finalidade de assumir seu cargo de deputado, que em exercício na Assembléia foi considerado liberal moderado. Paulino Nogueira afirma que alguns o taxaram de ingrato por ele não ter acompanhado os amigos de seu pai, liberais exaltados (ARAÚJO, 1995:63). Encerrada a sessão legislativa de 1834, Ibiapina viajou ao Ceará, vindo a assumir as funções de Juiz de Direito e Chefe de Polícia da Comarca de Quixeramobim, onde trabalhou por três meses.

Pouco tempo se passou até que Ibiapina deixou a magistratura, atribuindo-se como causa um desentendimento com o então presidente⁴, em virtude de uma absolvição dada por Ibiapina após os autos processuais e a decisão do júri, de João Rodrigues do Nascimento, que tivera seu filho morto por Pedro Vieira de Sousa. Pedro foi retirado da cadeia pelo pai da vítima, genro e sobrinho, alguns capangas e populares e, após cortar sua perna direita presa a uma corrente de ferro, mutilaram seu corpo deixando-o em pedaços. O Dr. Ibiapina constatou que o juiz de paz municipal da cidade de Tauá, de maneira ilícita, pressionado pelo presidente da província e, em meio a outros procedimentos que estavam em desacordo com as normas do Código de Processo Criminal, havia dado início a instauração do inquérito (CARVALHO, 2003:42).

Antes de deixar o cargo de juiz, porém, Ibiapina tinha feito exigências com o objetivo de bem exercer a ordem na comarca. O que fez com que o presidente Alencar começasse a se irritar com a transparente sinceridade e o comportamento enérgico do jovem magistrado. Dentre tais exigências, consoante destacou MARIZ (1980:22), Ibiapina não se esqueceu de requisitar ao presidente uma escola e falar várias vezes em educação como base de qualquer reforma.

Acrescenta ARAÚJO (1995:81) que:

“Requisitou, para benefício do povo, uma escola de primeiras letras. Para a V. Exa. convencer-se que é grande a necessidade, basta dizer-lhe que este termo podendo dar quase 300 jurados, só deu cento e tantos porque os outros, tendo os mais requisitos, não sabem ler”.

Em virtude desses desentendimentos, Ibiapina pediu demissão e, em 1835 retornou ao Rio de Janeiro, após o recesso parlamentar, quando reassumiu seus trabalhos legislativos. Encerrados seus trabalhos na Assembléia Nacional de 1837, por razões que os biógrafos não esclarecem, Ibiapina não quis se candidatar novamente, talvez mesmo por ter-se decepcionado ou se desenganado com a seriedade dos homens, o que era bastante evidente na atuação parlamentar que ele pôde observar.

Podemos refletir sobre o porquê de Ibiapina não ter se candidatado novamente à Assembléia Legislativa. Talvez as razões pudessem residir na falta de apoio político em

⁴ O padre José Martiniano de Alencar, que havia sido amigo de seu pai, era o então presidente da província cearense. Ele é quem havia conseguido as passagens para que o jovem fosse até Recife para reiniciar seus estudos.

decorrência das desavenças com o presidente da província do Ceará. Entretanto, havia sido oferecida a presidência da província de Pernambuco pelo regente Pedro Araújo de Lima e ainda uma proposta de se tornar Ministro da Justiça, todas recusadas por Ibiapina.

A começar daí passou a exercer a advocacia, estabelecendo uma banca na cidade de Recife. No início de 1838, o jovem advogado foi convidado para ir à Vila Real do Brejo de Areia, Paraíba, a serviço de demorada ação comercial. Retornou ao Recife, onde trabalhou durante a década de 1840, dedicando-se ao estudo do Direito e ao trabalho de advogado (MARIZ, 1997:36).

Aos 19 de março de 1840, Dom Tomás Noronha, bispo resignatário de Olinda, assume a direção do curso jurídico e convida o Dr. Ibiapina para retornar ao magistério naquela academia. Recusou tal oferta por razões pessoais, passando a dedicar-se ao seu escritório de advocacia exclusivamente (ARAÚJO, 1995:96; CARVALHO, 2003:43). Dez anos depois, em 1850, Ibiapina abandonaria a advocacia. Tinha, então, 44 anos de idade, talvez o ápice de seu conhecimento jurídico. Por que o fez?

1.2 A opção pela vida monástica

Como foi que o maior missionário do Nordeste somente se ordenou aos 47 anos de idade? Foi uma longa história feita de muitos dramas. Os padres e religiosos, em geral, poderiam dizer que esses 47 anos teriam sido certamente “preparação providencial”. Entretanto, ao historiador cabe questionar essas certezas e explicar essas construções fundadas nos apelos religiosos e ideológicos. Não teria sido a opção de Ibiapina uma das poucas possíveis num contexto de forte dominação política? Não teria sido a religião e a autoridade de que se investe um meio de intervir histórica, política e socialmente na dura realidade em que vivia? Isto não tem nada a ver com “predestinação” ou “preparação providencial”, ao contrário, pode ser claramente questionado e compreendido historicamente.

Por isso, a história dos 47 anos de vida laica é muito interessante. Ela explica muita coisa do método missionário, da intuição fundamental de Ibiapina. Ela deve também fornecer a explicação do porquê de o padre Ibiapina uma vez ordenado haver tomado a

decisão que surpreendeu a todos e que o bispo somente aceitou com resignação, a decisão de ser missionário no interior.

Em 1816, quando a família de Ibiapina se transferiu para a vila de Icó, a família passava por muitas dificuldades financeiras. Ibiapina se hospedou, então, na casa do padre Antônio Manuel de Sousa, que se ocupou de sua educação religiosa e foi um importante padrinho. Nesta época, Ibiapina já estava consciente da fragilidade da justiça e da política de sua região, especialmente pela convivência com seu pai, serventário da justiça, que o fez conhecedor dos bastidores do poder.

MARIZ (1997:15) apresenta como o maior dos aborrecimentos que ele teve como magistrado:

“[...] que lhe chocou os princípios de independência justiça foi a absolvição de um crime bárbaro, absolvição unânime num júri acionado por poderosos locais. [...] Outro diz que a decepção foi pelo inquérito que nunca descobriu o autor do crime horrendo, o assassinato a frio de preso retirado da cadeia. Um crime de características sóbrias, cujo processo passa em suas mãos resulta no tumulto das providências e na inanidade das provas, levando o próprio juiz de direito a amparar o criminoso, inculpada diante dos autos nulos”.

Já em 1834, quando fora eleito deputado, Ibiapina posicionava-se como um defensor das questões sociais, opondo-se, muitas vezes, a políticos e autoridades influentes. Após terminar sua legislatura, Ibiapina se dedicou ao ofício de advogado, principalmente em causas de pessoas humildes e sem posses. Mas a advocacia não era o que realmente satisfazia a inquietude de seu espírito.

Talvez decepcionado com a vida, com o matrimônio e com os homens, resolveu então abandonar a promissora carreira. Aos 46 anos, Ibiapina largara o Direito após ter passado três anos isolado, em casa, no Recife, como se estivesse se penitenciando pelas distorções da sociedade. Viveu Ibiapina durante três anos a solidão e os exercícios espirituais, freqüentando apenas sacerdotes e pessoas da Igreja. Todos percebiam nele a vocação sacerdotal, mas ninguém tinha coragem de falar-lhe no assunto.

Então, num domingo à tarde, o Dr. Américo Magalhães, em visita ao Dr. Ibiapina e a pedido do cônego Lourenço Correia de Sá, do padre Francisco José Tavares da Gama e de outras pessoas, fez-lhe a seguinte pergunta: “*Doutor, o Sr. nesta vida assim... por quê não se ordena? Pois não é melhor?*”(MARIZ, 1997:53). Ibiapina aceita a proposta sob a

condição de não se sujeitar a exame algum, por se sentir já preparado. O bispo Dom João aceitou tal condição, já que havia o apadrinhamento de outros religiosos e autoridades, além de Ibiapina ter alcançado grande prestígio em sua atuação política e jurídica.

No domingo seguinte, exatos 12 dias do mês de junho de 1853, recebeu as duas primeiras ordens menores de ostiário eleitor e a 18 do mesmo mês os de exorcista e acólito. No dia 19 foi-lhe conferido o subdiaconato. No domingo 3 de julho foi ordenado sacerdote. Contava com exatos 46 anos, 10 meses e 27 dias (ARAÚJO, 1995:96).

Os projetos que a Igreja tinha para Ibiapina não poderiam ser outros senão de ordem administrativa e burocrática, assim como era para todo padre secular. Então, por decreto imperial em 15 de fevereiro de 1854, foi nomeado lente de Eloquência Sagrada do seminário de Olinda, função que exerceria apenas no ano seguinte quando reabrisse a casa, fechada no momento por alguns problemas financeiros.

No ano de 1885 Ibiapina lecionou história sagrada e eclesiástica no seminário de Olinda, e se dedicou à direção espiritual de alguns alunos. Também nesse ano recebeu as primeiras notícias de uma epidemia de cólera que se alastrava pela Bahia e ameaçava atingir Pernambuco (CARVALHO, 2003:45). Todos os esforços profiláticos não seriam suficientes para conter o avanço da doença pelas demais províncias do Nordeste.

AGRA (2003:22-30) faz uma análise sobre as condições em que viviam os paraibanos no período de transição entre os séculos XIX e XX⁵, e chama atenção para epidemias e endemias naquele momento, como as disenterias, a tuberculose pulmonar, ou peste branca (afecções pulmonares e misentéricas), a malária ou impaludismo, as febres (geralmente denominadas de febre de não caráter) e as doenças da infância.

É nesse contexto que Ibiapina decide então abandonar o magistério e outros afazeres burocráticos para dedicar-se ao socorro dos doentes e pobres. Esta é a causa primeira da ação missionária que Ibiapina inaugurou junto à população. Em meio a sua preocupação social, deixou tudo para tornar-se missionário nos sertões. É neste ponto que os biógrafos tracejam sua linha de transformação em santo (CARVALHO, 2003:46). Da caridade desenvolvida nos sertões desguarnecidos da ação governamental é que se começa a desenhar a figura do santo missionário.

⁵ O autor faz uma análise a partir de uma pesquisa em jornais e autores como Irineu Joffily e Eupídio de Almeida, bem como, e principalmente, em documentos oficiais (inquéritos sanitários).

No dia oito de dezembro, aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria, Ibiapina decide alterar seu nome, passando a assinar sem o sobrenome Pereira, substituindo-o pelo complemento “de Maria”. Sagrou-se naquele momento o nome que marcaria indelevelmente a sociedade sertaneja: José Antônio de Maria Ibiapina (ARAÚJO, 1995:122). E seguiu rumo às missões, enfatizando sua paixão religiosa. Começava aí a parte mais ativa de sua vida.

Até então somente os frades eram missionários. Antes de Ibiapina o Nordeste tinha sido evangelizado por missionários, jesuítas nos tempos antigos e capuchinhos nos tempos mais recentes, sobretudo capuchinhos italianos, mas nunca por sacerdotes seculares. Estes eram sempre vigários ou trabalhavam na administração da diocese. Ibiapina resolveu romper os quadros estabelecidos e lançar-se sozinho na vida missionária.

1.3 As obras do padre Ibiapina

A utopia cristã de um mundo de justiça, paz e simplicidade foi semeada Padre Ibiapina nos sertões nordestinos do Brasil como ânimo em meio ao sofrimento imposto às populações por tantos anos.

A partir de meados do século XIX, o sertão nordestino foi convulsionado pela pregação de um missionário que exprobase a riqueza como fonte do mal, convocando os pobres a se unirem, sob a Palavra de Deus, para mudar as condições de abandono e injustiça a que eram relegavam pelos poderosos. Padre Ibiapina inicia uma vida de peregrinação pelo interior de todo o Nordeste para levar a mensagem confortadora do Evangelho e os dons da caridade aos irmãos mais humildes e abandonados. Numa época de estradas ruins e incipientes meios de transporte, padre Ibiapina, a pé ou a cavalo, fez caridade nos mais esquecidos recantos do sertão nordestino. Em suas andanças pelo interior das cinco províncias, em meio aos turbilhões de *Cólera Mórbus*, começou a construir cemitérios e hospitais. Junto desses hospitais o padre Ibiapina foi construindo os seus asilos para as órfãs.

As províncias percorridas e que presenciaram a ação de Ibiapina, medem 601.758 quilômetros, 7,07% do território nacional. Descontando-se as partes do Piauí, Ceará e Pernambuco não visitadas por Ibiapina, sua área de atuação corresponde aproximadamente à

área do Estado da Bahia. As províncias da Paraíba e Rio Grande do Norte, com exceção das cidades e vilas do litoral, foram totalmente visitadas pelo missionário. A população total destas cinco províncias, pelo recenseamento de 1872, era de 2.385.182 almas.

Do Piauí a Pernambuco, por diversos vilarejos, os trabalhos de Padre Ibiapina resultaram na construção de hospitais para acolher os doentes; cemitérios para sepultar milhares de vítimas da cólera; Igrejas e capelas; açudes na região seca para aliviar a sede, o que na época consistia no mais avançado recurso tecnológico para este fim; e ainda as 23 casas de caridade, que abrigavam as pobres órfãs.

Na província de Pernambuco padre Ibiapina fundou três casas de Caridade: a de Bezerras em 1867, a de Nossa Senhora do Triunfo em 1871 e a de Pombas (Vila de Crato) no ano de 1876. A província natal do padre Ibiapina foi palco da fundação de sete casas de Caridade: Gravatá do Jaburu, inaugurada em 1860; duas inauguradas em 1862 em Sobral e Santana de Acaraú; em 1864 foi fundada a de Missão Velha; em 1868, a do Crato; e em 1869, em Barbalho e Milagres.

No Rio Grande do Norte o Padre Ibiapina fundou três casas de Caridade, sendo no ano de 1860 em Santa Luzia do Mossoró; e no ano de 1860 em Açú e Acari. Na Paraíba o padre Ibiapina fundou dez casas de Caridade: em 1863, na localidade de Santa Luzia do Sabugi; em 1866 nas localidades de Alagoa Nova, Areia, Santa Fé, Pocinhos e Pombal; em 1867 na cidade de Cabaceiras; em 1868 na cidade de Campina Grande; e no ano de 1869 em Cajazeiras e em Sousa.

Na mente de Ibiapina, a religião devia não somente preparar para a vida eterna os pecadores arrependidos, mas também criar melhores condições de vida lutando contra o que hoje se chama pecado social ou estrutural. Tratava-se de mobilizar as energias latentes no povo para responder às necessidades mais urgentes. Por isso as missões de Ibiapina incluíram sempre grandes obras a serviço do povo.

As necessidades do povo eram óbvias. Tratava-se de responder às urgências. Todas as obras de Ibiapina são obras de emergência. Assim, desde o início em 1862, chegando a Areia e Alagoa Nova Ibiapina descobre a epidemia de cólera. Constrói ali hospitais de emergência para os coléricos.

As necessidades mais urgentes eram em primeiro lugar os cemitérios, porque os corpos dos defuntos estavam expostos e a perspectiva de serem devorados pelas feras aterrorizava o povo. Em segundo lugar, havia a falta de água, daí a construção de açudes.

Ibiapina mandou construir dezenas de açudes e cavar dezenas de cacimbas. Em alguns lugares as igrejas desmoronavam. Ibiapina mandou restaurar ou construir dezenas de igrejas e capelas. Em outros lugares deixou hospitais, asilos para os velhos, ou abriu caminhos.

Todas estas obras foram edificadas em mutirão pelas pessoas que o ouviam nas missões e que, motivadas por seus discursos, retiravam de sua miséria forças e recursos para aceitar o chamado do padre. A chegada do Padre Mestre Ibiapina é a boa-nova que sacode o isolamento das fazendas, arrastando de centenas de léguas distantes milhares de pessoas que vêm ouvir a pregação de um Evangelho que fala de trabalho, cooperação, caridade, oração e harmonia entre os homens como uma vida santa, único caminho para a salvação.

Dada a ausência total de um sistema social organizado e a carência das autoridades políticas nas províncias do Nordeste, Ibiapina achou que ele próprio estava qualificado para tomar a iniciativa. Nesse empenho ele revelou um carisma extraordinário para reunir o povo, despertar esperanças e levantar os ânimos.

Sua missão é evangelizadora e civilizadora. Resgatando o antigo costume do mutirão, direciona seu apostolado no sentido de organizar o povo para a resolução dos problemas mais agudos como falta de hospitais, açudes, escolas, orfanatos e cemitérios, preenchendo o vazio deixado pelo absentismo do Estado.

Ressalte-se que esse verdadeiro movimento de massas ocorreu no sertão brasileiro do século XIX, um local esquecido pelas elites, isolado do restante do país, sem estradas e qualquer meio de propaganda, a não ser o entusiasmo dos crentes transmitindo de boca em boca o milagre que era a bondade do Padre Ibiapina.

A pé e a cavalo Ibiapina percorreu os caminhos mais ásperos animando o povo que, aos milhares, percorriam centenas de léguas para esperá-lo onde estivesse marcada uma santa missão. Tinha um poder convocatório extraordinário. Cerca de seis mil pessoas se organizaram em Barbalha (sul do Ceará) e em um mês construíram uma Casa de Caridade (hospital, orfanato e escola), um açude e um cemitério.

Enfrentando uma epidemia de cólera, Ibiapina construiu com seu povo lazaretos onde se entregou ao tratamento dos doentes; preparou beatos e beatas com noções de enfermagem; realizou campanhas para arrecadação de recursos; deu consolo aos aflitos, confissão e extrema-unção aos moribundos; e incentivou aos piedosos para que dessem enterro cristão aos moribundos, em cemitérios isolados, como forma de evitar a disseminação da peste.

Mas a principal marca do padre Ibiapina foram as chamadas Casas de Caridade, que começaram a surgir na época da grande epidemia de cólera que se alastrava por Pernambuco. Nelas era prestado atendimento de saúde aos doentes mais pobres. Enfrentando muitas dificuldades construiu tais casas, onde os sem-nada dos quatro estados tinham de tudo. Mais tarde, com a ajuda de algumas religiosas missionárias, as Casas de Caridade passaram a oferecer formação moral e intelectual para os jovens e a abrigar órfãos e abandonados.

Os edifícios das Casas de Caridade foram projetados visando não apenas a um espaço linear, mas um lar para órfãos e, em alguns casos, pensionistas, em um ambiente religioso onde havia uma capela e hospitais, onde se atendia a comunidade interna e também a comunidade externa. Ibiapina orientava pessoalmente a construção dos prédios das Casas de Caridade, salientando a necessidade de espaço e ventilação dos cômodos, higiene e a plantação de árvores frutíferas em todos os quintais, enquanto valorizava os hábitos mais salutar da cultura sertaneja.

Muitos padres aderiram à sua cruzada, como Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque, Graciano Gomes de Sá Leitão e João Marrocos, mortos nos lazaretos quando tratavam dos milhares de infectados. Contudo, não foram apenas obras materiais que padre Ibiapina construiu. Acalentou as pessoas, pregou a Palavra de Deus, apaziguou inimizades e disseminou o amor, como relatam alguns de seus biógrafos. Voltado para o soerguimento das baixas camadas sociais, alfabetizou centenas de rapazes e moças.

"Trabalho", "não perder tempo", "luta contra a preguiça" são os temas mais constantes nas exortações do Padre Mestre.

1.4 Santa Fé e os últimos dias de Padre Ibiapina

Uma região de densas baraúnas às margens de um riacho, onde havia abrigo, água e pastagem para seus animais, conhecida como Baraúnas das Araras, em razão do grande número de aves desta espécie que a habitavam por volta do início do século XIX. Este é o cenário em que, no ano de 1860, chegou o padre José Antonio de Maria Ibiapina e decidiu fundar naquelas imediações a Casa de Caridade Santa Fé.

Na mesma época, proveniente da cidade de Areia, município no qual estavam engastadas as terras das Baraúnas das Araras, chegava a esta localidade um major de patente franqueada, conhecido por Antonio José da Cunha, que, tendo adquirido sesmarias de terras do Governo Imperial, procurava explorar as jazidas de calcário existentes na região. Por intermédio de sua esposa, a Sra. Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, religiosa fervorosa, foi feita a doação de terras para a construção da Casa de Caridade Santa Fé e da primeira capela da região, instaladas no ano de 1866.

Aquela casa de Santa Fé, como assevera MARIZ (1997:79) foi “a menina dos olhos de Ibiapina”. Foi fundada pelo Padre Ibiapina no dia 1º de maio de 1866. No edifício da Casa de Caridade de Santa Fé há uma estrutura que facilitava a visibilidade, o controle e a vigilância. Localiza-se num local elevado, seco, bem arejado e com sol.

Os prédios das Casas de Caridade⁶ eram construções notáveis para a época, em cujas dependências por vezes eram instalados salas de aula, enfermarias, capelas, refeitórios e dormitórios com capacidade para vários leitos.

Embora a finalidade de sua existência fosse abrigar e educar as órfãs, as Casas de Caridade, a exemplo de Santa Fé, também aceitavam mulheres que faziam parte da elite, demonstrando assim a credibilidade dessas instituições perante os mais abastados, as quais confiavam a educação de suas filhas. Essas pessoas geralmente contribuíam com a manutenção das Casas de Caridade. As moças escolhidas por Ibiapina para trabalhar nas casas geralmente se destinavam ao ofício de mestras de Letras. Diferentemente, Dona Cândida Americana, agora viúva⁷ do Major Cunha, assumiu um papel de direção naquela instituição⁸.

Era em Santa Fé, pois, que o Padre Ibiapina viveria seus últimos dias. A *via crucis* do Padre Ibiapina foi longa. Nos seus últimos anos permaneceu em Santa Fé servindo sempre enquanto pôde na administração e orientação das Casas de Caridade, de onde se correspondia com as outras casas.

Entre 1875 e 1883, padre Ibiapina teve que permanecer ali, não lhe sendo mais possível prosseguir nas suas viagens missionárias. Em abril de 1876, Padre Ibiapina chegou a

⁶ Os edifícios das Casas de Caridade eram levantados a partir da prontidão das pessoas, com recursos locais além da força física voluntária. Padre Ibiapina escolhia um de homens e o outro de mulheres para cuidar dessas casas. A equipe masculina [os Gedeões] angariava recursos para manter a obra. Já a feminina, chamadas Irmãs de Caridade, cuidava do trabalho interno, gerindo administração e disciplina.

⁷ Em 1881, morreu o major Antonio José da Cunha.

⁸ Dona Cândida entregou-se com ardor ao serviço religioso, sobretudo ao daquela instituição de Ibiapina. Sem propriamente receber o manto de beata, haja vista sua condição de casada, era quase beata, passando dias seguintes na Casa de Caridade, sua diretora de fato desde a fundação (MARIZ, 1997:80).

Santa Fé carregado nos ombros, gravemente doente. O mal se agravou. Em maio produziu-se a paralisia das pernas. Doravante, o missionário passou os seus últimos anos de vida atado a uma cadeira de rodas e ao leito. Houve um progressivo agravamento da doença, que pouco a pouco o limitou muito.

Na sua correspondência, que aumenta nesse momento, ele nunca faz alusão à sua paralisia, nem aos seus outros males. Resolve continuar dirigindo pessoalmente o centro de Santa Fé e, pelo menos através de cartas, a Casa de Pocinhos. Mas também para as outras ele escreve, exorta, orienta. De Santa Fé continua distribuindo auxílios às Casas que deles precisam. Em Santa Fé ele quer estar a par de tudo, examina tudo, incentiva todos os trabalhadores, as órfãs, as irmãs. Fiscaliza o ensino, os trabalhos manuais. Com a sua cadeira de rodas, está presente em todas as atividades.

Em maio de 1879 o padre Ibiapina sofreu uma congestão cerebral seguida de uma pleurisia. Recebeu os últimos sacramentos. Mas ainda não havia chegado sua derradeira hora. Pouco a pouco ele melhorou até recuperar a condição em que estava desde 1876. Assim mesmo, logo retomou as suas atividades. Queria saber de tudo e dirigia da sua cadeira de rodas todas as atividades da Casa. Presidia a distribuição dos socorros durante a seca. Controlava as escolas. Visitava o hospital edificado nas imediações da Casa de caridade, exortava os doentes e as enfermeiras. Na igreja situada perto da Casa, atendia os peregrinos de passagem, ensinava, exortava, dava o catecismo.

Depois da congestão de 1879, cada ano sofreu um novo ataque. Em janeiro de 1882 o ataque foi mais grave. Sofria de problemas vasculares que culminaram em alguns derrames. Ele pensou que a sua morte fosse iminente. Mandou abrir sua sepultura. Mas na realidade a agonia prolongou-se durante mais de um ano.

Ele disse às suas filhas: "*Minhas filhas, suas orações foram ouvidas; o Coração de Jesus me concedeu ainda hum anno de vida, mas findo este, elle despachará a minha petição*" (Crônicas, HOONAERT, 1981:112). Aproveitou o seu último ano para multiplicar as exortações nas visitas que recebia, nas conferências espirituais que dava às irmãs.

Chegou o mês de fevereiro de 1883. O estado de Ibiapina tornou-se mais grave. Ele teve vários ataques sucessivos que o deixaram cada vez mais fraco. O fim se aproximava. Permaneceu lúcido até o fim, informando-se sobre a marcha das Casas, procurando dar algumas últimas instruções.

Chegou o dia 19. A irmã que escreveu a última parte da Crônica evoca os últimos momentos de Ibiapina da seguinte maneira:

"às 6 horas da manhã, meu Pai olhou para certa altura, ficou possuído de uma alegria extrema apontou e disse: 'Maria!' E repetiu segunda vez: 'ali está Maria'. Riu-se e perguntou a minha Mãe: 'Minha filha: vocês estão vendo Maria? Minha? Mãe olhou e disse: 'não vejo nada não, meu Pai'. Entrou gente no quarto e elle calou-se; logo que se retiraram, elle tornou-se a encher de prazer e disse, apontando para o mesmo lado: 'Lá está Maria. Minha filha, olhe!' E minha Mãe procurava para ver e disse: 'não vejo, meu Pai', e ele repetia: 'lá está Maria'. Ficamos sabendo que Nossa Senhora appareceu a seu servo na extremidade da vida, como tem feito aos Santos. Portanto seja Maria..." (Crônicas, HOONAERT, 1981:116).

Então, no dia 19 de fevereiro de 1883, aos 76 anos, numa modesta casinha de taipa na localidade de Santa Fé, próxima ao povoado das Baraúnas das Araras, falecia o Padre Ibiapina, após ter vivido 76 anos. Em Santa Fé foi sepultado. Finalizava-se naquele momento um capítulo importante da história religiosa do Nordeste brasileiro. Ibiapina sofreu, viveu e fez a história com seu povo, atravessando o conturbado século XIX de muitas revoluções e da seca de 1877.

Após a sua morte muitas de suas Casas de Caridade entraram em decadência por falta de interesse do clero em continuar suas obras, mas algumas resistiram, como foi o caso de Santa Fé, que hoje não exerce mais suas funções religiosas de origem, uma vez que o comércio, juntamente com o caráter laico, também ocupam lugar de destaque nesse ambiente.

A partir daí seguem-se cem anos de imersão em um quase total esquecimento.

CAPÍTULO 2: REVIVER IBIAPINA

Como vimos no primeiro capítulo, de acordo com Mariz, algumas décadas após a morte de Padre Ibiapina, as casas de caridade entraram em decadência. Esse fato pode ser atribuído a dois fatores. Primeiramente à maneira como a própria igreja via o trabalho do missionário. Em segundo lugar, ao fato de o próprio Ibiapina não haver preparado um sucessor, o que impossibilitou a continuidade da ordem religiosa criada por ele, que administrava os referidos estabelecimentos.

O presente capítulo tem com objetivo apresentar aspectos relacionados ao reavivamento do trabalho de Padre Ibiapina, sobretudo no que diz respeito à fé, procurando entender a transformação da localidade de Santa Fé em um Santuário que recebe pessoas de vários cantos do Brasil.

Para isso, faremos uso de entrevistas realizadas com pessoas da comunidade que vivenciaram esse momento histórico, bem como relatos de romeiros que visitam o santuário por ocasião da missa de aniversário de morte, a qual ocorre anualmente no dia 19 de fevereiro, ou seja, utilizaremos como suporte metodológico a história oral, pois entendemos que através dela podemos “reconstruir” os discursos cotidianos que geralmente não estão registrados em outros tipos de fontes.

Para ALBERTI (2004), as entrevistas, utilizadas como fontes históricas, são pistas para conhecer o passado. No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidas *a posteriori*. Portanto, o passado existiu independentemente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras.

Não podemos esquecer que todas as narrativas são “válidas”, ou seja, são versões que não cabem ao pesquisador julgá-las, e sim discuti-las. Para a referida autora, é impossível reproduzir o passado em todos os seus meandros, tal qual realmente aconteceu. E a história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidade, cabendo ao pesquisador selecionar acontecimentos, conjunturas e modos de viver para conhecer e explicar o que passou. Daí percebemos a importância da história oral para este trabalho, pois há nela uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos, pessoas que retratam ações passadas através de memórias individuais. É da experiência que se trata. Sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que para nós é valioso: aquele que faz do homem um

indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem distantes.

No contexto da História Oral, devemos incluir a gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida. Ela é uma narrativa do passado que melhor nos aproxima da constituição de uma dada realidade, no caso, o crescimento de devoção a Padre Ibiapina.

2.1 Primeiro centenário de morte

A quantidade de trabalhos realizada por Ibiapina em 15 anos no sertão, sem nenhuma ajuda exterior, tão-somente com os diminutos recursos de uma população muito escassa, muito dispersa e muito pobre, é algo grandioso. Mas, após sua morte, tudo isso parecia ter desaparecido junto com sua vida.

Sozinho, Ibiapina não achou ninguém para entregar as obras que tinha fundado. Ibiapina não estava ligado por esquemas tradicionais próprios de uma congregação como estavam os capuchinhos e como estiveram depois deles os redentoristas, lazaristas, franciscanos e outras congregações dedicadas às "missões interioranas".

As irmãs das Casas de caridade sobreviveram quase cem anos depois da sua morte. Mas Padre Ibiapina não deixou ninguém para continuar a sua obra. Quando um religioso morre, sua obra só será muitas vezes continuada por outros religiosos da mesma congregação. Entretanto, Ibiapina não pertencia a uma congregação e os sacerdotes seculares não sentiam nenhuma vocação para reassumir uma obra tão diferente do trabalho de vigário de paróquia⁹. Por isso, sem apoio de bispos, de sacerdotes ou de religiosos homens, elas não tiveram força suficiente para se manterem e responder ativamente ao desgaste do tempo.

Podemos citar três elementos decisivos para a comunidade das beatas do Padre Ibiapina paulatinamente ir desaparecendo: a circunstância dele não ter conferido à sua comunidade um estatuto "jurídico" que lhe garantisse a sobrevivência após a morte do

⁹ Até então missionários eram somente os frades. Antes de Ibiapina o Nordeste tinha sido evangelizado por missionários, jesuítas nos tempos antigos e capuchinhos nos tempos mais recentes, sobretudo capuchinhos italianos, mas nunca por sacerdotes seculares. Estes eram sempre vigários ou trabalhavam na administração da diocese. Ibiapina resolveu romper os quadros estabelecidos e lançar-se sozinho na vida missionária.

fundador; a falta de interesse por parte de muitos vigários; e a ausência de simpatia por parte dos bispos posteriores pela forma de vida religiosa das beatas.

Neste momento, quando se apagavam as últimas das instituições fundadas pelo Padre Ibiapina começou a haver um interesse pelos métodos do grande missionário. Entre 1983 e 1987, o CEHILA-Popular¹⁰ organizou simpósios anuais a respeito de temas históricos de interesse popular, dentre os quais, em 1983, foi analisada a situação do Padre Ibiapina, realizado na cidade de Lagoa Seca, Paraíba, de 18 a 20/02/1983.

“Tendo em mente esse rico testemunho do padre Ibiapina, o CEHILA popular [...] e a Diocese de Guarabira, na sua clara opção pastoral pelos pobres, decidiram, neste ano centenário da sua morte, realizar um Simpósio em torno da sua figura e a sua obra. Assim, estivemos reunidos para refletir e debater, no referido Simpósio, em Lagoa Seca, na Paraíba, pesquisadores de história, pessoas interessadas pelos movimentos populares, agentes de pastoral, religiosos, padres e bispos”. (HOONAERT, 1984:7)

Neste ano (1983), o povo comemorou, de modo especial, o centésimo aniversário de sua morte, considerada como glorificação dos seus méritos junto a Deus. E assim HOONAERT (1984:6) testifica:

“Na romaria, nas apresentações populares e na missa campal concelebrada pelo bispo e por vários padres desta Diocese, houve muita gente. Todo mundo ovacionou o santo padre Ibiapina, fazendo eco àquela festa do céu, quando, na imaginação popular, os anjos e santos aplaudiram, há cem anos, o gesto do Divino Juiz acolhendo o seu fiel servidor [...] É claro que **as pessoas do povo pensavam em fatos concretos: nos fartos almoços de que todos os pobres participavam em missões do padre Ibiapina; nos açudes d’água que ele construía em mutirão com o povo do Nordeste, flagelado pelas secas; nas 22 casas de caridade onde acolhia pobres a abrigava órfãs desamparadas, educando-as para a vida; nos hospitais que ele edificou com o povo para recolher os doentes tão numerosos do interior; nos cemitérios para sepultar com dignidade os corpos de tantos mortos, sobretudo no tempo da peste... (...)**”. [grifos nossos]

É certo que, na comunidade de Santa Fé, um pequenino grupo de pessoas, sempre celebrou a memória de Ibiapina desde sua morte, anualmente. Mas o cerne desta

¹⁰ CEHILA é a sigla referente ao Centro de Estudos Históricos Latino-Americanos. O CEHILA-popular é o projeto de versão popular, criado em 1977, na cidade de Salvador-BA. O CEHILA no Brasil esforçou-se então para se escrever uma “história popular” da Igreja.

pesquisa é saber em que ponto e por qua(l)(is) causa(s) é que se agigantou essa celebração, esse movimento de fé, até que se tornasse a romaria hoje existente.

O material do simpósio de 1983 foi publicado com o título *Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres*. Em 1984, foi estudada a situação do Nordeste no final do século XIX, ilustrada pelas figuras de Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Padre Ibiapina. Foi então que apareceram novas figuras para escrever uma cena de ressurgimento de Ibiapina como ícone. Dentre estas figuras, podemos destacar a figura de Gaspar Rafael da Costa, filho da pequenina Arara, que muito contribuiu para a revitalização da memória de Ibiapina.

Hoje padre, Gaspar Rafael, no limiar de sua juventude, com cerca de 18 anos de idade no início da década de 1980, teve participação decisiva para o ressurgimento de Ibiapina no cenário religioso. Nosso entrevistado foi um dos idealizadores da realização de uma procissão entre Arara e Santa Fé, lá pelos idos de 1983. Segundo ele nos contou¹¹, em 1983 era ainda vereador de Arara, um jovem universitário, não tinha idéia da proporção que essa peregrinação iria tomar, mas já tinha uma percepção futurista do que se avultaria. Da vocação sacerdotal nascida com o advento de Ibiapina em sua vida, Gaspar Rafael da Costa, nos revela o entusiasmo que lhe traz o tema.

Na década de 1980, então um jovem estudante, morador de um rincão escondido do Brejo Paraibano, Gaspar Rafael, ao que nos parece, já antevia o futuro promissor de Santa Fé. Ele nos desenhou um quadro da vida de Ibiapina que revela a presença de elementos – uma história de vida voltada para os pobres, uma formação cultural elevada, o véu da santidade, as dificuldades do meio ambiente hostil, o sofrimento das doenças e uma morte envolta em um clima místico – capazes de formar um contexto propício para o surgimento da devoção ao “santo”.

Gaspar Rafael tornou-se um profundo conhecedor da causa de Ibiapina. Conhece bem a burocracia canônica. Como tal, ele nos afirma que o processo de beatificação e canonização de Padre Ibiapina encontra-se na *congregação para a causa de santos*, nas mãos dos cardeais responsáveis. Para ele, Padre Ibiapina já está entre aqueles que merecem o título de “servo de Deus”.

A partir do “sonho” de não ver a memória de Ibiapina apagada, como ele mesmo afirmou, Gaspar tornou-se idealizador e um dos responsáveis pela emersão dessa fé. Ele transparece todo seu interesse em transformar Padre Ibiapina num ídolo, num ícone

¹¹ Confira a entrevista na íntegra em anexo.

católico regional, que desperte o interesse das pessoas simples do povo, mas também da universidade, como referencial de grande missionário.

O jovem Gaspar, amparado pelas autoridades eclesiásticas da região, direcionou-se para Sobral (CE), pôs Ibiapina em destaque, focalizou a importância de sua obra, de seu legado. A todo instante, transparece-nos sua admiração por Ibiapina. É como um fã falando de seu ídolo. Como na apresentação de uma pessoa importante, ele nos apresentar seus atributos, como num “cartão de visitas”, para que reconheçamos nele as qualidades que vemos num “santo”. Também enfoca a atuação da hierarquia da Igreja na celebração dessa fé. São muitos padres, bispos e autoridades que se fazem presentes à mesa de celebração do “santo”. Por fim, num ato de modéstia, afirmou-nos que a responsabilidade pela atração da multidão até Santa Fé é a história desse homem (Ibiapina) e o testemunho que deixou para a história da igreja.

Outro personagem que nos chamou atenção é o Senhor José Bernardino dos Santos, popularmente conhecido como “Dedé”, um marceneiro, típico e pacato habitante da comunidade de Arara, que, tendo sido responsável pela fabricação do andor que conduziu o retrato do Padre Ibiapina durante a primeira procissão, nos idos de 1983, tem muito a nos dizer.

Quando indagamos estas pessoas podemos notar que o entusiasmo muitas vezes pode ser responsável pela distorção de alguns fatos, a depender de quão envolvidos possam estar na transformação de Padre Ibiapina num mito. É assim que, por exemplo, ao coletarmos dados acerca de quantos fiéis se faziam presentes à celebração de 1983, obtemos números díspares, quando não incongruentes.

Dessa forma é que, perguntando aos nossos entrevistados sobre quantos devotos haveria à época, obtemos números que vão de 200 a 10.000 pessoas. Sem fazermos juízo de valor sobre este último número, que nos foi dado pelo Padre Gaspar Rafael, preferimos ficar com um intermediário, cerca de 500 a 1000 pessoas, o que para a época era bastante razoável, como nos asseveraram José Bernardino dos Santos, o “Seu Dedé”, e o senhor Francisco Tarcísio de Assis, popularmente conhecido por “professor Tarcísio”, do alto dos seus 63 anos de idade, todos vividos em Arara, que nos contou ter assistido a várias missas à noite, quando ainda não havia energia elétrica em Santa Fé e as missas eram realizadas à luz de gás; e José Bernardino dos Santos, “Seu Dedé”.

2.2 Como a comunidade participa da reelaboração do santo

Uma vida voltada para os pobres mantém firme, há dois séculos, a gratidão de devotos em torno de José Antônio Maria Ibiapina. Sozinho e em luta áspera com obstáculos de toda espécie, Ibiapina levantou nos sertões do Nordeste, entre mandacarus e chique-chiques, uma admirável organização cristã de assistência social ao sertanejo, de educação da mulher do interior, de amparo a órfãos e a doentes, de combate às secas e ao cangaceirismo, às superstições e às pestes.

Desde a morte do Padre Ibiapina, sempre se comemorou solenemente seu aniversário de nascimento e morte, nos meses de agosto e fevereiro, respectivamente, quando caravanas de romeiros de vários estados nordestinos, na sua maioria camponeses, se dirigiam a Santa Fé. Entretanto, foi a partir de 1983 que se intensificou este movimento.

Levando-se em consideração essa memória tão presente através de suas ações, as comunidades de Santa Fé e Arara sempre o viram como santo. Mas a força dessa fé é mais percebida no reflexo contido na peregrinação que se agigantou. Ibiapina é venerado publicamente no interior da Paraíba e a ele são atribuídos milagres que estão sendo estudados pela Igreja.

Para entendermos a devoção em torno do Padre Ibiapina, é preciso ter conhecimento sobre os milagres cuja é atribuída a ele. Há muitas lendas e milagres em torno da memória do Padre Ibiapina. Conforme assevera MARIZ (1997:57), não demorou a que fossem criadas lendas de milagres e castigos decorrentes da força da palavra ou da vontade de Ibiapina.

“Já não era a facilidade com que o padre chamava o povo à obediência, outra atraía recursos para suas obras. A abundância que se verificava com sua presença, onde antes era tudo crise e pobreza. Fosse qual fosse a situação, Ibiapina era recebido em toda parte debaixo de festas e flores. Cavaleiros iam buscá-lo fora de portas. Chegava nas cidades ao som de músicas e crepitar de foguetes. Em flores, além desse encontro distante, aguardaram-no ao entrar grandíssimo número de gente a pé, o reverendíssimo vigário ao apóstolo da caridade”. (MARIZ, 1997:58)

MARIZ (1997:90) retrata-nos bem o mito criado em torno de Ibiapina. Segundo ele noz diz, com Ibiapina os recursos pareciam brotar das próprias pedras. Não

faltava gente para os trabalhos, não faltava dinheiro, nem cereais para as multidões, nem carneiros, porcos e perus gordos.

E mais adiante MARIZ (1997:90):

“A fome era grande; um prato de farinha custava uma pataca; uma rapadura outro tanto; uma libra de carne salgada, a mesma coisa. O povo esmorecia à vista do aspecto de miséria; mas com a chegada do reverendíssimo missionário a fome desaparece, o povo reanimou-se...”.

Mais adiante MARIZ (1997:91) ainda nos faz refletir: “Mas não eram esses milagres, de efeitos difíceis, imediatos, admiráveis, porém naturais. Eram os milagres que rompiam ou desviavam as regras e leis da existência diária e da natureza. Fatos com todas as características do impossível que se realizava”.

“Em Bananeiras, ao ser posto no pedestal um grande cruzeiro, mal ajustado entre os tijolos, desequilibrou e vinha caindo sobre os assistentes da cerimônia. Estes se afastaram em pavor, gritando misericórdia. Então, a um olhar do apóstolo, a pesada cruz de aroeiras voltou a firmar-se na base”. (MARIZ, 1997:92).

Quando inaugurava a Caridade de Santa Fé, orando ao povo diante do monumento recém edificado, teve motivo literário ou místico para gritar: “Resplandeça o sol, brilhem as estrelas e cantem os passarinhos!”. Não era hora de poderem cintilar no azul os pequenos astros. Mas todos do auditório ouviram nos marmeleiros e baraúnas em torno a passarada da caatinga em gorjeios de frenética e surpreendente melodia. Lembram as aves do santo de Assis (MARIZ, 1997: 92-93).

Daí brotaram tantos outros relatos, que aos poucos foram moldando a imagem do santo. Com todo esse histórico e acervo mítico em torno de sua memória, a Diocese de Guarabira despertou para a veneração e a memória de Ibiapina, e o bispo da diocese da época (década de 1980), Dom Marcelo Pinto Carvalheira, empolgou-se e resolveu promover a causa da beatificação do padre Ibiapina.

As tradições em torno da vida do Padre Ibiapina fizeram com que no ano de 1993 tivesse início o seu processo de Canonização junto ao Tribunal Eclesiástico da Diocese de Guarabira, tendo como postulador da causa, nesta primeira fase, o Cônego Francisco Sadoc

de Araújo e o Bispo Dom Marcelo Pinto Carvalheira, responsáveis pela instalação do referido processo, que atualmente se encontra no Tribunal Eclesiástico de Roma, sob análise dos milagres atribuídos a ele.

HOONAERT (1984:5) assevera que:

“Mesmo sem registros escritos e histórias oficiais publicadas, os pobres conservam a memória de seus heróis e dos que se identificaram com suas causas. É assim que cada ano, a 19 de fevereiro, aniversário de morte do padre Ibiapina, o povo devoto do Brejo paraibano, na área da Diocese de Guarabira, se sente espontaneamente convocado a uma romaria. E ela se faz, religiosamente, junto ao túmulo do grande missionário do Nordeste, que repousa, com a fama dos santos, na localidade de Santa Fé, em Arara, na Paraíba”.

Devido aos seus muitos atos caridosos, especialmente da região do brejo paraibano, o Padre Ibiapina tornou-se um lendário missionário no imaginário religioso popular. Recebeu, pelo Vaticano, o título de “servo de Deus”, primeiro passo para a canonização, e pode vir a se tornar o primeiro santo nascido no Nordeste do Brasil.

É junto a esse povo da região de Santa Fé que Ibiapina assume verdadeira imagem de santo, e faz tempo que esse povo o canonizou em meio aos inúmeros milagres atribuídos à sua intercessão. Dessa forma, o direito de atribuir santidade, monopólio sagrado da Igreja, foi usurpado pelas baixas camadas sociais de crentes, que atribuem-no o adjetivo de santo.

2.3 Como os romeiros/devotos iniciaram sua peregrinação

Como alguém, um ser humano comum, torna-se devoto, fiel? Não temos a pretensão aqui de discutir acerca da necessidade de fé que todo ser humano tem. Tampouco nos cabe indagar ou mesmo tentar responder aos clamores da religião. Isto não nos importa para o momento.

O certo é que em torno de um mito gravitam seus seguidores. São eles testemunhas de sua fé, da grandeza que aflui em torno do nome da pessoa venerada. Saber desvendar a razão, os motivos que conduzem esses fiéis a acreditarem na santidade do Padre

Ibiapina, interessa-nos como ponto de partida para a investigação relativa ao crescimento que pudemos vivenciar no número de pessoas que se dirigem a Santa Fé.

A História Oral aqui concretizada é suporte basilar para apontarmos a razão desta peregrinação resgatada e revitalizada mais de cem anos depois do falecimento de Padre Ibiapina. As impressões que nos são deixadas pelos depoimentos dos fiéis que entrevistamos, quando de nossa passagem por uma celebração ocorrida no dia 19/02/2006, em Santa Fé, marca-nos profundamente, estigma este responsável pela caracterização deste estudo como pesquisa.

O povo nordestino, especialmente marcado pela dureza e pelas intempéries características dessa região, assolada pela pobreza, desigualdade social e concentração de poder político nas mãos de bem poucos, vive a religião das novenas, dos benditos, exemplos de santos contados pelos mais "lidos", pelos romeiros.

Nesse ambiente situam-se os devotos de Padre Ibiapina. Mais adiante HOONAERT (1984:32), isto se deve ao fato de transparecer em Ibiapina, antes mesmo de se fazer sacerdote, uma aguda identificação com os problemas da sociedade, expostos nas carências e no subdesenvolvimento.

Por vezes desconhecido das gerações mais novas dos nordestinos, em Santa Fé, é que sua lembrança é realmente viva e venerada. Principal das casas de caridade fundadas por ele, onde passou seus últimos anos de vida e onde foram sepultados seus restos mortais, Santa Fé é hoje um santuário visitado por milhares de fiéis todos os anos, e que rezam pela sua canonização.

É a partir das afirmações obtidas através das palavras dos populares, escolhidos aleatoriamente entre as pessoas que visitavam o Santuário de Santa Fé, no instante da celebração de 123 anos de morte de Padre Ibiapina, entre os dias 18 e 19 de fevereiro de 2006, que obtivemos as impressões que nos fazem desenhar o quadro de peregrinação em relação ao Padre Ibiapina.

Das 22 pessoas entrevistadas¹², verificamos que não há apenas devotos e fiéis, mas também curiosos e admiradores da história de Ibiapina. Nesse mosaico de pessoas, há gente das mais variadas profissões, ocupações e graus de escolaridade: de agricultores, donas-de-casa, auxiliares de cozinha e comerciantes a professores, estudantes, funcionários públicos, aposentados, eletricitas e mesmo engenheiros. A faixa etária também reflete essa

¹² As entrevistas, na íntegra, encontram-se nos anexos.

heterogeneidade. Há pessoas das mais tenras idades até as mais avançadas. Dentre os nossos entrevistados, a faixa etária compreende desde os 14 anos (Josilene Oliveira Pereira) até os 79 anos e seis meses (Raimunda Judite Amorim de Carvalho).

Igualmente, a origem dessas pessoas também é diversa. Muitas vêm de locais próximos, como Arara, Bananeiras, Solânea, Guarabira e Areia; outras vêm de regiões mais distantes, como João Pessoa, Soledade, Santo Antonio do Salto da Onça (RN), São José do Egito (PE). Isso nos revela a dimensão que a peregrinação assumiu.

De igual forma, a intenção com que estas pessoas se vêm em procissão a esta terra é variada. Muitos, a maioria pelo menos, vêm com o intuito de celebrar, venerar a imagem de Padre Ibiapina, vêem-no como santo. Outros, no entanto, mal o conhecem, nem mesmo sabem sobre a existência de suas obras e o legado por ele deixado, vêm, pois, com a finalidade de conhecer, descobri-lo, seja pela curiosidade, seja pela indicação de um parente, de um amigo ou de um religioso (padre, missionário, animador de comunidade) de sua região de origem. Há também os que vêm fazer turismo, simplesmente, devido a estrutura encontrada no local, construída para recepcionar os fiéis e curiosos, enfim.

Dona Raimunda, romeira por nós entrevistada, falou-nos sobre fé e os milagres que têm acontecido. Contou-nos que recebeu uma cura através da graça de Deus e do Padre Ibiapina. Falou-nos de uma crise de coluna que teve e ficou “aleijada”. Pela intercessão de Padre Ibiapina ela disse ter ficado curada.

Nossa entrevistada Maria do Carmo Lima, disse-nos que as pessoas vêm pela primeira vez, convidam outras, vão contanto das graças recebidas, divulgando assim o “santo”. Falou-nos também da divulgação feita pelo rádio, pela televisão, que faz despertar a curiosidade das pessoas pelo Padre Ibiapina, fazendo-as vir a Santa Fé para conhecê-lo melhor, “ver como é que é”.

Por outro lado, nos dizeres de “Seu Dedé”, “muitas pessoas vêm talvez até pelo esporte”. O “esporte” em questão, refere-se a um modo sem compromisso de realizar uma atividade. Fazer algo “por esporte” é realizá-la por fazer, apenas. Outras pessoas, no entanto, vêm pela fé, e não “a passeio”, como nos disse a Dona Tereza de Jesus Costa Falcão, 78 anos. Ela nos contou que há pessoas que vêm para a romaria em Santa Fé oriundas de cidades onde Padre Ibiapina deixou obras, entre as quais ela própria, natural de Soledade-PB, onde Ibiapina construiu um cemitério.

Como nos afirmou Prof. Tarcísio, o número de fiéis aumenta, pela própria fama, devido à maneira como ele (Ibiapina) trabalhou. As pessoas cada vez mais vão tomando conhecimento até surgir a grande quantidade de devotos hoje.

A difusão e o crescimento desta fé, nas próprias palavras daqueles que a demonstram existir, é o alcance de pedidos, de graças, são “os milagres”. A devoção destas pessoas, pelos informes trazidos a propósito das entrevistas, inicia-se pela necessidade de alcançar uma graça, obter curas (físicas ou espirituais), num momento de aflição, recorrendo através das promessas ao “santo” Ibiapina como intermediário aos céus. Aí encontra-se a gênese da sua fé.

É como nos expressa a Sra. Maria do Carmo Lima, auxiliar de cozinha. Ela nos revela que ficou muito tempo sem vir a Santa Fé. Depois que foi morar em Santa Rita, sempre pediu a ele (Ibiapina) que se alcançasse uma graça, através de sua intercessão, passaria a visitar sempre o santuário. Como ela disse, mesmo não tendo chegado aos altares das igrejas, o povo tem Padre Ibiapina como santo, devido ao número de graças alcançadas pelas pessoas através da intercessão do padre perante Deus. Padre Ibiapina, pois, torna-se um intermediário das causas dos pobres, dos desvalidos e desamparados, como o advogado que defende suas súplicas junto a Deus.

Marcelo, 21 anos, disse-nos que sua devoção ao Padre Ibiapina começou quando fez um pedido e alcançou uma graça, vindo na celebração do dia 19/02/2006 cumprir a promessa. Por outro lado, Paulo Rodrigues de Melo, 68 anos, disse-nos que sua devoção “é com Deus primeiramente [...] porque eu acho que quem cura não é o santo, quem cura é Deus”. Ele nos confirma que, apesar de todo o *marketing*, da divulgação pela televisão e pelo rádio, as pessoas são as grandes responsáveis pelo crescimento desta fé. No seu jeito simples, com seus pedidos, as graças alcançadas, elas vêm, conhecem, vêm o grande número de pessoas que se dirige a Santa Fé, iniciam sua devoção e trazem novas pessoas, novos romeiros que integrarão numa futura romaria a aglomeração de devotos.

Quando perguntado qual é a causa do crescimento da fé em Padre Ibiapina, o eletricitista Paulo Rodrigues de Melo respondeu que é a fé do povo, o que vale é a fé de cada um, porque Deus sempre disse: quem te curou foi tua fé.

De modo geral, os jovens são mais inibidos ao falarem de sua fé. Durante as entrevistas, percebemos que as pessoas mais idosas sentem-se mais à vontade para nos revelar as graças que alcançaram, a fé depositada em Padre Ibiapina. Demonstraram ter mais

conhecimento sobre a vida de Ibiapina, crêem que ele é realmente santo e demonstram abertamente sua fé. É mais comum vermos adultos e idosos na missa, enquanto a maioria dos jovens fica passeando pelo santuário, distraídos, conversando, nas barracas etc.

Pelas entrevistas, de modo geral, observamos que os jovens pouco conhecem Padre Ibiapina, não têm tanto “fervor” em sua fé. Na verdade, muitos deles vêm ao santuário apenas passear, conhecer outros jovens, como num passeio de domingo comum. Não estão ali verdadeiramente para louvar, enaltecer a figura do “santo”. Alguns acompanham os adultos, em geral seus responsáveis, mas enquanto aqueles vão assistir às celebrações, estes ficam andando em volta do santuário, ficam sentados nos corredores, conversam entre si etc. Isso nos mostra que nem todos dentre os que são contabilizados entre as quase trinta mil pessoas que vêm a Santa Fé, podem ser considerados fiéis ou peregrinos.

Chamou-nos muito nossa atenção o depoimento prestado pela professora Luciana Balbino de Souza, 25 anos, moradora da cidade de Areia, historiadora, ao responder à interrogação central da nossa pesquisa: Por que tem se registrado um grande crescimento no número de fiéis do Padre Ibiapina? A esta indagação ela foi categórica:

“Creio que tem feito uma campanha de *marketing* muito grande e, principalmente, o fato de ter organizado esse santuário, uma vez que eu conheço vários outros lugares de peregrinações e acredito que esse seja o mais organizado, tem uma maior estrutura para receber os fiéis e com isso esse *marketing*, o fato dessas pessoas serem bem recebidas. Essa estrutura toda tem trazido e com certeza trará mais pessoas a esse lugar”.

Dessa afirmação podemos verificar a importância que a divulgação, através do *marketing*¹³, tem no crescimento dessa romaria. À vista do contexto até aqui ponderado, já podemos perceber a importância histórica que tem o Padre Ibiapina para o turismo existente em Santa Fé. A esse respeito teceremos maiores minúcias no capítulo seguinte.

¹³ Por *marketing* podemos definir o conjunto de estratégias e ações que provêm o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor e, por extensão, também o conjunto de estratégias e ações que visam a aumentar a aceitação e fortalecer a imagem de pessoa, idéia, empresa, produto, serviço, etc., pelo público em geral, ou por determinado segmento desse público. No nosso caso, o produto difundido é a fé em torno de Padre Ibiapina.

CAPÍTULO 3: IMAGENS DA DEVOÇÃO

Neste terceiro e último capítulo, buscaremos entender o significado da fé em torno de Padre Ibiapina, concretizada na multidão que se agiganta em Santa Fé nos dias de romaria, fazendo alusão às entrevistas que realizamos em meio a celebração da missa pelo aniversário de 123 anos de morte do missionário.

Além disso, descreveremos o cenário de devoção encontrado em Santa Fé, sua estrutura física, a organização, o movimento dos romeiros, eclesiásticos e autoridades políticas envolvidas no processo de gênese e crescimento dessa nova praça de fé.

Para tanto faremos uso da imagem, concretizada em fotografias extraídas de nossa observação sobre os fiéis, os ex-votos tão presentes e marcantes, os atores envolvidos na romaria, seus protagonistas e figurantes. As fotografias são originárias de nosso acervo pessoal. Foram tiradas por nós entre os dias 18 e 20 de fevereiro de 2006, especialmente para este trabalho. No dia 19/02/2006, fotografamos o ambiente de culto quando foram celebrados os 123 anos da morte de Ibiapina.

Segundo AUMONT (1997), a imagem produzida se destina a uma observação, ou a várias observações; está vinculada ao domínio do simbólico e funciona como ponto intermediário entre o expectador e a realidade nela representada. Nessa relação com a realidade, a imagem adota três valores: *o valor de representação*, pois representa coisas concretas em um nível de abstração inferior ao da própria imagem; *um valor simbólico*, ao representar elementos abstratos, em um grau de abstração superior ao da própria imagem; e um *valor de signo*, um conteúdo com caracteres que não são refletidos por ela, como se vê em algumas placas de trânsito, numa relação totalmente arbitrária com o seu significado.

As imagens não são produzidas por acaso, possuem função. Para AUMONT, a imagem tem por objetivo garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual desempenhando o papel da descoberta visual, sendo dirigida a um público em particular dependendo de onde se parte com intenções e objetivos definidos. Vale destacar que a imagem age sobre o espectador, indiscutivelmente.

A par desses aspectos teóricos sobre a imagem, iremos utilizá-la como recurso didático que nos fornece apoio à compreensão do que ela vem nos transmitir. Por fim, teceremos algumas observações a respeito da presença do *marketing* religioso presente na

elaboração do culto ao “santo”, ainda não-canônico, direcionando nosso olhar ao palco de celebrações e aos instrumentos de divulgação da fé.

3.1 Agradecimentos por graças recebidas

Como já dizia Luiz da Câmara Cascudo, citado por LÓSSIO (2006:2), “o povo faz seu santo”. É este povo, romeiro sua devoção, que vai à Santa Fé venerar a memória do Padre Ibiapina.

Santa Fé é um centro vivo de peregrinação, onde podemos ver concretamente a forma em que se materializa o culto à imagem de Padre Ibiapina. No seu túmulo, o povo reza, chora, acende velas, como podemos observar na foto seguinte.

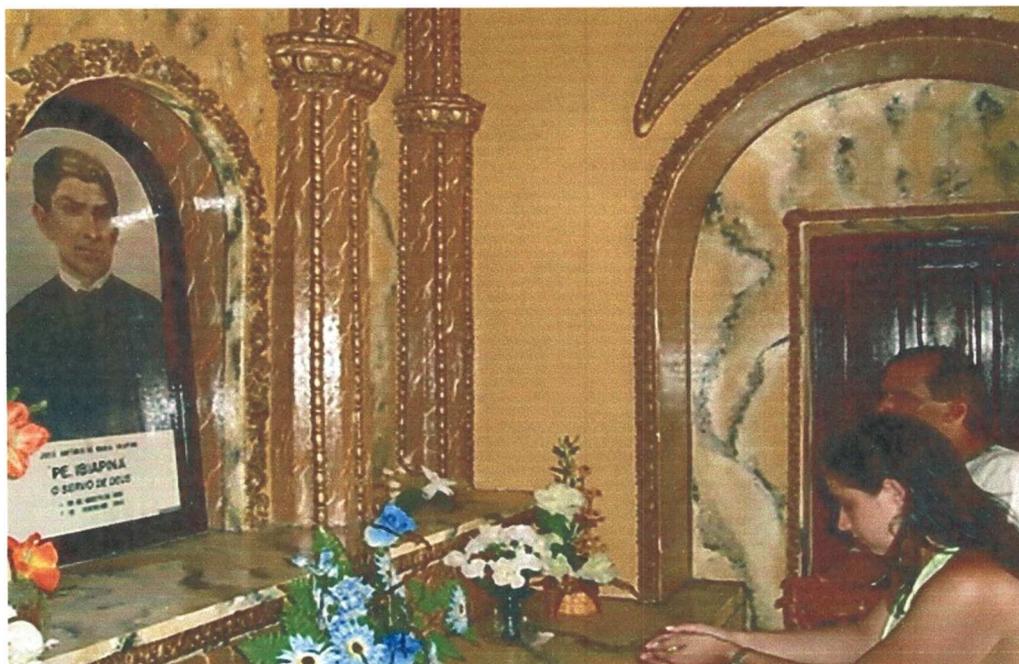


Foto nº 01 (acervo pessoal): Romeiros dentro do túmulo de Padre Ibiapina, local onde as pessoas oram, fazem pedidos e agradecem por graças alcançadas.

A foto nº 01 nos mostra a parte interna do túmulo de Padre Ibiapina, em Santa Fé. Neste cenário observamos no primeiro plano devotos fazendo suas orações e no segundo plano as flores e fitas deixadas pelos romeiros.

Os ex-votos¹⁴ ou "milagres" nordestinos, são expressão da fé por uma graça recebida de um santo. Os romeiros têm no Padre Ibiapina a confiança de um advogado de suas causas e súplicas junto a Deus. A presença dos ex-votos que lhe são ofertados nos fala de graças alcançadas.



Foto nº 02 (acervo pessoal): Painel com fotos de ex-votos, encontrado na “Casa dos Milagres”.

A fotografia nº 02 consiste num painel onde os romeiros expõem os “milagres” alcançados pelos peregrinos. As fotos não identificam expressamente as graças alcançadas. Elas estão expostas em local público, no qual milhares de pessoas passam anualmente. Não há, neste local, nenhum aviso de restrição ou proibição da divulgação das mesmas, nem tampouco referências quaisquer às pessoas ali retratadas (anônimas), razão pela qual expomos as mesmas para melhor entendermos a função do ex-voto, qual seja, a publicidade dos “milagres” e a divulgação da fé. Justificamos assim a impossibilidade de obtermos autorização para sua publicação neste trabalho.

¹⁴ Ex-voto significa: “quadro, imagem, inscrição, ou órgão de cera, madeira, etc., que se oferece e expõe numa igreja ou capela em comemoração de voto ou promessa cumprida” in: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míniaturélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 309).

Olhando o referido painel, na foto nº 02, de cima para baixo, da esquerda para a direita, na seqüência podemos observar os seguintes “milagres”, ou ao menos presumir: **a)** mulher segurando criança: a graça consiste, talvez, em alguma doença da criança, curada pela intercessão do “santo”; **b)** homem tenta se equilibrar em pé, possivelmente a graça foi conseguir andar novamente; **c)** mulher sozinha, mostra a pessoa que alcançou uma graça, sem entretanto podermos afirmar em que consistiria tal milagre; **d e e)** pessoas com bebês no colo, provavelmente tem o mesmo significado da foto item “a”; **f)** perna com cicatrizes e deformidades, simbolizando a parte do corpo “curada”; **g e h)** homens, provavelmente receberam graças, não se podendo afirmar de que se trataria.



Foto nº 03 (acervo pessoal): Pessoas colocando fotografias na sala da Casa de Milagres, em Santa Fé.

Pelo que pudemos observar, o painel (foto nº 03) serve como importante instrumento de divulgação das graças. Ao adentrarmos na “Casa dos Milagres”, pelo número expressivo de fotografias deixadas, que recobrem as paredes da primeira sala, já podemos sentir o clima de devoção, traduzido nos inúmeros relatos de milagres que as imagens nos transmitem.

Um milagre, para Luís da Câmara Cascudo, *apud* Lóssio (2006:3), é definido como:

“a representação do órgão ou parte do corpo humano curado pela intervenção divina e oferecido ao santuário em testemunho material de gratidão. Os milagres são quadros registrando o episódio ou objetos de cera, ouro, prata ou marfim, materializando a parte doente que sarou. Há milagres feitos toscamente em gesso, madeira, osso. Nas grandes igrejas, nos lugares de romaria, há sempre a casa dos milagres, destinada a recolher essas ofertas...”.

Para agradecer ao santo não-canônico muitas pessoas passaram a pagar a graça obtida através de um ex-voto (artefato exposto em alguma capela, casa de milagres ou igreja, e que representa o objeto para o qual a promessa se concentra).

Quanto a isso, Luís da Câmara Cascudo, citado por LÓSSIO (2006:4) nos diz que o ex-voto é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica. Trata-se de um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis.



Foto nº 04 (acervo pessoal): Devoto e agradecimento por graça alcançada.

O ex-voto, como satisfação do pedido atendido, destina-se à publicidade da obtenção de ‘graças alcançadas’, como na foto nº 04. Ela nos mostra o devoto e dizeres de agradecimento por uma graça alcançada, não especificada.

Podemos ver no ex-voto um veículo jornalístico. Se penetramos no santuário e conseguimos decodificar as mensagens transmitidas pelas peças expostas no altar ou nas paredes do centro devocional, então nos assenhoreamos das mais completas e evidentes informações. A começar pelos ex-votos em desenhos e fotografias representando graficamente o acontecimento, tal e qual ocorreu (Luiz Beltrão *apud* Lóssio, 2006:5).

Segundo FROTA (2006), as soluções visuais acompanham o repertório do grupo cultural a que pertence o ofertante e não obedecem às normas e ao controle da igreja católica oficial, que na realidade só tiveram validade até o início do século XIX. No decorrer deste século e do século XX, fica claro que a grande e quase exclusiva manifestação dos fortes atos de fé, que constituem a prática de voto e ex-voto, vai-se circunscrevendo basicamente ao universo dos pobres.

Entretanto, embora se imagine que a religiosidade está mais presente na vida das pessoas com pouca instrução, percebemos que o santuário é visitado por muitas pessoas com formação técnica e acadêmica. Algumas delas vêm inclusive pagar promessas.



Foto nº 05 (acervo pessoal): Diploma técnico deixado por devoto.

A foto nº 05 representa uma cópia de declaração de uma Escola Técnica conferindo o título de técnico agrícola. Foi deixada possivelmente pela obtenção do título – a graça – pelo aluno, que é então o devoto.

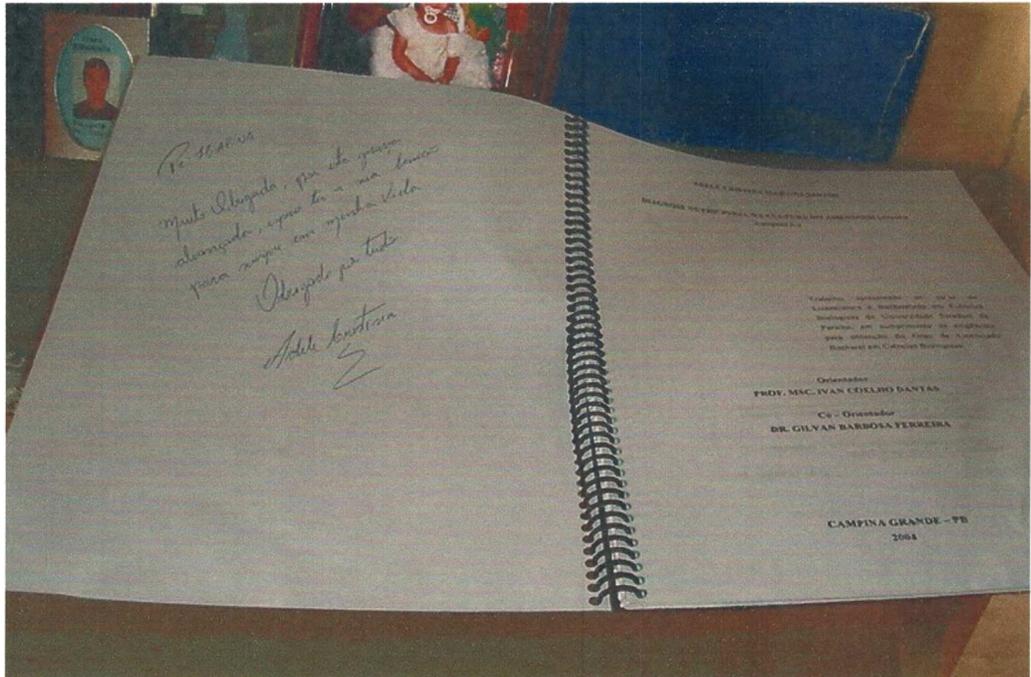


Foto nº 06 (acervo pessoal): Monografia de Conclusão de Curso Universitário deixada em agradecimento ao Padre Ibiapina

A foto nº 06 destaca a folha de rosto de uma monografia de conclusão de curso universitário. No verso da capa (à esquerda) há textualmente um agradecimento da devota ao Padre Ibiapina pela graça alcançada, no caso, a conclusão do curso, expressada através da monografia, cuja cópia foi deixada em meio aos demais ex-votos.

Levando-se em consideração estes dois ex-votos deixados em Santa Fé, é possível supor que a prática do ex-voto esteja predominante ligada ao universo das camadas sociais mais baixas e menos escolarizadas da sociedade, uma vez que a graça alcançada, ali retratada, consiste justamente em adquirir um grau escolar mais elevado (o curso técnico e o curso superior, respectivamente).

O que nos pode revelar estas fotos? Os pedidos feitos ao “santo” são os mais variados possíveis, de curas de doenças até a conclusão de um curso universitário. Isso nos demonstra o alcance e a penetração que a fé atinge nas pessoas.

Tais testemunhos, que dizem da reciprocidade de trocas entre o humano e o divino, são indicadores da grande frequência de pedidos relativos à recuperação da saúde, devido à doença ou a acidente de trabalho. Estes são os temas predominantes dos séculos XVII, XVIII e XIX. No século XX permanecem tais temas, acrescidos dos que retratam desastres de carros, trens e aviões, com o implícito salvamento das vítimas, como observamos na fotografia seguinte.



Foto nº 07 (acervo pessoal): Imagem de acidentados deixado na “Casa dos Milagres” em Santa Fé.

Os dois jovens da foto nº 07 mostram na pele as marcas de um possível acidente de veículo. Geralmente o “milagre” aludido neste tipo de fotografia representa a pessoa vítima do desastre. Geralmente, os que fazem a súplica junto ao seu “santo” intercessor são os parentes da vítima. A paga das promessas pode consistir numa simples foto que é deixada no centro devocional ou numa visita da vítima ao santuário. Outras formas de pagamento de promessas, nestes casos, são a participação em procissões, de joelhos ou pés descalços, ou assistir à celebração de missas, vestindo-se o agraciado com as mortalhas.

A substituição do ex-voto pintado ou esculpido pela fotografia é indício de tempos modernos. Por vezes, na fotografia, o ‘devoto’ reproduz a posição em que estava quando se operou o milagre.



Foto nº 08 (acervo pessoal): Diversas mortalhas deixadas na “Casa dos Milagres”

A foto nº 08 mostra algumas das muitas mortalhas deixadas em Santa Fé. Elas nos revelam os muitos romeiros que pagam promessas vestindo-se com mortalhas, com as quais participam das procissões e missas.



Foto nº 09 (acervo pessoal): Criança vestida com mortalha no meio da multidão de fiéis.

A foto nº 09 nos sugere que não apenas os adultos se vestem de mortalhas. As mortalhas deixadas nos santuários, a exemplo de Santa Fé, são de variadas cores. As mais escuras (pretas e marrons) são usadas em geral pelos homens. As mais claras (azuis, cinzas e brancas) são geralmente deixadas por mulheres e crianças. Não há, entretanto, razão aparente para tal distinção. Muito provavelmente, essa distinção se baseia em elementos do imaginário religioso, que foge ao nosso conhecimento nesse momento.

A mortalha, originalmente, era uma vestimenta usada no sepultamento dos falecidos. Então, como forma de agradecer por um milagre recebido, os devotos vestem mortalhas, simbolizando, provavelmente, que estiveram próximos da morte, motivo pelo qual vestem-se de mortalhas e, sendo agraciados com a cura de suas enfermidades, deixam as mortalhas nos locais de peregrinação como forma de “devolver a morte”. Outra suposta explicação para este ato seria o de autoflagelação, consistente no uso da mortalha, pois ela representa a morte. Ao vesti-la, os devotos se igualam a moribundos, numa espécie de vexação.

A exemplo das salas de milagres de santuários nordestinos, como Bom Jesus da Lapa (Bahia), Canindé (Ceará) e Juazeiro do Norte (Ceará), em Santa Fé podemos encontrar belas representações totais ou parciais do corpo humano: cabeças, mãos, pés, pernas, braços, esculpidos em madeira ou barro, como podemos observar a seguir.



Foto nº 10 (acervo pessoal). Ex-votos em diferentes formatos: cabeças, mãos, pés, corpos inteiros.

O aspecto rude da escultura exemplificada através da foto nº 10 não exclui a intenção emocional de uma homenagem após o pedido. Prova o reconhecimento e demonstra a existência do devoto. A importância etnográfica dessas peças está justamente no reconhecimento desse oculto e notório desejo de exteriorização. Oculto enquanto não podemos especificar quem ao certo foi o receptor da graça, incutindo-se no ex-voto, notoriamente, o “milagre” que ali está representado.

Com as promessas comprovadoras do imediatismo do milagre, retiradas do uso individual, roupas, muletas, carrinhos, aparelhos ortopédicos; da representação material dos membros vulnerados, ocorre a série variada e rica nessas figurações de intenção anatômica em madeira, que foram as mais velhas, barro, metal e cera (LÓSSIO, 2006:4).

As peças em madeira e barro são impressionantes indicadores de realismo, não apenas da enfermidade, mas, na coleção de cabeças, do tipo antropológico responsável pela dádiva. Seria possível perfeitamente indicar as moléstias comuns em determinadas regiões, a insistência regular de certos males numa área geográfica delimitada, pelo exame dos ex-votos, denunciadores nosológicos e mesmo teratológicos (LÓSSIO, 2006:4).

Sendo a maioria um trabalho e escultura artesanal, rude, rústico, bravio, com a intenção da fidelidade expressionista, esses modelos testificam os níveis artísticos do povo nas camadas mais profundas de sua conservação estética e impulsão recriadora. Nenhuma, ou quase nenhuma interferência dos padrões moderadores mais altos, converge para o ex-voto autêntico. Sua feiúra é uma credencial de legitimidade (LÓSSIO, 2006:4).

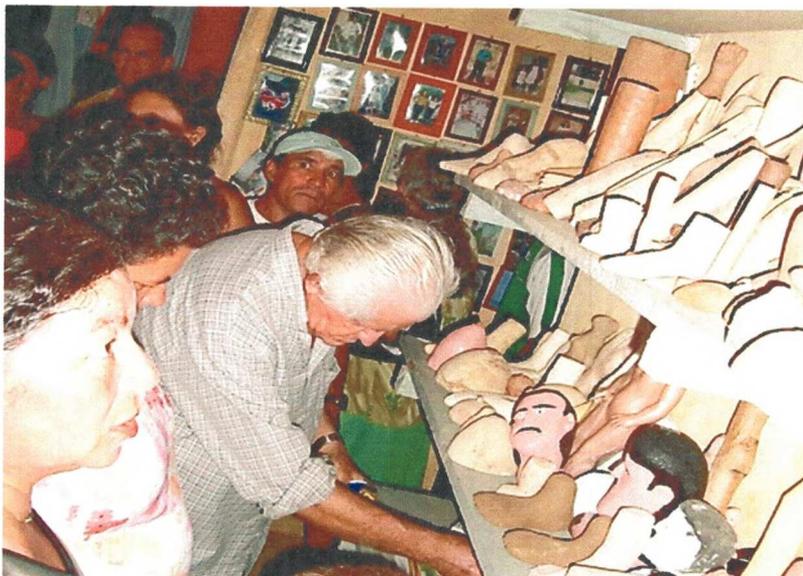


Foto nº 11 (acervo pessoal): pessoas deixando seus ex-votos.

Na foto nº 11, podemos observar diversas partes do corpo humano representadas. São cabeças, pernas, mãos e pés, principalmente. Os ex-votos deixados são em geral fabricados de madeira e barro por artesãos regionais ou mesmo pelos próprios devotos.

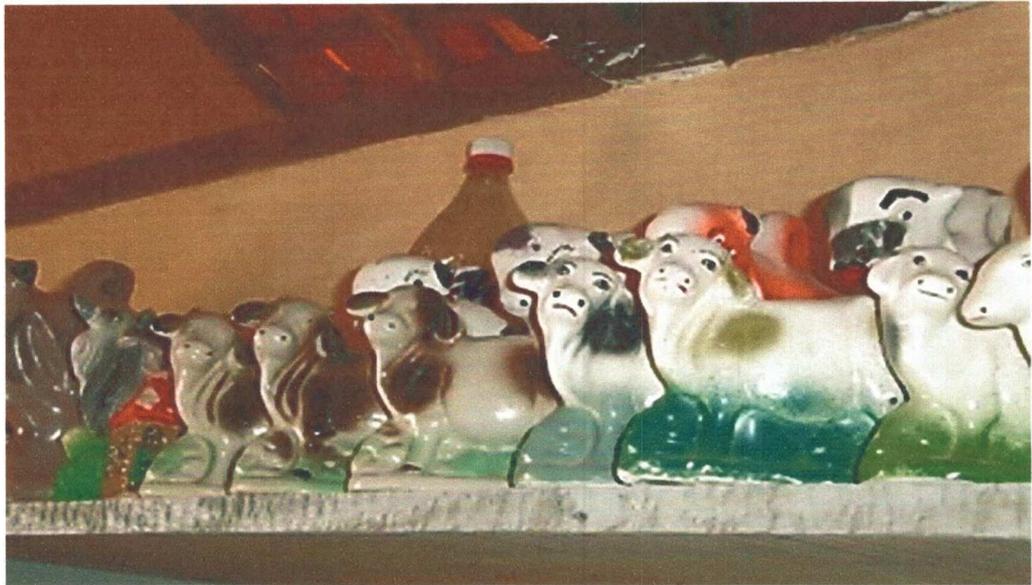
Além desses ex-votos, achamos uma infinidade de objetos que corresponde à multiplicidade das situações de fé e de vida dos ofertantes. Em Santa Fé encontramos mortalhas, velas, peças de renda, vestidos de noiva, fotografias, flores, cruzes de peregrinação etc.

Alguns ex-votos, por sua vez, além de representarem a obtenção de graças, também indicam a obtenção de uma estabilidade material mínima, como a da casa própria, a saúde de animais domésticos necessários à subsistência, a obtenção de um diploma ou de um emprego etc.



Foto nº 12 (acervo pessoal): Ex-votos: casas de madeira e de papelão.

Na foto nº 12 temos a representação da promessa feita em busca da casa própria. As populações das camadas mais baixas, desprovidas de recursos financeiros suficientes, muitas vezes recorrem à divindade, por intermédio dos “santos”, para conquistarem esse objetivo.



Fotos nº 13 (acervo pessoal): Ex-votos em forma de bois e vacas.

A foto nº 13 expõe bovinos feitos em gesso, deixados em Santa Fé. A preocupação com animais, geralmente os domésticos e os de criação, são motivos freqüentes nas promessas dos devotos do interior. Também são comuns os ex-votos zoomorfos: bois, vacas, carneiros e porcos curados de bicheira, galinhas que escaparam à pigarra¹⁵ (Luiz Beltrão *apud* Lóssio, 2006:3).

No ex-voto, prática tradicional de comunicação, “paga-se” o compromisso com o santo. A entrega do ex-voto é, porém, a publicização da intervenção – o milagre ou a graça alcançada – mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o *interesse* de novos devotos.

Apesar de ainda não ter sido reconhecido oficialmente pelo Vaticano, o “santo” Padre Ibiapina continua atraindo a atenção de milhares de devotos, que lhe atribuem o poder de realizar diversos milagres, neles depositando muita fé e esperança. É dessa forma, pois, que Ibiapina é santificado pelos fiéis que se dirigem ao santuário de Santa Fé, para onde peregrinam e participam ativamente nos rituais religiosos.

¹⁵ Gosma peculiar das galinhas; gogo.



Foto nº 14 (acervo pessoal): Devota portando panfleto com imagem de Ibiapina.

A devota representada na foto nº 14 revela a imagem de uma romeira, uma senhora do povo, simples peregrina que tem fé no Padre Ibiapina como intercessor de seus pedidos. O cartaz carregado por ela é o da comemoração dos 123 anos de morte do missionário.

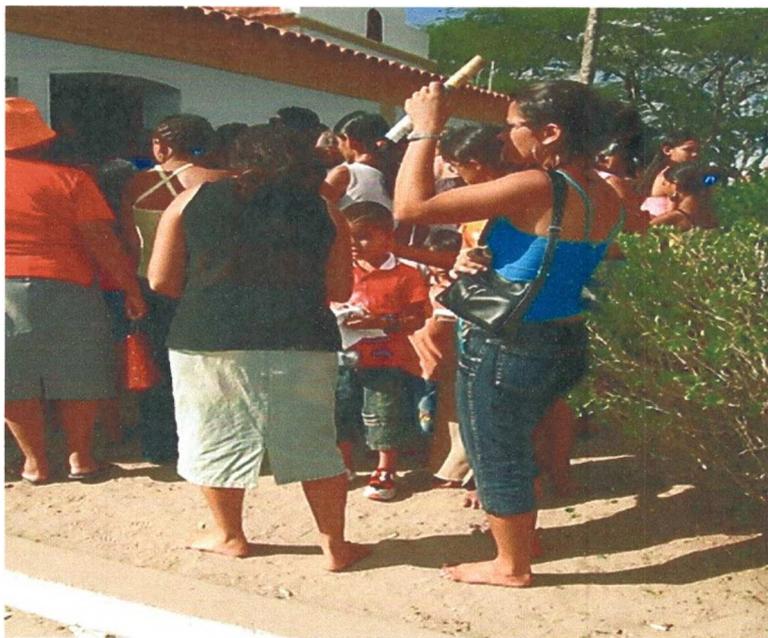


Foto nº 15 (acervo pessoal): Devotos descalços pagando promessas.

A foto nº 15 representa as pessoas que vêm a Santa Fé pagar promessas, participando das procissões e assistindo à celebração descalças. O ato de autoflagelação realizado pelos devotos é uma forma de mostrar agradecimento pela graça alcançada.

Os cultos oficializados pela Igreja Católica na América Latina são inúmeros e a hierarquia estimulou, ou ao menos tolerou práticas do “catolicismo popular”, incorporando tradições pré-cristãs de natureza devocional que se sobrepuseram às práticas sacramentais e rituais litúrgicos.

Mesmo assim, a quantidade de devoções e práticas admitidas não foi suficiente para satisfazer as necessidades espirituais das populações, ocorrendo devoções não canônicas, ou seja, a consagração como “santos” de pessoas não reconhecidas como tal segundo as regras de declaração do estado de santidade e autorização para a realização de culto pelas autoridades eclesiais, segundo as normas do Direito Canônico (LÓSSIO, 2006:2).

Souza Barros, citado por Roberto BENJAMIN (2002:3) atribui a existência das devoções à situação sócio-econômica das populações e à precariedade dos serviços públicos básicos. Isso pode ser observado, ao menos parcialmente, quando se verifica que os ex-votos, em sua maioria, representam cabeças, pernas, braços, geralmente simbolizando doenças relativas a estas partes do corpo, respectivamente, o que nos evidencia a precariedade dos serviços públicos de saúde, fazendo com que as pessoas confiem mais no “santo” do que no médico. Mas não são apenas os representantes de classes sociais mais baixas que visitam Santa Fé e participam das romarias. Há também gente da classe média, pesquisadores, professores etc.



Foto nº 16 (acervo pessoal): Filas se formando para entrar na Casa em que Ibiapina viveu, à esquerda, e na Casa dos Milagres, à direita.

A foto nº 16 nos mostra a entrada da casa em que viveu Padre Ibiapina e a chamada “Casa dos Milagres”. Na frente destas duas casas, observamos uma fila para a entrada nas mesmas. Esta fila é que dá acesso aos locais mais visitados, onde são deixados os ex-votos e ouvidas as confissões por uma equipe de padres vinda de todos os recantos da Diocese de Guarabira. É neste local que estão depositados os símbolos da fé destes romeiros. É, pois, local de intensa peregrinação. Ali vivencia-se o reconhecimento do “santo” pelas graças alcançadas. Neste local os romeiros compartilham sua fé com os demais devotos.

Muitos são os relatos de graças alcançadas. Entre os quais podemos citar o que nos fora revelado por José Bernardino dos Santos (Seu Dedé), quando o entrevistamos. Ele nos afirma que alcançou uma graça. Segundo ele, quando sua esposa engravidou, sofreu um aborto e não poderia mais gerar filhos, tendo inclusive procurado um médico, que assim o diagnosticou. Dois anos se passaram até que sua esposa novamente veio a engravidar, o que foi motivo de preocupação para ele, por temer pela vida da esposa. Então, fez uma promessa ao Padre Ibiapina, já que seria uma gravidez de risco. A promessa consistia no seguinte: se fosse menina, seria chamada Ibiapina, e assim nasceu foi. **“E eu acho que isso também foi uma graça, dependendo da fé da pessoa...”**, disse Dedé.

Para Dona Tereza de Jesus Costa Falcão, a graça obtida depende da fé, pois o que pode ser graça para um, pode não ser para outro. É assim que ela nos conta que “recebeu e não recebeu” uma graça. Tinha um problema de coração (angina). Entretanto, quando se prepara para vir a Santa Fé, parece que bota o pé, vem direto e não sente nada. Ela nos diz que é a maior graça que alcança: vir a Santa Fé.

Entre os santos não-canônicos, conforme a tipologia criada pelo folclorista argentino Felix Coluccio, citado por Roberto BENJAMIN (2002), é possível a proposição de duas categorias de “santos” não-canônicos: a dos “*iluminados*”, constituída de pessoas que na sua vida terrena dedicaram-se às atividades de caridade e foram consideradas virtuosas, e que após a morte tiveram a sua intercessão invocada para auxiliar na resolução de problemas de natureza variada, gerando cultos populares; e as pessoas *vítimas de morte violenta ou injusta, as vítimas inocentes* e pessoas de *vida errada* que se arrependeram de seus pecados no fim da vida. Padre Ibiapina encontra-se na categoria dos “iluminados”. A hierarquia da Igreja Católica vem tentando se apropriar dessas devoções e dos locais de cultos populares para iniciar os processos de reconhecimento canônico da santidade.

Para Roberto BENJAMIN (2003:3), os cultos aos santos não-canônicos parecem indicar um processo de identificação psicológica entre a vida de opressão e violência dos fiéis

com a lenda que se forma em relação às histórias de vida dos “santos” populares¹⁶. Tal identificação, pela proximidade torna-se mais recorrente do que com os santos reconhecidos oficialmente, cujas lendas remontam, em alguns casos, aos primeiros tempos do cristianismo.

Como então explicar esta identificação entre povo e Ibiapina, entre os fiéis e seu “santo”? Várias são as possíveis explicações e interpretações. HOONAERT (1984:17) nos assevera que, como padre, Ibiapina poderia ter continuado a viver no Recife e se tornar professor no Seminário. Entretanto, Ibiapina preferiu o desconforto do sertão do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco. Mais adiante HOONAERT (1984:32) acrescenta que transparecia em Ibiapina uma forte identificação com os problemas da sociedade, exposta à carência, ao subdesenvolvimento. Ibiapina era, pois, profundamente tocado pela miséria observada no interior do Nordeste.

Outro elemento explicativo pode ser encontrado na ação que Ibiapina desenvolveu entres os desclassificados, compreendidos num conjunto de pequenos proprietários, artesãos, mulatos, ‘vadios’, prostitutas, cangaceiros, mendigos e desempregados, gente simples, pobre em sua grande maioria (HOONAERT, 1984:13).

Com eles, com os necessitados da redondeza e os retirantes que desciam do Seridó e doutras zonas, Ibiapina ia repartindo os recursos da Caridade, cada dia mais parcos, sem suprimento que os refizesse (MARIZ, 1997:158). Então, indo ao encontro dos anseios populares, a fama do sacerdote foi tomando vulto, e hoje, no distrito de Santa Fé – PB, os fiéis anualmente afluem aos milhares em direção ao memorial, buscando com isto alcançar graças.

Entretanto, somente esta identificação entre povo e Ibiapina não é o suficiente para explicar o crescimento da peregrinação à Santa Fé, visto que, após sua morte, suas obras e seu legado entrou em declínio, vindo quase a desaparecer. Por que então, nos últimos vinte anos vivenciamos um ressurgimento, uma revitalização da fé em Padre Ibiapina?

Ao longo do tempo, os milagres exaltados pelos santos não-canônicos foram sendo destacados e memorizados. Com o acontecimento dos milagres, o interesse de outros fiéis foram sendo despertados, tornando-se eles, por sua vez, seguidores e devotos. Cabe lembrar que os avanços das práticas comunicacionais também influenciaram, em muito, a propagação de tais milagres.

¹⁶ Os lugares mais comuns para o desenvolvimento desses cultos são: 1) cemitérios e ossuários onde estão recolhidos os restos mortais do “santo”; 2) o local em que foi encontrado o corpo, assinalado por um cruzeiro ou capela; em alguns casos, estes locais foram beneficiados pelo aparecimento de fontes de águas lustrais, especialmente em regiões secas; 3) estátuas colocadas em logradouros públicos por autoridades ou por devotos; 4) oratórios domésticos.



Foto nº 17 (acervo pessoal): Devotos em torno da estátua de Padre Ibiapina, onde são depositadas flores, amarradas fitas e realizadas orações em agradecimento pelas graças alcançadas.

A figura nº 17 nos mostra outro símbolo da devoção. Trata-se do costume que há em amarrar fitas em torno das estátuas dos santos. Na foto vemos as pessoas, em primeiro plano, em frente a uma estátua de Ibiapina, em segundo plano. O grande número de fitas observado na estátua é reflexo da grande peregrinação ocorrida na localidade de Santa Fé em 19/02/2006.

3.2 A Construção da fé em meio ao marketing religioso e à política

Há um crescimento vertiginoso no número de devotos que peregrinam em direção à Santa Fé. Na tentativa de descobrir quais causas seriam responsáveis por este incremento, fomos a campo realizar nossa pesquisa. Das 22 pessoas entrevistadas, escolhidas aleatoriamente dentre aqueles que visitavam Santa Fé no dia 19/02/2006, pudemos verificar que não há apenas devotos e fiéis, há também curiosos e admiradores da história de Ibiapina.



Foto nº 18 (acervo pessoal): Pessoas em meio ao pátio existente entre a Igreja, a casa de Ibiapina e o anfiteatro.

A foto nº 18 mostra o ambiente encontrado em Santa Fé: muita gente, andando por entre os espaços, romeiros, curiosos, transeuntes. Como já dissemos, há nessa multidão gente das mais variadas profissões, ocupações, graus de escolaridade, idades e origens. A maioria vem para celebrar, venerar o Padre Ibiapina, outros querem conhecê-lo, pedir uma graça ou agradecer por um pedido alcançado. Há também os que ficam dispersos na multidão. Estes parecem estar ali apenas a passeio, para conhecerem o local ou outras pessoas... Algumas pessoas estavam no Santuário de Santa Fé pela primeira vez, outras inúmeras vezes.

Nosso entrevistado George Rodrigues, 31 anos, natural e residente em Areia-PB, nos diz que a história dele (Ibiapina) está sendo divulgada agora, e que é por conta dessa divulgação, através da leitura e dos documentários (cinema) que o número de pessoas, de fiéis, está aumentando.

LÓSSIO (2006:2) nos confirma essa hipótese:

“Ao longo do tempo, os milagres exaltados pelos santos não-canônicos, a exemplo do Padre Ibiapina, foram sendo destacados e memorizados. Com o acontecimento dos milagres, concedidos por aqueles santos, o interesse de outros fiéis foram sendo despertados, tornando-se eles, por sua vez, seguidores e devotos desses ‘santos’. Cabe lembrar que os avanços das **práticas comunicacionais** também influenciaram, em muito, a **propaganda** de tais milagres”. [grifos nossos]

Segundo nos revelou o Padre Gaspar Rafael, um dos idealizadores da realização de uma procissão entre Arara e Santa Fé, em 1993 foi aberto o processo de canonização do Padre Ibiapina, iniciando-se um ressurgimento, um reavivamento da fé do povo no Padre Ibiapina. Disse-nos que não se tinha idéia da dimensão que a peregrinação alcançaria, mas Gaspar Rafael já tinha uma “percepção futurista da coisa”. E, como ele próprio nos asseverou “o futuro de Arara, o futuro do Brejo, o futuro de Guarabira está nos passos do Padre Ibiapina”.

Há uma tradição milenar no uso da propaganda para atrair adeptos e fazer crescer a sua comunidade de fiéis. A Igreja Católica foi pioneira no emprego dos princípios de administração, aderindo à hierarquia, à autoridade e ao marketing na sua organização. As estratégias da igreja incluíam o uso abundante da retórica, gestos, imagens e símbolos que se institucionalizaram em 1622, quando o Papa Gregório XV criou a Congregação para a Propaganda da Fé.

Artigo anônimo intitulado “marketing religioso”, veiculado através do sítio <http://univercidademkt.vilabol.uol.com.br/religioso.htm>, nos diz que, para alcançar seus objetivos, a Igreja Católica sempre utilizou estratégias de *marketing*, mesmo que intuitivamente. Quem comprovou isso foi um dos maiores publicitários da história da propaganda no Brasil, Alex Periscinoto (2002), ao comparar, numa palestra feita para a CNBB em 1977, os símbolos e rituais da Igreja com as ferramentas de *marketing*. Segundo ele, o sino foi o primeiro veículo de comunicação de massa, pois suas badaladas eram capazes de atingir de oitenta a noventa por cento das pequenas cidades¹⁷.

O que fica mais evidente, é que para “anunciar a boa nova”, hoje, as igrejas precisam de método e investimento, invocando a modernização da ação religiosa. Exemplo que bem simboliza esta nova forma de ação é a Igreja Universal do Reino de Deus, que soube muito bem vender o seu “produto” de maneira diferenciada e em pouco mais de 20 anos de existência, possui uma rede de TV aberta (a Rede Record), dezenas de rádios e vários outros empreendimentos.

¹⁷ Assim como toda empresa tem uma marca que a identifica, a Igreja Católica também tem a sua: a cruz, o mais feliz dos logotipos. O confessionário pode ser considerado o primeiro departamento de pesquisas da história, pois sempre ajudou a recolher informações e subsídios importantes para o seu trabalho. A Via Sacra, por sua vez, compara-se a um audiovisual. São quatorze quadros, dispostos sete de cada lado da igreja, que com um visual rico conta a vida de Jesus, e sempre com uma professora de catecismo ou alguém do gênero encarregado de dar emoção à narrativa (MARKETING RELIGIOSO, in <http://univercidademkt.vilabol.uol.com.br/religioso.htm>. Acesso em 26/05/2006).

A Diocese de Guarabira, conforme nos contou Gaspar, é responsável pela divulgação da celebração na mídia falada (rádio e televisão) e escrita (jornais), tendo inclusive aberto um portal na internet com o objetivo de divulgar o projeto “Nos passos do padre Ibiapina” e outras atividades, de modo a aumentar o número de romeiros.

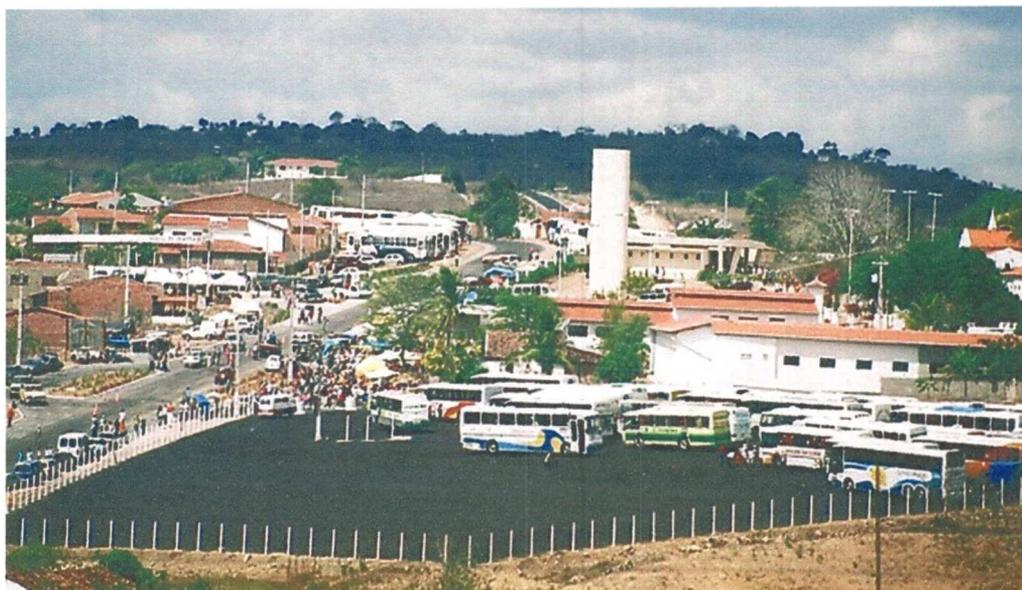


Foto nº 19 (acervo pessoal): Vista parcial de Santa Fé. No primeiro plano vemos o pátio onde os ônibus ficam estacionados. No segundo plano, à esquerda vemos a rodovia que dá acesso ao portão principal do santuário; no centro e à direita vemos os prédios principais (casa de caridade, museu, praça de alimentação).

A foto nº 19 identifica bem a enorme dimensão que a romaria assumiu. Nela podemos observar o grande número de caravanas de peregrinos que chegam a Santa Fé. O estacionamento próprio para ônibus, quando repleto, revela-nos o surpreendente número de fiéis que vêm de outras cidades do estado e mesmo de outros locais da Região Nordeste.

Segundo as palavras de Francisco Tarcísio de Assis, o “Professor Tarcísio”, o crescimento da romaria, vivenciado através da igreja, dos fiéis, é atribuído à divulgação de Padre Ibiapina através do rádio, da televisão e do cinema, mas há também o empenho das autoridades políticas.

Segundo MIRANDA (2002) o ex-governador da Paraíba, José Targino Maranhão, dizia ter fé no futuro do Estado, “e é com a ajuda do turismo religioso que a Paraíba espera passar do inferno econômico para o paraíso do emprego e renda”.



Foto nº 20 (acervo pessoal): Arquibancadas do anfiteatro, repletas de pessoas, acomodadas para a celebração de missas.

Conforme MIRANDA (2002), Arara, com seu santuário Padre Ibiapina, leva à região do brejo paraibano o “milagre da multiplicação dos turistas”, atraindo 100 mil devotos por ano. A fotografia acima expõe de maneira inequívoca tal afirmação, uma vez que, nos dias de celebração da morte de Padre Ibiapina os fiéis/turistas afluem aos milhares, lotando o santuário de Santa Fé.

Conforme indica MIRANDA (2002):

“Enquanto a Paraíba não se industrializa, a fé é a tábua de salvação em um Estado castigado pela seca [...] que nos últimos 30 anos viveu uma brutal queda em sua produção agrícola, acabando com vastas plantações de sisal e algodão. [...] **Aqui a fé remove orçamentos**, brinca o ex-governador Targino. [...] O grande problema, claro, é gerar mais empregos. Um trabalho que vai exigir mais do que fé”. [grifos nossos]

O governador do Estado à época, José Maranhão, acrescentou ainda que o Santuário, encontrando sua independência econômica e sua inserção no calendário turístico religioso do Estado, poderia vir a se tornar “o elemento âncora da cadeia do processo de desenvolvimento da região”, o que vem a confirmar a afirmação de Gaspar Rafael (MARIA MARTINS, 2005:17).



Foto nº 21 (acervo pessoal): No palco de celebrações do Santuário, a presença de autoridades políticas é evidente. Da esquerda para a direita, vemos o Arcebispo da Paraíba (Dom Aldo Pagotto), o Prefeito de Arara (José Ernesto dos Santos Sobrinho) e o senador José Targino Maranhão, acompanhado de sua esposa.

O santuário compõe-se de museu, centro de documentação, casa onde o padre morou até o seu último dia de vida, “casa dos milagres”, casa de caridade, açude construído pelo religioso, capela, túmulo e amplo espaço, onde ocorrem as celebrações de missa.

Segundo informações colhidas a partir de MARIA MARTINS (2005:17), o valor da obra foi orçado na quantia de R\$ 848 mil, sob a supervisão de Solange Galvão, arquiteta da SUPLAN (Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado), tendo a concepção do projeto partindo da proeminente necessidade de se oferecer aos romeiros e visitantes uma condição de conforto e qualidade ambiental para melhor utilização dos espaços.

O Recinto de Celebrações mede 386,48 m² e tem capacidade para três mil assentos; a Praça de Alimentação ocupa uma área equivalente a 509 m²; o Estacionamento tem capacidade para 100 veículos e 5.000 pessoas. A área de apoio aos romeiros se compõe de duas praças cobertas: uma abrigando sanitários públicos, com fraldário, comércio de suvenires, central de informação, administração e um espaço destinado a palestras, exposições e amostras de vídeos; a outra praça destina-se à alimentação. Da obra constam ainda a calçada de acesso e pavimentação de vias, com área de 8.800 m² (MARIA MARTINS, 2005:17). À direita do altar encontra-se a “fonte milagrosa”, construída pelo Padre Ibiapina, importante

objeto de preservação, protegida por um muro de arrimo em pedra da região, conservando-a intacta e acessível aos romeiros para visitação. Reformada, a casa do Padre Ibiapina foi transformada em um museu, em homenagem a sua memória; a casa ao lado foi destinada à colocação de ex-votos, intitulada de Casa dos Milagres; a capela e o túmulo foram restaurados, e no cemitério foi erguido um local próprio para acender velas.

Notícia veiculada em 20/02/2006, através do sítio www.brejo.com, dava conta da conclusão, pela Diocese de Guarabira, da programação em memória dos 123 anos da morte de Padre Ibiapina, no Santuário Santa Fé. Houve na ocasião a realização de procissões, caminhadas e missas, quando participaram milhares de romeiros procedentes de vários municípios da Paraíba e de outros Estados.

Desde o dia 16/02/2006, já aconteciam várias procissões, a cada dia saindo de uma cidade diferente, com destino a Santa Fé. No primeiro dia saiu de Bananeiras, passando por Solânea. No dia seguinte foi de Areia e Remígio e, no sábado (18), saiu de Casserengue, encerrando-se com uma missa no Santuário. No domingo (19) foram celebradas missas a cada hora, com revezamento de padres atendendo confissões, encerrando-se com a celebração presidida por Dom Antonio Muniz, bispo da Diocese de Guarabira, concelebrada por dezenas de padres.



Foto nº 22 (acervo pessoal): Chegada dos religiosos ao palco de celebração. No segundo plano vemos os fiéis, aglomerados nas arquibancadas.

Neste ano, caravanas de romeiros procedentes do Rio Grande do Norte, do Ceará e de todas as Dioceses da Paraíba se fizeram presentes, acompanhadas de padres e religiosos. O governo, segundo dados da Polícia Militar, confirmou em mais de 30 mil pessoas os fiéis presentes em Santa Fé à comemoração dos 123 anos de morte do Padre Ibiapina no dia 19/02/2006.

Isto tudo, conforme divulgado, servirá para marcar a abertura do Ano Jubilar¹⁸ para comemorar os 200 anos de nascimento de Padre Ibiapina (05/08/2006). Além disso, a Universidade Vale do Acaraú (UVA), em Sobral (CE) está organizando seminário em parceria com a Diocese de Guarabira para discutir a obra do missionário Ibiapina.

Segundo LUNA (2006), os mais de 30 mil fiéis que estavam sendo esperados no Santuário da Fé, já se faziam sentir nas imediações. As lotações das pousadas e hotéis de Bananeiras, onde se localizam os maiores trechos das trilhas e os de Solânea estavam completas já em 18/02/2006.

Nessa ocasião estiveram presentes em Santa Fé muitos bispos do Nordeste, Padres da Diocese de Guarabira e de outras dioceses, além de autoridades políticas, representativas dos Poderes Executivo (prefeitos, secretários) e Legislativo (deputados, senador, vereadores).

Notícia veiculada no dia 20/02/2006 através do sítio do Governo Estadual (www.paraiba.pb.gov.br), informava que, com o **apoio do Governo do Estado**, os fiéis puderam desfrutar de uma estrutura melhor, com amplo estacionamento para ônibus e alargamento da via dá acesso ao santuário. "Só temos a agradecer, porque os governantes acreditaram no projeto dos caminhos de Padre Ibiapina", disse o bispo da Diocese de Guarabira, Dom Antônio Muniz Fernandes. É importante destacar esta parceria entre Estado e Igreja para entendermos bem a intenção deste empenho por parte dos governantes.

Dom Antônio Muniz, Bispo da Diocese de Guarabira, tem sido de fundamental importância para efetivar o projeto de canonização e tornar "O Apóstolo do Nordeste" cada vez mais conhecido. Foi ele quem estimulou a construção do Santuário Santa Fé, definindo uma programação religiosa para fazer memória de Padre Ibiapina, além de celebrar uma missa todo dia 19 de cada mês no Santuário de Santa Fé.

¹⁸ Aniversário solene.

No decorrer da missa, Dom Antônio Muniz comunicou aos fiéis que será instalado o Instituto Padre Ibiapina, a ser desenvolvido em parceria com a Arquidiocese da Paraíba e Unipê, nas pessoas de Dom Aldo Pagotto, arcebispo da Paraíba, do professor José Loureiro Lopes, o reitor do Unipê, dos monsenhores José Nicodemos, João Bosco e do padre Cícero Ricardo de Araújo, vigário de Arara.

Através de uma parceria entre o Sebrae, a ONG Parai'wa¹⁹, a Diocese de Guarabira e Governo do Estado, foi criado um roteiro turístico religioso no Brejo que levam os romeiros pelas trilhas seguidas pelo missionário que viveu na Paraíba de 1856 a 1883. Para melhor entender o roteiro turístico do referido projeto, anexamos imagem digitalizada do seu panfleto de divulgação, no qual visualizamos a área de abrangência dos "Caminhos".

Segundo LUNA (2006), o projeto "Nos Passos do Padre Ibiapina" foi concebido a partir do potencial de romaria que já ocorre sempre no dia 19 de fevereiro. A iniciativa segue os moldes do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

Para Lauremília Lucena, atual vice-governadora da Paraíba, que fez a caminhada de Santiago da Compostela (756 km, na Espanha), "toda caminhada alimenta a fé, é importante para se fazer reflexão, fortalecer o espírito" (LUNA, 2006).

E mais:

"O turismo tem recebido toda atenção do Governo do Estado. Investido em infra-estrutura, em divulgação. O bom da Paraíba é que aqui você tem turismo ecológico, religioso, de evento; temos um belo Litoral e um encantador Sertão" (LUNA, 2006).

Sobre Padre Ibiapina, Lauremília disse "que o verdadeiro peregrino é aquele que santifica os caminhos com as suas obras, com seus passos". Destacou também o empenho do missionário em levar qualidade de vida aos fiéis através do evangelho e de muito trabalho, e que "a solidariedade é uma virtude que todo mundo precisa desenvolver" (LUNA, 2006).

De posse dessas três afirmações da vice-governadora do Estado, podemos perceber que não é apenas o investimento na infra-estrutura, com a intenção de melhorar a vida dos peregrinos e alimentar sua fé, que faz o governo acionar o aparelho estatal. Por trás

¹⁹ Parai'wa Coletivo de Assessoria e Comunicação, é uma organização não-governamental com sede em João Pessoa, fundada em 1994, que promove a educação e desenvolvimento científico através do conhecimento, como divulgado em seu sítio (www.paraiwa.org.br). busca descobrir a cultura da Paraíba, conhecer a diversidade ambiental e trazer ao mundo a realidade regional resgatando e divulgando a história e ainda difundindo as potencialidades sócio-culturais da Paraíba e demais estados no Norte e Nordeste do Brasil.

desta aparente benesse sem interesses, observamos a propaganda política incutida na ação estatal, com o intuito econômico ao fundo. Afinal, trata-se de um ano eleitoral e divulgar as boas obras é prática marcante em nosso cenário político. É a melhor campanha de *marketing* que se pode fazer.



Foto nº 23 (acervo pessoal): Pessoas chegando a Santa Fé, depois de terem percorrido uma das trilhas dos “Caminhos de Padre Ibiapina”, entre elas, ao centro, está o ex-prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena.

A foto nº 23 ilustra a propaganda política incutida sob o viés da devoção. O Sr. Cícero Lucena, esposo da atual vice-governadora do Estado, acha-se em posição central, ladeado por seus assessores.

Nossa entrevistada Dona Raimunda Judite Amorim de Carvalho, devota de Ibiapina, nos disse que foi no tempo de Zé Maranhão, então governador, que veio assinar a ordem de serviço do projeto dos Caminhos do Padre Ibiapina (confira o anexo), debaixo de uma algarobeira. Quando vinha a Santa Fé, tudo era “mato”, tudo era muito simples:

“Foi no tempo de Zé Maranhão que veio assinar aqui os caminhos do Padre Ibiapina, Dom Luis, aí bateram palmas. Ele disse: eu não bato palmas, só bato quando vê o trabalho feito e eu estou vendo com a graça de deus, e Zé Maranhão, que tava no altar [...] Aí ele assinou e hoje eu posso bater palmas em louvor a Deus, a Nossa Senhora e a Padre Ibiapina, que estou vendo o trabalho feito por Zé Maranhão. Eu não puxo político não, num sabe, mas isso aí é importante”.

Destas afirmações, podemos observar a importância que a devoção ao Padre Ibiapina assumiu. Extrapolou os limites da religião e da fé popular. Atraiu os olhos dos governantes, que se saltaram sobre a oportunidade da divulgação de suas obras e viram em Santa Fé uma forma de se mostrar interessados no povo, aproximar-se dele e mostrar-se solidário.

Nesse sentido foi concretizado o projeto “Caminhos do Padre Ibiapina”. Ao todo se constitui de quatro vias, 242 quilômetros voltados para peregrinos e caminhantes, que poderão ser feitos a pé, a cavalo ou de bicicleta. O projeto foi criado para resgatar os caminhos percorridos pelo religioso, durante sua peregrinação no período de 1856 a 1883. Quem aproveita para fazer ecoturismo, as agências de receptivo oferecem pacotes que incluem estadias em pousadas e até gravações em DVDs das trilhas.



Foto nº 24²⁰: Um dos caminhos do Padre Ibiapina.

Foram criadas quatro trilhas, mas só o caminho via Cruzeiro de Roma está aberto e sinalizado – um percurso de 58,7 quilômetros. Os peregrinos saem da estátua de Frei Damião, em Guarabira, e caminham durante três dias até chegar ao santuário, em Santa Fé. Durante a caminhada, o peregrino encontra alojamentos, com abatimentos nas hospedagens, recebendo um certificado da Flor do Cedro, símbolo do projeto.

²⁰ CAMINHOS.JPG. 2004. Altura: 60 pixels. Largura: 66 pixels. 96 dpi. 32 BIT CMYK. 61,8 kb. Formato JPEG bitmap. Disponível em: <<http://www.brejo.com>> Acesso em: 20 fev. 2006.

Todas as quatro vias se iniciam no Memorial Frei Damião em Guarabira e terminam no Santuário de Santa Fé. Os caminhos compõem os seguintes municípios: Bananeiras, Solânea, Pirpirituba, Arara, Serraria, Pilões, Guarabira, Pilõezinhos, Cuitegi, Areia, Alagoinha e Alagoa Grande.

Desde 2002, a Paróquia da Ressurreição, em Sobral, criou um “Serviço”: interessados em mais informações sobre o padre Ibiapina ou que queiram comunicar graças alcançadas através do Servo de Deus podem ligar para: 0xx88.611.3349.



Foto nº 25 (acervo pessoal): Cartaz existente na parede interna da loja de suvenires na praça de alimentação de Santa Fé.

Há toda uma estrutura comercial existente em Santa Fé, seja em benefício da própria Diocese, que ostensivamente comercializa artigos religiosos sob o *slogan* de serem “vendas em prol da canonização do Padre Mestre Ibiapina”, como observamos da foto nº 25, tirada em local interno à praça de alimentação. Daí vemos a dimensão comercial que a fé assumiu.

Somente é dado aos membros de grupos da Diocese de Guarabira o direito de comercializar gratuitamente dentro da área do santuário, como podemos observar do espaço fotografado a seguir, que nos mostra a praça de alimentação existente em Santa Fé.



Foto nº 26 (acervo pessoal): Loja existente na praça de alimentação do santuário de Santa Fé.

Podemos observar a venda de terços, chaveiros, fitas, camisetas e fotografias de Padre Ibiapina, imagens de vários outros santos e tantos outros artigos religiosos compondo o cenário *comercial* da devoção.

Além desse espaço interno do santuário, destinado à comercialização de artigos religiosos, há também três casas de moradores da comunidade de Santa Fé que, em tempos das grandes celebrações dos dias 19 de fevereiro e 05 de agosto, abrem suas portas, onde comercializam os mesmos produtos acima descritos, como observamos a seguir.



Foto nº 27 (acervo pessoal): Espaço interno da casa de um morador de Santa Fé: comércio de artigos religiosos.

Na foto nº 27, vemos o ambiente de uma loja existente numa casa de Santa Fé. Vende-se todo tipo de souvenir. São bonés, terços, imagens de gesso, fotografias, fitas etc. É a fé que realmente remove orçamentos!

Há que se mencionar também toda uma estrutura externa ao santuário, onde diversos ambulantes montam suas barracas e pagam uma taxa à Diocese para obterem o direito de comercializar os mesmos artigos. Nesta área encontramos diversos produtos, da água mineral e o sorvete, baldes de assopro, comidas e cds, até serviço de moto-táxi, passando por brinquedos e utensílios domésticos. É nesta parte externa ao santuário que se vislumbra a pujança do comércio popular. Tudo está à venda: bens e serviços.



Foto nº 28 (acervo pessoal): No primeiro plano, brinquedos; no segundo, terços e artigos religiosos.

Podemos observar, e a foto nº 28 é expressão fiel, todo um aparato religioso, acompanhado de um ativo comércio, com artigos religiosos e profanos. Estão presentes nessa área a água mineral tão necessária sob o sol escaldante de Santa Fé; os retratos de Jesus Cristo e da Virgem Maria, bem como suas respectivas imagens, confeccionadas em gesso ou barro; os brinquedos e balões em formato de personagens de desenhos animados; as comidas típicas regionais e *fast-food*; equipamentos eletrônicos como celulares e relógios; até mesmo as populares “garrafadas”²¹.



Foto nº 29 (acervo pessoal): Comércio Popular: artigos religiosos vendidos em barracas exteriores ao santuário.

A ilustração acima mostra-nos o intenso comércio da religiosidade. O instrumento da devoção, a fé, baseia-se em imagens, fitas, crucifixos e tudo o mais que puder ser vendido. Padre Ibiapina torna-se um produto a mais nas prateleiras e nos mercados populares.

²¹ As conhecidas garrafadas nordestinas são poções feitas artesanalmente a partir de ervas conhecidas popularmente por suas propriedades medicinais, ainda que não cientificamente comprovadas, e utilizadas para o tratamento de doenças diversas, de “dores e frieiras a impotência sexual”.

Estas imagens de santos, retratos e outros artigos fazem parte da cultura popular nordestina, na qual, por tudo que vimos neste trabalho, Padre Ibiapina vem se juntar aos diversos santos existentes no conjunto das devoções católicas, em que vimos fé, propaganda, comércio e política se misturarem, numa união geradora do turismo religioso e do que poderíamos chamar de “fé de consumo”, em alusão à economia capitalista.

Tudo é produzido e reproduzido em série. A obra de Ibiapina, seu legado de solidariedade, fé e caridade, fica encoberto em meio a uma imagem de comércio e turismo, sob o manto da proteção eclesiástica e governamental.

CONCLUSÃO

Ibiapina foi uma figura de destaque no século XIX, por sua trajetória de vida, pelas obras que edificou, pela mensagem de fé e caridade que se perpetuou nos séculos seguintes, chegando aos dias atuais.

Com uma infância e adolescência conturbadas, marcadas pelas tragédias pessoais, Ibiapina, ao longo de sua vida, adquiriu uma formação cultural notável, o que é mais visível quando estudamos o contexto sócio-econômico de sua época, caracterizada por gotas de saber, destinadas a bem poucos, em meio a um oceano de ignorância, onde o poder econômico dos coronéis era pujante e os pobres eram deixados ao relento.

Devido às decepções na vida amorosa e nas carreiras política e jurídica; desiludido com os homens, Ibiapina optou por ser padre. As secas, as doenças e epidemias que assolavam o Nordeste no século XIX, o sofrimento pelo qual o povo passava, ressoaram em Ibiapina e o fez tomar a decisão de percorrer os sertões.

Unindo o povo em prol da construção de açudes, cemitérios, casas de caridade e outras obras materiais e espirituais, Ibiapina demonstrava seu grande poder de agregar e movimentar as pessoas em prol do bem comum, adquirindo aí verdadeira aura de santidade.

Dos adjetivos que lhe são imputados (advogado, educador, político, padre) o que lhe mais faz jus é o de missionário. Suas obras tiveram grande impacto na sua época.

Quando, próximo da morte, veio passar seus últimos dias em Santa Fé, lá constituiu sua moradia final. Ali permaneceu ativo em sua exortação da caridade até o fim.

"Vox populi, vox Dei" (a voz do povo é a voz de Deus).

Consagrado pelo povo como "santo", embora sem os cânones da Igreja, Ibiapina foi redescoberto em meados da década de 1980, quando emergiu do quase esquecimento, tornando-se hoje Santa Fé destino de milhares de romeiros, oriundos de diversas regiões da Paraíba e estados circunvizinhos.

Vendo a dimensão que a romaria adquiriu, a Igreja viu em Ibiapina uma oportunidade de reviver a cristandade nessa região tão carente em termos sociais e econômicos.

Foi aí que o Estado, que na época de Ibiapina era tão ligado à Igreja, voltou sua atenção e a ação governamental para a edificação de um santuário, um memorial para Ibiapina.

A partir daí, as palavras dos “romeiros” nos transmitem que a devoção vivida em Santa Fé não tem igual repercussão em cada um. Não há apenas religiosidade e devoção em Santa Fé. Encontramos também outras formas de “apropriação” da imagem de Ibiapina, não apenas aquela eminentemente de caráter religioso.

Padre Ibiapina tornou-se, pois, não apenas objeto de fé, é igualmente um produto mercadológico. A Igreja, sob o pretexto da canonização, ostenta tudo sob a forma de artefatos diversos. São terços, retratos, fitas, camisetas, bonés, imagens. E isto é objeto de comercialização. Há também um ativo comércio popular. Os pequenos comerciantes, oriundos da população local, vêm nesse contexto uma saída econômica para suas carências, participando do comércio de artefatos de índole religiosa, víveres, produtos artesanais e outros, além dos serviços.

O poder da imagem é incrível. Ela evidencia o caráter de fé e profano em torno do culto ao “santo”. Nos ex-votos, vemos a identificação entre o povo e Ibiapina, a conexão com o transcendental, observamos o elo que junta o devoto ao seu “santo”. Entretanto, a imagem nos mostra algo oculto. Esta imagem é reveladora. Desnuda o comércio da devoção. Expõe as pessoas em suas diversas faces: curiosos, fiéis, admiradores, pesquisadores, interessados e desinteressados.

Nesse ambiente, Padre Ibiapina é invocado por uma multidão de fiéis, enquanto outras pessoas atuam no comércio. Durante a celebração das missas, muita gente fica em locais exteriores ao santuário, envolvidas em atividades diversas da programação religiosa.

Assim, em pouco mais de duas décadas, vimos como brotou, foi (re)construída e cresceu a fé pelo Padre Ibiapina, que vai a cada ano se reafirmando.

À pergunta inicialmente formulada, sobre que razões seriam as responsáveis pelo crescimento dessa fé, traduzida na peregrinação ao santuário de Santa Fé, podemos incluir a própria história de vida de Padre Ibiapina, que é identificado como advogado dos pobres, acolhedor dos doentes e órfãos, protetor dos pobres e desvalidos. Além disso, podemos destacar o trabalho de pessoas ligadas à Igreja Católica no resgate e na divulgação do trabalho de Padre Ibiapina, bem como a ação governamental, no tocante à edificação da

estrutura existente em Santa Fé, notadamente a construção do anfiteatro e a reforma dos demais prédios deixados por Ibiapina.

O Padre José Antônio de Maria Ibiapina, faleceu no dia 19 de Fevereiro de 1883, mas sua história se faz presente e viva na comunidade de Santa Fé, tornando-se alicerce de uma devoção que despertou nosso interesse ao elaborar esta monografia.

REFERÊNCIAS

AGRA, Giscard F. **A Urbs doente e medicada: um estudo sobre a higiene na Parahyba (1880 a 1930)**. Campina Grande: Departamento de História e Geografia da UFCG, 2003.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Padre Ibiapina: Peregrino da caridade**. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995. 213 p.

AUMONT, Jacques. **A parte e o todo**. In: "A imagem". São Paulo. Ed. Papiros, 1993. p. 75-105.

BENJAMIN, Roberto Câmara. Devoções populares não-canônicas na América Latina: Uma Proposta de pesquisa. In: **Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación Ciencias de la Comunicación y Sociedad: un dialogo para la Era Digital, 6.**, Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), 2002. Disponível em: www.eca.usp.br/associa/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia202002/gt%20%204%20%20Roberto%20E%20Benjamin/ROBERTO%20Benjamim.doc. Acesso em: 26 mai. 2006.

CARVALHO, Cláudio Sousa. **Padre Ibiapina e as Casas de Caridade no âmbito da Educação do Brasil Oitocentista**. 2003. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de História, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2003.

CEHILA (Centro de Estudos Históricos Latino-Americanos) DESTOCHERS, Georgette, e HOONAERT, Eduardo (org.) **Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. [Coleção O Povo Quer Viver].

COUTINHO, Sérgio Ricardo. **Os 25 anos da CEHILA: da História da Igreja à história do fenômeno religioso na América Latina**. Rio de Janeiro, jan. 1998. Disponível em: <http://members.tripod.com/bmgil/csr09.html>. Sérgio Ricardo Coutinho. Acesso em mar. 2006.

FROTA, Lélia Coelho. **Ex-votos**. Brasília, jun. 2001. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/artepop/exvoto/>. Acesso em: 26 mai. 2006,

HOONAERT, Eduardo. **Crônicas das casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LÓSSIO, Rúbia, VAINSENER, Samira Adler. **Santos não-canônicos: Presença da Cultura Popular nos Mercados Públicos de Recife/Pernambuco – Brasil**. Brasília, nov. 2003. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/geral/folclore/santostextos.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2006.

LUNA, Hermes de. Santuário da Fé espera receber 30 mil pessoas. **JORNAL DA PARAÍBA**, Campina Grande, 18 fev. 2006. Disponível em: <www.jornaldaparaiba.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2006.

MAIA, Gisa. **Padre Mestre Ibiapina: O Evangelho da solidariedade**. João Pessoa: Ed. M. Frac, [2002?].

MARKETING religioso. **São Paulo**, set. 2002. Disponível em: <<http://univercidademkt.vilabol.uol.com.br/religioso.htm>>. Acesso em 26 mai. 2006.

MARIZ, Celso. **Ibiapina: Um Apóstolo do Nordeste**. 3 ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, Conselho Estadual de Cultura, 1997. 324 p.

MARTINS, Maria do Socorro Silva. **A vida de Padre Ibiapina: Aspecto Religioso**. 2005. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de História, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2005.

MIRANDA, Ricardo. **Fé nas mudanças: Turismo religioso pode tirar o Estado do inferno econômico e colocá-lo no paraíso do emprego**. São Paulo, dez. 2002. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1734/governadores/1734_paraiba.htm>. Acesso em: 20 fev. 2006.

NÓBREGA, F. Pereira. **10 Mitos Nordestinos**. Rio de Janeiro, ago. 2003. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/B-10.HTM>>. Acesso em: 17 abr. 2006.

PARAÍBA (Governo). **Secretaria de Comunicação. 30 mil pessoas reverenciam Padre Ibiapina em Santa Fé. Bispo de Guarabira destaca apoio do Governo ao projeto dos caminhos do Pe. Ibiapina**. João Pessoa, fev. 2006. Disponível em: <www.paraiba.pb.gov.br/secom/noticias/20022006.html>. Acesso em 20 fev. 2006.

REGIÃO lembra os 123 anos da morte de Padre Ibiapina. **Guarabira**, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.brejo.com/home/wmview.php?ArtID=3828&page=2>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

SOBRALENSES comemoram 196 anos de padre Ibiapina. **Fortaleza**, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.noolhar.com/opovo/ceara/163635.html>>. Acesso em: 17 abr. 2006.

UM SANTO Cabeça-chata. **Fortaleza**, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.navedapalavra.com.br/cronicas/umsantocabecachata.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2006.

ANEXOS

ANEXO A:

Imagem digitalizada do mapa das trilhas do projeto
“Caminhos do Padre Ibiapina”

PROGRAMAÇÃO

- 23.03 - ARARA
- 24.03 - SOLÂNEA
- 25.03 - AREIA
- ✿ 26.03 - ALAGOA GRANDE
- ✿ 30.03 - PIRPIRITUBA
- ✿ 31.03 - SERRARIA
- 01.04 - BORBOREMA
- 02.04 - PILÕES
- 06.04 - GUARABIRA
- 07.04 - BANANEIRAS

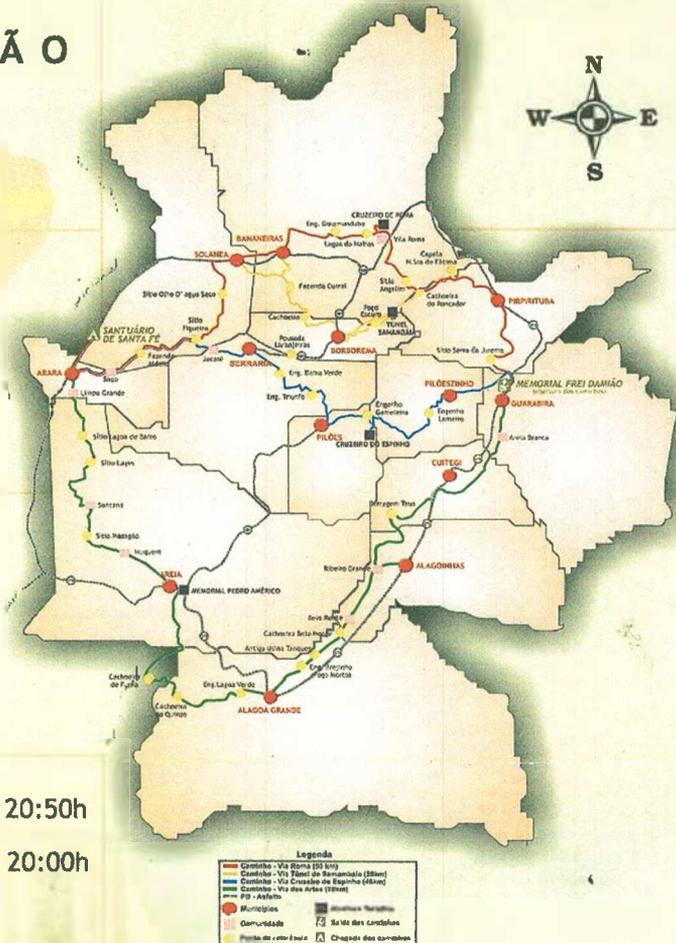
Palestras - Das 17:00h as 20:00h

✿ Filme (Eu Sou o Servo) - 20:30h as 20:50h

✿ Exposição de fotos - das 14:00h as 20:00h

✿ Teatro - Grupo Sal da Terra

(Vida e Morte de Padre Ibiapina) - 21:00h as 21:50h



A abertura dos caminhos do PADRE IBIAPINA no Brejo da Paraíba em 04 opções; **VIA CRUZEIRO DE ROMA**, **VIA TÚNEL SAMAMBAIA**, **VIA CRUZEIRO DO ESPINHO** e **VIA DAS ARTES**, abrirá oportunidades para o desenvolvimento do turismo regional, atraindo turistas, peregrinos e andarilhos das mais diversas regiões do país e do exterior.

Os caminhos podem ser feitos a pé, de bicicleta e a cavalo, e estarão abertos e monitorados oficialmente sempre nos dias **15 A 19 DE CADA MÊS** durante todo o ano, com a presença de promotores e gedeões, a postos para certificar a passagem e carimbar o **PASSAPORTE DO PEREGRINO**, que, após completar os passos da via escolhida, receberá o certificado da **FLOR DO CEDRO**, em **SANTA FÉ** município de **SOLÂNEA**.

ANEXO B:
Entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

ENTREVISTA COM O PADRE GASPAR RAFAEL DA COSTA

Data de realização: 04/02/2006

Local: Arara – PB.

E.F.A.: Ednaldo Fernandes de Almeida

G.R. (Padre) Gaspar Rafael

E.F.A. – O que eu gostaria de saber do senhor é sua participação no ressurgimento no trabalho do Padre Ibiapina.

G.R. – Primeiro de tudo no ano de 1980 o arcebispo da Paraíba Dom José Maria Pires fez um seminário sobre o Padre Ibiapina em Lagoa Seca em 80, de 80 para cá eu percebi que aqui em Santa Fé todo dia 19 de cada mês tinha uma missa pouca gente de frente a casa de Manuel Pompeu, a casa paroquial então ali fui percebendo que a memória do Padre Ibiapina não podia se resumir numa missa aí sim chegou o momento oportuno que surgiu a idéia juntamente com outro colega o Adegilson da gente sair de Araras com um retrato do Padre Ibiapina, então mais ou menos em 85 por aí, 88, tivemos essa idéia e saímos de Araras para Santa Fé com o retrato na mão e depois foi juntando mais gente e chegou ao ponto de surgir uma procissão e juntava mais de 20 mil pessoas, o retrato não vinha mais na mão o retrato vinha num andor e esse retrato hoje está lá em casa em João Pessoa na casa da minha irmã como um marco histórico, então a partir dali fez com que o próprio Dom Marcelo para que em 93 abrisse o processo de canonização do Padre Ibiapina, então Dom Marcelo teve a partir do ressurgimento, do reavivamento da fé do povo em Padre Ibiapina, levou a ele abrir o processo de canonização.

E.F.A. – Com relação ao processo de canonização como se encontra o processo hoje?

G.R. – O processo de canonização do Padre Ibiapina foi aberto em 2003 eu fui membro do tribunal eclesiástico, o notável da causa e então a fase diocesana foi elaborada. Depois da fase diocesana vai para o Vaticano. Lá tem uma comissão de teólogos, historiadores e vão avaliar tudo aquilo que foi feito por parte da diocese. Depois da fase histórica e teológica dá-se o nome de *position*. É um resumo traduzido na língua Italiana e distribuído para alguns cardeais e cada cardeal daquele dará um parecer favorável para a continuação ou não. Atualmente estamos nessa fase. A congregação para a causa dos santos, exatamente. Já estamos com essa *position* e já mandou para ser entregue nas mãos dos cardeais os responsáveis pela beatificação e canonização de um servo de deus, como é o caso do Padre Ibiapina. Então, já está adiantada a fase e estamos esperando um parecer do Vaticano para exatamente depois a diocese abrir os milagres atribuídos ao Padre Ibiapina.

E.F.A. – Em 1983 foi comemorado aqui em Santa Fé o primeiro centenário da morte do Padre Ibiapina, eu gostaria que o senhor comentasse a preparação dessa comemoração.

G.R. – É. Eu tinha um sonho de ver a história de Padre Ibiapina não ser apagada, e dizia o seguinte: quem é de deus não tem quem tire sua história, e em 83, exatamente quando comemoramos 100 anos que eu não ia chegar a ver o que eu estou vendo hoje: um santuário desse. todo 19 tem missa, a universidade preocupada com Padre Ibiapina, a igreja preocupada com Padre Ibiapina, até o ponto de que nessa data de hoje, mês de fevereiro, o bispo diocesano já está convocando a assembléia diocesana de Guarabira para estudar a vida de Padre Ibiapina, porque Padre Ibiapina foi um referencial de uma grande missionário. Então, para mim naquele tempo eu não sabia nem o valor que isso tinha. Eu não tinha idéia do tamanho de que tudo isso ia acontecer. Eu não vou dizer ingênuo, mas eu tinha uma percepção futurista da coisa. Mas não tinha assim. Achava que tudo isso não passava de um sonho, até que em 83 eu era um jovem que vinha do deserto e estava me preparando para a faculdade. Depois nunca pensei em ser padre. A vocação nasceu do mesmo movimento do Padre Ibiapina, quando Dom Marcelo autorizou restaurar a casa dele aqui, que estava caída, então na restauração eu sentia na casa a presença, não física, do Padre Ibiapina, e achei que me identificava com a história do Padre Ibiapina como sacerdote, isso me ajudou muito.

E.F.A. – O senhor é, na minha opinião, o principal responsável pelo crescimento da romaria. Eu gostaria que o senhor colocasse alguns aspectos relacionados a esse crescimento de 20 anos para cá, da década de 80 até hoje.

G.R. – Eu não atribuo a mim, não. Eu atribuo ao espírito santo, o espírito santo que age nas pessoas. Você hoje está pesquisando. Vai defender sua tese lá na universidade e seria uma vaidade minha. Eu não fiz nada. Por exemplo, em 84, em 84 eu fui a Sobral. Nunca tinha saído de Araras e Dom Marcelo abriu o seminário em Sobral, do Padre Ibiapina, lá na UVA, e ele disse: você vai me representar. Eu cheguei para Dom Marcelo: quem sou eu? Eu sou um vereador, um jovem universitário. Ele disse: entre as pessoas da diocese, você é quem vai me representar, porque você tem conhecimento de causa Ibiapina. E eu fui. Cheguei lá. Eu me senti muito pequeno porque estava diante de vários reitores de universidades, de professores e profundos conhecedores e os temas que Dom Marcelo pediu para eu falar era “Padre Ibiapina fez opção pelos pobres” e eu falei na minha linguagem e daquele seminário que Sobral fez, porque Araras não podia crescer aí foi mostrando para o povo, dando entrevistas, mostrando nas celebrações e fui dizendo que o futuro de Araras, o futuro do Brejo, o futuro de Guarabira está nos passos do Padre Ibiapina. É tanto que parece eu estava profetizando que hoje, que agora nós temos as trilhas do Padre Ibiapina que sai de Guarabira a Araras. Fiz duas vezes a pé. Dá 62 Km e vi que exatamente o Padre Ibiapina tinha razão quando ele dizia uma frase “eu não sou um homem do presente, eu sou um homem do futuro”. Veja, depois de 150 anos, 200 anos de nascimento depois de 2 séculos, esse homem foi resgatado, se fizer uma pesquisa, Naldo, sobre como Padre Ibiapina foi um educador, você vai encontrar muita fonte, o estilo do cartão se você colocar Padre Ibiapina como Político, o homem que foi deputado, o homem que foi chamado para presidente da província do Ceará, foi chamado para ser Ministro da Justiça, da economia. Na época ele não quis, nós temos a parte de quando ele era deputado pelo Ceará que era o Rio de Janeiro a capital federal. Então você vai percebendo que Padre Ibiapina é muito novo, e quando você vai ler Ibiapina. Você vai descobrir um elemento novo na atualidade. Era um homem que tinha uma visão extraordinária para a época. É um homem que fez a igreja ser diferente no nordeste a partir da sua idéia de acolha dos pobres, acolho as viúvas, as crianças... Era um homem que, como intelectual, como juiz, deputado, parece que incorporou na miserabilidade, na fragilidade do povo nordestino, que era dominado pelos coronéis.

E.F.A. – E finalmente eu queria saber o seguinte: Está se aproximando a grande data da comemoração do aniversário de morte do Padre Ibiapina, se espera aproximadamente quantas pessoas?

G.R. – o ano passado que foi normal. Todo (dia) 19 a policia militar, o governo, calculou mais de 30 mil pessoas. Esse ano, como é a abertura do jubileu dos últimos anos do Padre Ibiapina, vai estar presente aqui muitos bispos do Nordeste, muitos padres de toda essa diocese, as autoridades políticas estarão aqui também. Então a diocese, a partir de hoje, estará divulgando na mídia falada, escrita, estamos abrindo inclusive um portal da diocese, que é exatamente para divulgar o projeto do padre Ibiapina e tantas outras atividades. Então a gente espera esse ano o dobro de romeiro do ano passado. Então isso é bom, porque são gerações: o avô, o pai e a filha e o filho vai vendo tudo isso e vai passando para os filhos quando jovem. A história desse homem, a gente diz o que atrai aquela multidão aqui, o que atrai aqui é o testemunho do Padre Ibiapina que deixou para a história da igreja.

E.F.A. – Na primeira comemoração do centenário de morte que o senhor participou e organizou aproximadamente quantas pessoas tinha?

G.R. – Olhe bem, olhando muito bem aqui que foi uma coisa muito extraordinária e ali foi a porta que se abriu para a vinda do Padre Ibiapina. Ali foi dois momentos que acolheu gente em Santa Fé; foi na vinda de Frei Damião que Dom Marcelo fez essa ligação. Frei Damião no túmulo do Padre Ibiapina. Eu tenho foto e ele de lado e o segundo momento que deu mais gente foi o centenário que a gente calcula naquele tempo umas 10 mil pessoas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO: PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

ENTREVISTA COM FRANCISCO TARCÍSIO DE ASSIS.

Data de realização: 18/05/2006

Local: Arara – PB.

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Francisco Tarcísio de Assis (F.T.A.)

E. F.A. Qual o seu nome completo?

F.T.A: Francisco Tarcísio de Assis.

E. F.A. Qual é a sua profissão?

F.T.A. Hoje, aposentado.

E. F.A. Qual a sua idade?

F.T.A: 63 anos.

E. F.A. Há quanto tempo mora em Arara?

F.T.A: 63 anos.

E. F.A. Desde que nasceu?

F.T.A: Isso.

E. F.A. Eu queria saber se o senhor se lembra da comemoração do primeiro centenário de morte de Padre Ibiapina. Como foi essa preparação, quem participou desse momento?

F.T.A: Pessoas por nome eu não sei, mas foi pessoas de Arara que trabalhou na organização.

E. F.A. Naquele momento, quantas pessoas participaram daquele evento?

F.T.A: Aproximadamente umas 500 pessoas. Era um bom número de gente naquela época. A missa sempre existiu, por pessoas que sempre veneravam o padre.

E. F. A.: Nos últimos anos, porque tem aumentado o número de fiéis?

F.T.A: A própria fama. Devido a maneira como ele trabalhou, e isso foi crescendo e as pessoas cada vez mais tomando conhecimento e realmente hoje tá um volume muito grande.

E. F.A: Na sua opinião, por que tem crescido o número de devotos e fiéis de Padre Ibiapina?

F.T.A: Bem, essa foi uma pergunta que não é muito fácil de responder, não. Mas, a observação, a maneira de ver. Por ter participado de muitas festas em Santa Fé. E também os anos que eu conheço Santa Fé. Sendo que eu cheguei a assistir a várias missas à noite. Nem tinha energia lá, eram feitas à luz de gás. Mas sempre tinha o pessoal que tinha essa devoção pelo padre, desde o seu falecimento, do tempo em que ele esteve ali na Santa Fé. Enfim, até que veio o falecimento, aí ficou o pessoal sempre... dia dezenove. As noites mesmo sem energia as missas eram celebradas naquela data. E daí eu creio que foi o início do seu crescimento. A partir daí, vemos outro movimento, agora mais recente. O pessoal sempre incentivado pelo que o padre pregou, sua palavra, e também os seus trabalhos que ele fazia com o pessoal. Isso é, crianças abandonadas, trabalhos em mutirão, como a igreja da padroeira, que foi feita através do padre (Ibiapina), através de mutirão. Então pegando todo esse, desde lá, desde a sua chegada em Arara, em Santa Fé e Arara, sempre era Arara de Santa Fé. Hoje não se fala mais assim. Era uma ligação forte. Arara e Santa Fé. As cartas era escrita assim: Arara de Santa Fé ou Santa Fé de Arara. E daí, juntando tudo esse “documentário”, a vivência de cada pessoa, de cada fiel, aí veio o centenário. Aí começou um crescimento mais forte, através da igreja, dos fiéis, que nunca deixaram de participar. E quero continuar, que para finalizar é... a divulgação através do rádio e da televisão, que já estiveram aqui. Cinema também. Já teve um filme sobre Padre Ibiapina. E... rádio e televisão fizeram com que chegasse ao tamanho de hoje.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevista realizada no dia 18 de maio de 2006

Local: Arara – PB

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A).

José Bernardino dos Santos (J.B.S).

E.F.A. Qual o seu nome completo?

J.B.S. José Bernardino dos Santos (Dedé)

E.F.A. Qual a sua profissão?

J.B.S. Marceneiro

E.F.A. No dia 19 de fevereiro de 1983, foi comemorado o primeiro centenário da morte de Padre Ibiapina, em Santa Fé. Como foi essa comemoração?

J.B.S. Essa comemoração foi através de uma missa, é... Centenária de Padre Ibiapina. E na época teve o criador da música, que foi Antonio, Antonio, O nome do pai dele eu não sei, sabe, ele era aqui de Arara também. Ele fez uma música “Padre Ibiapina faz cem anos que morreu. Todo mundo comenta o tempo que ele viveu”. Eu acho que até hoje ela ainda é... Na época assim tinha aproximadamente, talvez uns... uma faixa de mais de 1000 pessoas. Nessa época, que foi a comemoração, né. E o que me lembra muito bem, é que desde na época com Padre Gaspar, que não era padre ainda. A maior criatividade ali foi a dele que eu sei.

E.F.A. O senhor lembra quem foram as pessoas que organizaram essa missa?

J.B.S. Padre Leonardo, na época, era Manoel Pompeu, fazia parte lá também. Também era umas cantoras que tinha na época também. Fátima parece que fazia parte também e... Houve um tempo quando ela começou a se formar assim ser tradição mesmo (a missa). Então tinha um grupo lá da Santa Fé. Um grupo que cantava e não queria mais que alguém fosse daqui. Houve essa polemicazinha também.

E.F.A. Nos últimos 20 anos tem crescido muito o número de fiéis de Padre Ibiapina. Na sua opinião por que isso tem ocorrido?

J.B.S. Pra mim é um fenômeno muito difícil de explicar, porque muitas pessoas vêm talvez até pelo esporte, pelo um... mas com certeza existe uma fé forte ali. Dentro também, que eu poderia acreditar nisso, mas vou dar um exemplo que ainda não foi revelado. Por que no meio da multidão, chama muito a atenção, mas que é uma realidade. E pra hoje eu tenho esse exemplo. Quando eu casei, então houve um problema que a minha mulher ficou gestante e ela tenha um caso sério, assim, perdeu. Não tinha condição de ter família mais. Então o médico me chamou e me falou que a mulher não poderia ter mais família, né. Aí com bem dois anos

para frente, aí esse médico foi até Dr. Armando, ainda hoje ele tá vivo pra provar isso. Aí há dois anos pra frente a mulher ficou gestante novamente... e Socorro (sua esposa) fez uma promessa com Padre Ibiapina, sabe. Se fosse homem era Biapino, se fosse menina, era Ibiapina. Foi claro durante os nove meses, ela não teve nenhuma dor de cabeça. E hoje tá a minha filha aí. Ela é professora. A gente achou que aquilo foi até uma brincadeira que o médico disse. Dois anos depois ela ficou gestante e dessa vez ela ia morrendo. Então eu acredito que, com certeza, muitas pessoas têm alcançado graça ali também. E eu acho que isso também foi uma graça, dependendo da fé da pessoa... Agora muitos vêm, às vezes... por conhecer, alguma coisa pouco estranha, né, que faça as pessoas se deslocar de tão distante e vim. Padre Ibiapina é um nome forte. Então, aí, agora sim, a criatividade sempre que eu disse, quem mais puxou essa realidade, foi mais Padre Gaspar junto com o Bispo Dom Marcelo.

E.F.A. O que o senhor sabe sobre o início da procissão?

J.B.S. Sim, quanto o começo da procissão, a procissão quando ela... quando Padre Gaspar criou a procissão, na época não era padre, com certeza ele já queria ser padre. Num domingo, ele chegou aqui, falou assim. Olhe, a gente tem que... O que existia lá era uma missa. Só uma missa. Com o povinho de lá. Bem pouquinho. Acho que era de mês em mês. Padre Leonardo... Tinha uma capelinha lá... Isso de 1974 pra 1975. só tinha aquela missa. Aí depois, mais ou menos anos 1980 foi que Padre Gaspar chegou e me pediu pra fazer um andor, até num dia de domingo. Aí eu falei: mas rapaz, mesmo agora. Ele disse: estou com os fiéis na igreja, para sair em procissão. Aí ele... a gente fez um arranjozinho. Pegamos o quadro (de Ibiapina) e amarramos até saiu com o andor. Se muito tinha eram uns duzentos fiéis, na época. Descemos a rua que vai para Solânea, Maria das Dores. E chegou o momento que alcançou que hoje não tem capacidade de ter procissão. Porque, né, fica difícil as autoridades organizar. Hoje você tá vendo como tá aí.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

1º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Marcelo (M)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

M. – Marcelo.

E.F.A. – Qual a sua idade?

M. – 21.

E.F.A. – Nasceu em que cidade?

M. – Solânea.

E.F.A. – Atualmente mora em Solânea?

M. – Moro.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

M. – Agricultor.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

M. – Várias vezes.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

M. – Através das pessoas, amigos.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

M. – quando cumpri uma promessa com ele e consegui.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

M. – Pagar a minha promessa, porque consegui o que eu pedi para ele eu realizei

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

M. – Sim.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra (cemitério, açude. Casa de caridade etc.) realizada por Padre Ibiapina em sua região? Nesse caso tem a Santa Fé aqui.

M. – É.

E.F.A. – Na sua opinião, por que a cada ano tem aumentado o número de pessoas que visitam o santuário?

M. – Porque o que o povo pede para ele ver, né.

E.F.A. – Pois muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

2º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Tereza de Jesus Costa Falcão (T.J.C.F.)

E.F.A. – Qual é o nome completo da senhora ?

T.J.C.F. – Tereza de Jesus Costa Falcão.

E.F.A. – Qual a sua idade?

T.J.C.F. – 78 anos.

E.F.A. – Onde a senhora nasceu?

T.J.C.F. – Nasci em Soledade mesmo acima de Campina Grande, 10 léguas.

E.F.A. – Hoje a senhora reside lá ainda?

T.J.C.F. – Resido lá ainda só pretendo sair de lá para o cemitério.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

T.J.C.F. – A minha profissão é doméstica.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

T.J.C.F. – 3 vezes com essa.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

T.J.C.F. – Por esse assunto de quando ele formou Soledade foi no cemitério, Pocinhos aí subiu até o fim do Ceará formando, aí tem o busto dele na praça.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

T.J.C.F. – Toda vida eu tinha paixão pra vim aqui, que quando começou a falar nos projetos que ele fez em Soledade e nesse meio do mundo, eu tinha aquela paixão medonha, depois consegui, uma vizinha foi moradora daqui nasceu e se criou-se aqui, um dia ela me chamou ela é até protestante, e me chamou para eu vim. Fiquei devendo favor. Agora ela vinha comigo, mas tinha visita em casa. Ela disse eu queria ir para eu lhe mostrar tudinho lá; a casa de caridade, as freiras, tudo lá.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

T.J.C.F. – Com essa mesma devoção, com esse mesmo sentido, porque não viemos passear não, nós viemos visitar uma estátua, porque um passeio é uma coisa e uma visita especialmente do falecido, porque ele ainda não foi canonizado para dizer tá canonizado a gente vem visitar um corpo.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

T.J.C.F. – Não recebi e recebi, porque eu tinha um problema de coração (angina). Aí, quando eu me preparo para vim para aqui parece que eu boto o pé assim na frente, venho direto e não senti nada. Posso dizer que é a maior graça que alcanço.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra na sua cidade (cemitério, açude. Casa de caridade etc.) realizada por Padre Ibiapina ?

T.J.C.F. – Tenho, o cemitério, a parte da igreja ele fez uma parte depois de Soledade que é a mesma coisa de Pocinhos ele fundou Pocinhos quase todo Pocinhos aí saiu Pocinhos, Picuí, Pedra Lavrada que é tudo vizinho a Soledade, tudo um município só ele quem fundou.

E.F.A. – Na sua opinião, por que a cada ano tem aumentado o número de pessoas que visitam o santuário?

T.J.C.F. – Hoje eu não sei, mas no ano passado o menos que deu foi umas 30 mil pessoas aí hoje eu não sei ainda como é que vai ser.

E.F.A. – Porque a senhora acha que tem aumentado tanto essas pessoas que visitam?

T.J.C.F. – Porque é o interesse delas e acham que tá santo, porque um corpo santo é como a gente diz: é a mesma pessoa de Jesus Cristo. É, aí a pessoa faz aquele interesse. É como Frei Galvão. Vai ser canonizado agora eu dou por vista como vai tá lá dia 16 de julho Frei Galvão vai ser canonizado também aí o pessoal tem que ir se aproximando também.

E.F.A. – Muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

3º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Maria do Carmo Lima (M.C.L.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

M.C.L. – Maria do Carmo Lima.

E.F.A. – Qual a sua idade?

M.C.L. – 49

E.F.A. – Onde a senhora nasceu?

M.C.L. – Aqui mesmo em Arara.

E.F.A. – Onde a senhora mora?

M.C.L. – Santa Rita.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

M.C.L. – Eu sou auxiliar de cozinha.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

M.C.L. – Nada, varias vezes já perdi as contas, agora que já faz uns 3 anos que eu não venho aqui.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

M.C.L. – Porque já morava aqui não era, já morava aqui, só que quando eu morava aqui não tinha romaria tão grande como tem hoje na época e agora tá abrangendo o Estado quase todo.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

M.C.L. – Desde de quando eu moro aqui que começou, que antes saía com a procissão ali da cidade, vinha procissão assim a tarde e eu nessa época eu era bem mais jovem e a gente começou a caminhar.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

M.C.L. – A gente vem, não só eu, mas eu creio que todas as pessoas que vem pedir uma graça, agradecer a intercessão do Padre Ibiapina.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

M.C.L. – Já, já sim, porque eu fiquei muito tempo sem vim aqui depois que eu fui morar lá e sempre eu pedi a ele que com as intercessões dele que nós alcançasse uma graça de eu sempre eu está podendo visitar, isso foi a graça que eu alcancei e fora as graças que a gente sabe que as pessoas tem alcançado muitas graças aqui e nós que já conhecemos nós temos ele como santo mesmo só que não chegou aos altares das nossas igrejas, mas a gente tem ele como santo porque quantas graças as pessoas não já testemunharam através da intercessão dele, olha, não só eu , mas eu tenho colega que já veio aqui também que é lá de Santa Rita ela era doente do coração estava com a cirurgia marcada para fazer essa cirurgia e ela veio aqui e pediu a Padre Ibiapina que não iria fazer essa cirurgia e ela ficou boa pra honra e glória do senhor até hoje ela não fez essa cirurgia e ficou boa

E.F.A. – Lá em Santa Rita a senhora tem conhecimento de alguma obra que tenha sido realizada lá.

M.C.L. – Em Santa Rita não, o milagre só o milagre dessa senhora, mas outras obras não.

E.F.A. – Na sua opinião, por que, a cada ano, tem aumentado o número de pessoas que visitam o santuário?

M.C.L. – Eu acho porque as pessoas que vem, umas que vem pela primeira vez e as outras que já vem ficam convidando as outras e contando as graças e a gente já escuta pelo rádio, televisão que sempre tem padre que fala sobre Padre Ibiapina e as pessoas querem ver como é que é.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

4º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Jocelia Florêncio Pereira (J.F.P.)

E.F.A. – Qual é o seu nome completo?

J.F.P. – Jocélia Florêncio Pereira.

E.F.A. – Qual a sua idade?

J.F.P. – 28 anos

E.F.A. – Onde você nasceu?

J.F.P. – Em Guarabira.

E.F.A. – Onde você mora atualmente?

J.F.P. – Em Guarabira.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

J.F.P. – No momento estudante.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

J.F.P. – Com certeza.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

J.F.P. – Na nossa cidade onde o bispo sempre vem visitar.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

J.F.P. – Foi quando as pessoas vizinhas sempre visitar essa cidade e falava sempre dele a vontade era tão grande de conhecer que eu hoje estou aqui.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

J.F.P. – Pretendo receber.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra que foi realizada em Guarabira, na sua cidade, como cemitério, açude construído por ele?

J.F.P. – No momento não.

E.F.A. – Na sua opinião porque será que tem crescido tanto o número de fiéis de Padre Ibiapina a cada ano aumenta?

J.F.P. – São pessoas que fazem seus pedidos e alcança, né.

E.F.A. – Muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

5º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Maria José da Silva (M.J.S.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

M.J.S. – Maria José da Silva.

E.F.A. – Qual a sua idade?

M.J.S. – 49.

E.F.A. – Onde nasceu?

M.J.S. – Bananeiras.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

M.J.S. – João Pessoa.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

M.J.S. – Comerciante.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

M.J.S. – Não, não, já perdi as contas.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

M.J.S. – Através dos familiares que moram aqui.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

M.J.S. – Cerca de seis anos.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

M.J.S. – Devoção, agradecimento por pedir.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

M.J.S. – Diretamente nem lembro agora, não sei nem te dizer, mas sempre estou satisfeita com os pedidos.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada por Padre Ibiapina em sua cidade como cemitério, açude porque onde ele passou ele fundou alguma coisa?

M.J.S. – Não, não.

E.F.A. – Na sua opinião já que veio algumas vezes aqui, porque será que tem crescido tanto a devoção a Padre Ibiapina?

M.J.S. – Eu acho que pela comunicação boca a boca, a pessoa fica passando de um para o outro.

E.F.A. – Muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006
Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

6º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)
Maria do Carmo Araújo dos Santos (M.C.A.S.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

M.C.A.S. - Maria do Carmo Araújo dos Santos.

E.F.A. – Qual a sua idade?

M.C.A.S. – 59 anos.

E.F.A. – Onde nasceu?

M.C.A.S. – Em pingo d’água dos Mocós.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

M.J.S. – Na rua Severina Correia 806, Auto da Boa Vista, Bayeux.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

M.C.A.S. – Funcionaria pública estadual.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

M.C.A.S. – Primeira vez.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

M.C.A.S. - Por dona Marluce, uma amiga minha.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

M.C.A.S. – Pelo Jornal, pelo jornal Correio da Paraíba.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui no santuário?

M.C.A.S. – Visitar o santo.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

M.C.A.S. – Não, mas vou pedir hoje, vim para isso também.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada por Padre Ibiapina como cemitério, açude na cidade onde a senhora nasceu ou onde mora atualmente?

M.C.A.S. – Não, onde eu moro não tem.

E.F.A. – Na sua opinião porque a cada ano tem aumentado o número de pessoas que visitam o santuário, porque tem crescido tanto a devoção a Padre Ibiapina?

M.C.A.S. – Porque o povo tem tido muito milagre.

E.F.A. – Muito obrigado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

7º Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

José Severino Rodrigues Sobrinho (J.S.R.S.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

J.S.R.S. – José Severino Rodrigues Sobrinho.

E.F.A. – Qual a sua idade?

J.S.R.S. – 44.

E.F.A. – Onde nasceu?

J.S.R.S. – Em Santo Antonio do Salto da Onça (RN).

E.F.A. – E atualmente mora aonde?

J.S.R.S. – Sítio Capiacú, no sítio Santo Antonio.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

J.S.R.S. – Professor.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

J.S.R.S. – Sim.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

J.S.R.S. – Através das pessoas.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

J.S.R.S. – Esse ano.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui no santuário?

J.S.R.S. – Conhecer.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

J.S.R.S. – Não.

E.F.A. – Mas tem conhecimento de alguma obra realizada na sua região como construção de cemitério, de açode por Padre Ibiapina?

J.S.R.S. – Não.

E.F.A. – Ultimamente tem aumentado muito o número de fiéis aqui no santuário na sua opinião porque será que tem aumentado número de fiéis aqui no santuário?

J.S.R.S. – Acho que é por causa dos milagres, né.

E.F.A. – Muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

8ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Marluce Targino (M.T.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

M.T. – Marluce Targino.

E.F.A. – Qual a sua idade?

M.T. – 66 anos.

E.F.A. – Onde nasceu?

M.T. – Nasci em Araruna.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

M.T. – João Pessoa, numa fazenda aqui próxima.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

M.T. – minha profissão é dona de casa mesmo.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

M.T. – É a primeira vez.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

M.T. – Através do jornal.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

M.T. – Eu não conhecia, estou conhecendo agora.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

M.T. – Até agora ainda não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada na sua região por Padre Ibiapina como construção de cemitério, de açude que ele construiu muitas coisas?

M.T. – Não na minha região não existe.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui?

M.T. – Pra conhecer.

E.F.A.- A cada ano tem aumentado o número de fiéis aqui no santa fé na opinião da senhora porque isso tem acontecido?

M.T. – Naturalmente alcança muitos milagres e por conta disso cada dia vai aumentando mais.

E.F.A. – Muito obrigado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

9ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Alexandre Ruco Vinagre (A.R.V.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

A. R.V. - Alexandre Ruco Vinagre.

E.F.A. – Qual a sua idade?

A. R.V. – 53 anos.

E.F.A. – Onde nasceu?

A. R.V. – Minas Gerais.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

A. R.V. – João Pessoa

E.F.A. – Sua profissão?

A. R.V. – Engenheiro e Artesão.

E.F.A. – E a primeira vez que visita o santuário?

A. R.V. – Não.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

A. R.V. – Através de participação nas trilhas do Padre Ibiapina.

E.F.A. – Com que objetivo o senhor veio hoje aqui ao santuário?

A. R.V. – É mais um trabalho de fé das pessoas e também um trabalho meu de confirmação de fé.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

A. R.V. – Eu já conheço Padre Ibiapina já de velhas datas, eu sou morador antigo de João Pessoa e lá tem uma fundação que é a fundação Padre Ibiapina encarregada de implantar escolas pelo interior, então eu já tinha conhecimento do Padre.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

A. R.V. – Especificamente eu não posso lhe afirmar.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada na sua cidade como cemitério, açude, casa de caridade que tenha sido construída pelo Padre?

A. R.V. – Não, não tenho conhecimento.

E.F.A. – Com que objetivo o senhor veio hoje aqui?

M.T. – Pra conhecer.

E.F.A.- Na sua opinião porque a cada ano tem aumentado o número de pessoas que visita o santuário?

A. R.V. – É justamente isso é o reconhecimento de uma pessoa que se dedicou aos pobres fazendo esse santuário aqui e é uma perpetuação daquela obra dele.

E.F.A. – Muito obrigado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

10ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.).

Ana Carolina da Silva Araújo (A.C.S.A.).

E.F.A. – Qual é o seu nome?

A. C. S.A. – Ana Carolina da Silva Araújo.

E.F.A. – Qual a sua idade?

A. C. S.A. – 16.

E.F.A. – Onde nasceu?

A. C. S.A. – Em São Paulo.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

A. C. S.A. – Em Solânea.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

A. C. S.A. – Sou estudante por enquanto.

E.F.A. – E a primeira vez que visita o santuário?

A. C. S.A. – Sim.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

A. C. S.A. – Através dos meus avós, da minha família e outras pessoas.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

A. C. S.A. – Desde o momento que eu entendi que deus era tudo na minha vida e que ele atualmente foi um santo padre.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui ao santuário?

A. C. S.A. – Ele tá operando alguns milagres na minha vida e na vida da minha família.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

A. C. S.A. – Por enquanto não, mas estou tentando receber.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada como cemitério, açude, na sua cidade que tenha sido construída pelo Padre Ibiapina?

A. C. S.A. – Não.

E.F.A.- Na sua opinião porque será que tem aumentado o número de fiéis de Padre Ibiapina nos últimos anos?

A. C. S.A. – Eu acho pela fé que as pessoas têm nele e por tudo que ele operou até hoje.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

11ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.).

Vera Lucia Pimentel de Sousa (V.L.P.S.).

E.F.A. – Qual é o seu nome?

V.L.P. S. – Vera Lucia Pimentel de Sousa.

E.F.A. – Qual a sua idade?

V.L.P. S. – 47.

E.F.A. – Onde nasceu?

V.L.P. S. – João Pessoa.

E.F.A. – Mora atualmente aonde?

V.L.P. S. – Bayer.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

V.L.P. S. – Professora.

E.F.A. – E a primeira vez que visita o santuário?

V.L.P. S. – Com certeza é, essa é a primeira vez.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

V.L.P. S. – Através de pessoa da igreja.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

V.L.P. S. – Alguns anos atrás que fui em encontros religiosos aí tive conhecimento que tinha o Padre Ibiapina aqui.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui ao santuário?

V.L.P. S. – Para visitar pessoalmente, porque a gente não conhecia.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

V.L.P. S. – Ainda não.

E.F.A. – Mas conhece alguém que já recebeu?

V.L.P. S. – Não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra, como cemitério, açude, realizada por Padre Ibiapina na sua região?

V.L.P. S. – Não.

E.F.A.- A cada ano tem se percebido um aumento no número de fiéis de Padre Ibiapina, na sua opinião porque isso tem acontecido?

V.L.P. S. – Porque as pessoas que visitam transmitem para outros e outros querem conhecer a existência e vêem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

12ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Lucia (L.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

L. – Lucia .

E.F.A. – Qual a sua idade?

L. – 54.

E.F.A. – Onde nasceu?

L. – Em Areia.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

L. – Em Bananeiras.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

L. – Agrônoma.

E.F.A. – E a primeira vez que visita o santuário?

L. – Não, já faz muitos anos, todos os anos eu venho.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

L. – Eu moro perto aqui, aí ...

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

L. – A minha devoção desde os milagres que eu venho recebendo.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui ao santuário?

L. – Pagar uma promessa e assistir a missa.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra – como cemitério, açude – realizada por Padre Ibiapina na sua cidade?

L. – Na minha cidade não tem não, porque eu moro em Bananeiras.

E.F.A. – Ultimamente tem aumentado o número de fiéis de Padre Ibiapina na opinião da senhora porque isso tem ocorrido?

L. – Pela fé e a quantidade de milagres que ele vem operando.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

13ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.).

Raimunda Judite Amorim de Carvalho (R J.A.C.).

E.F.A. – Qual é o seu nome?

R J.A.C. – Raimunda Judite Amorim de Carvalho R J.A.C.

E.F.A. – Qual a sua idade?

R J.A.C. – 79 e seis meses.

E.F.A. – Onde a senhora nasceu?

R J.A.C. – Pedra Lavrada.

E.F.A. – E atualmente mora aonde?

R J.A.C. – Estou morando em João Pessoa, mas eu morava em Canafiche. Morei 52 anos em Canafiche. Depois que eu enfiuei aí minhas filhas me levou para João Pessoa. Estou morando lá há 5 anos, mas todo ano eu venho para a romaria de Padre Ibiapina, porque aqui foi onde eu alcancei muitas graças e curas do Padre Ibiapina.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

R J.A.C. – Sou agricultora, meu filho.

E.F.A. – E a primeira vez que visita o santuário?

R J.A.C. – É a 15ª vez.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

R J.A.C. – Através da comunicação de Dom Marcelo. Foi a primeira pessoa foi dom Marcelo. Quando a gente vinha aqui era tudo mato, esses pés de algaroba era muito simples, num sabe. Foi no tempo de Zé Maranhão que veio assinar aqui os caminhos do Padre Ibiapina, Dom Luis, aí bateram palmas. Ele disse eu não bato palmas, só bato quando vê o trabalho feito e eu estou vendo com a graça de deus, e Zé Maranhão, que tava no altar. Era aqui debaixo do pé de algaroba. Era aqui (apontou com o dedo o local). Aí ele assinou e hoje eu posso bater palmas em louvor a Deus, a Nossa Senhora e a Padre Ibiapina, que estou vendo o trabalho feito por Zé Maranhão. Eu não puxo político não, num sabe, mas isso aí é importante.

E.F.A. – Com que objetivo a senhora veio hoje aqui ao santuário?

R J.A.C. – Vim louvar e agradecer ao senhor pelas graças recebidas do Padre Ibiapina, a intercessão de Nossa Senhora, ao Padre Ibiapina, que ele deixou plantado aqui sabe o quê? Dois pés de árvore.

E.F.A. – A senhora tem conhecimento de alguma obra realizada em sua cidade por Padre Ibiapina, como cemitério, açude?

R J.A.C. – Alagoa Grande tem um cemitério feito por Padre Ibiapina. Em muitos lugares tem casa de caridade. Em Bananeira aquelas igreja que foi construída pelo Padre Ibiapina, tem muita história de Padre Ibiapina.

E.F.A. – Na sua opinião porque a cada ano tem aumentado o número de pessoas que visita o santuário?

R J.A.C. – A fé e os milagres que têm acontecido, pela fé das curas recebidas. Eu posso dizer que recebi uma grande cura através da graça de Deus e Padre Ibiapina uma crise de coluna que eu e tive e fiquei aleijada e com a graça de Deus e a diligência feita pelo um médico eu alcancei essa graça. Eu chorava dizendo: Padre Ibiapina, tirai essa dor de cima de mim, nem que eu fique deficiente física. Mas eu agradeço a Deus porque era tanta dor que eu chorava nos pés do médico, doutor, eu estou chorando de tanta dor porque eu tive 15 filhos, mas eu nunca chorei nos pés do médico como eu estou chorando agora com essa dor. Doutor pelo amor de deus mande me engessar para eu ficar aqui só uma estátua, com a graça de Deus essa dor vai desaparecer. Sabe o que foi que aconteceu nesse período? Estourou duas varizes. Foi sangue alarmar mesmo e a dor foi desaparecendo e quando eu pensei que não já tava podendo me deitar na rede com uma tábua, depois que essas varizes estouraram que eu perdi muito sangue, a dor foi eliminando.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

14ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Paulo Rodrigues de Melo (P.R.M.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

P.R.M. – Paulo Rodrigues de Melo.

E.F.A. – Qual a sua idade?

P.R.M. – 68.

E.F.A. – Onde o senhor nasceu?

P.R.M. – Nasci em Pirpirituba, Estado da Paraíba.

E.F.A. – Onde o senhor mora atualmente?

P.R.M. – Em João Pessoa.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

P.R.M. – Eletricista.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

P.R.M. – Não, já vim quatro vezes aqui.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

P.R.M. – Foi com a primeira excursão que nós viemos com o irmão basto.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

P.R.M. – Minha devoção é com Deus primeiramente. Eu tenho fé em Deus, né, que eu fui inválido quase 15 anos. Perdi paladar, perdi tudo. Os médicos me enganaram e eu me peguei com Deus e fiquei curado. Porque eu acho que quem cura não é o santo, quem cura é Deus.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

P.R.M. – Vim para mostrar à minha filha que ainda não tinha vindo e com a minha esposa e com a romaria que todo ano eu venho.

E.F.A. – O senhor já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

P.R.M. – Já recebi, meu irmão sem poder vim, que ele é aleijado. Lá do interior ele fez um pedido e recebeu a graça.

E.F.A. – O senhor tem conhecimento em sua cidade de alguma obra realizada por Padre Ibiapina como cemitério, açude que ele construiu?

P.R.M. – Na há cidade não tem não.

E.F.A. – Na sua opinião já que o senhor veio várias vezes ao santuário porque será que tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina?

P.R.M. – É a fé do povo, o que vale é a fé de cada um, porque Deus sempre disse: quem te curou foi tua fé.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

15ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Geovane Nascimento Gonçalves (G.N.G.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

G.N.G. – Geovane Nascimento Gonçalves.

E.F.A. – Qual a sua idade?

G.N.G. – 28 anos.

E.F.A. – Onde você nasceu?

G.N.G. - Bananeiras.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

G.N.G. – Bananeiras também.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

G.N.G. – Sou estudante.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

G.N.G. - É.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

G.N.G. – Pela igreja, pelas celebrações que têm lá na minha igreja.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

G.N.G. – Não sei responder não.

E.F.A. – Com que objetivo você vem ao santuário?

G.N.G. - Vim para assistir a missa e dar uma olhadinha no museu, conhecer um pouco a vida de Padre Ibiapina.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

G.N.G. - Não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada por ele – como cemitério, açude – na sua cidade?

G.N.G. - Eu vi falar hoje numa casa em Pocinhos, uma mulher falou.

E.F.A. – Na sua opinião porque será que tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina?

G.N.G. - Acho que é pelas graças alcançada pelo povo. Aí vai trazendo mais devoto.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

16ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

Francicleide (F)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

F. – Francicleide.

E.F.A. – Qual a sua idade?

F. – 20 anos.

E.F.A. – Onde você nasceu?

F. – Em Arara.

E.F.A. – Onde mora?

F. – Em Arara.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

F. – Não.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

F. – A convivência desde que nasci.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

F. – Desde que eu comecei na catequese.

E.F.A. – Com que objetivo você vem hoje ao santuário?

F. – Com as graças alcançadas.

E.F.A. – Então já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

F. – Com certeza. Várias.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada em sua cidade por Padre Ibiapina – cemitério, açude – construídos por ele?

F. – Sim.

E.F.A. – Na sua opinião porque será que tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina?

F. – Porque cada vez mais a fé tá aumentando e muita gente tá alcançando as suas graças.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

17ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Josilene Oliveira Pereira(J. O.P.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

J. O.P. - Josilene Oliveira Pereira.

E.F.A. – Qual a sua idade?

J. O.P. – 14 anos.

E.F.A. – Onde você nasceu?

J. O.P. – Em Belém.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

J. O.P. – Em Belém.

E.F.A. . – Sua profissão?

J. O.P. – Estudante.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

J. O.P. – Sim.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

J. O.P. – Por minha tia, ela já veio aqui aí veio hoje novamente e me trouxe.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

J. O.P. – Quando vim pra visitar pela primeira vez.

E.F.A. – Já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

J. O.P. – Que eu saiba, não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra realizada como cemitério, açude Padre Ibiapina realizou muitas obras em algumas cidades tem conhecimento disso?

J. O.P. – Não.

E.F.A. – Se percebe que nos últimos anos tem aumentado muito o número de fiéis de Padre Ibiapina na opinião porque será que tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina?

J. O.P. – Eu acho porque ele fez muitas obras e a fé que o povo tem nele.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

18ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

George Rodrigues (G.R.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

G.R. - George Rodrigues.

E.F.A. – Qual a sua idade?

G.R. - 31.

E.F.A. – Onde você nasceu?

G.R. - Nasci em Areia.

E.F.A. – Onde mora atualmente?

G.R. - Moro em Areia.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

G.R. – Não, vim varias vezes essa já é a 11ª vez.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

G.R. - Pela história dele, pelos documentos que começaram a escrever e a espalhar mais, então fui conhecendo o trabalho dele (Ibiapina) que ele fez em toda essa região.

E.F.A. – Você é devoto de Padre Ibiapina?

G.R. - Eu comecei a conhecer a história dele eu comecei a acreditar nas boas obras dele, sou devoto.

E.F.A. – Com que objetivo veio hoje ao santuário?

G.R. - Objetivo?

E.F.A. – Você já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

G.R. - No momento não.

E.F.A. – Mas conhece alguém que já recebeu alguma graça?

G.R. - Eu conheço, as pessoas falam assim pela fé que têm nele. Aí recebe graças e ficam comentando, foi a graça que recebeu foi essa.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra, como cemitério ou açude, que foi realizada por Padre Ibiapina em sua cidade?

G.R. – Tenho. Tem uma casa de caridade que foi um antigo hospital, mas antes era uma casa de caridade onde acolhia os peregrinos, os doentes, as pessoas que moravam pelas ruas em Areia, tem.

E.F.A. – Na opinião porque será que a cada ano tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina?

G.R. - É como eu já disse numa pergunta acima, eu acho que a história dele está sendo divulgada agora então estão divulgando mais que antes ninguém conhecia, ninguém lia, ninguém tinha documentários então agora está mais se divulgando, então as pessoas tá aumentando o número devido isso, o meio de divulgação.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

19ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Rivaldo Antonio Lopes da Costa(R.A.L.C.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

R.A.L.C. - Rivaldo Antonio Lopes da Costa.

E.F.A. – Qual a sua idade?

R.A.L.C. – 25.

E.F.A. – Onde você nasceu?

R.A.L.C. – Lagoa de Dentro.

E.F.A. – Onde mora ?

R.A.L.C. -.Moro em Bayeux.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

R.A.L.C. – Sou comerciário.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

R.A.L.C. – Sim.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

R.A.L.C. – Através de minha sogra que ela vem todo ano.

E.F.A. – Você é devoto de Padre Ibiapina?

R.A.L.C. – Não, porque eu nem conhecia ele estou conhecendo agora.

E.F.A. – Com que objetivo veio hoje ao santuário?

R.A.L.C. – Para conhecer toda a história do Padre Ibiapina.

E.F.A. – Você já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

R.A.L.C. – Não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra em sua cidade como cemitério, açude que foi realizada por Padre Ibiapina ?

R.A.L.C. – Não.

E.F.A. – Na opinião porque será que a cada ano tem aumentado tanto número de fiéis de Padre Ibiapina, na sua opinião porque isso tem ocorrido?

R.A.L.C. – Porque como vem muita gente para aqui todo ano aí tem uma comunicação melhor e o povo tem sua crença a fé.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

20ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Leidiana Mendonça Silva(L.M.S.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

L.M.S - Leidiana Mendonça Silva.

E.F.A. – Qual a sua idade?

L.M.S - 20 anos.

E.F.A. – Onde você nasceu?

L.M.S – Campina Grande.

E.F.A. – Onde mora?

L.M.S – Campina Grande

E.F.A. – Qual a sua profissão?

L.M.S – Eu sou secretária.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

L.M.S – Não.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

L.M.S – Através de familiares.

E.F.A. – Quando iniciou sua devoção a Padre Ibiapina.

L.M.S – Hoje.

E.F.A. – Com que objetivo veio hoje ao santuário?

L.M.S – Foi para acompanhar painha (pai).

E.F.A. – Você já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina?

L.M.S – Não.

E.F.A. – Tem conhecimento de alguma obra em sua cidade, como cemitério, açude, que foi realizada por Padre Ibiapina?

L.M.S – Tenho não.

E.F.A. – Nos últimos anos tem se percebido um aumento no número de fiéis de Padre Ibiapina, na sua opinião porque isso tem acontecido?

L.M.S – não sei (!?).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

21ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida(E.F.A.)

Luciana Balbino de Souza(L.B.S.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

L.B.S. - Luciana Balbino de Souza.

E.F.A. – Qual a sua idade?

L.B.S. – 25.

E.F.A. – Onde você nasceu?

L.B.S. – Areia.

E.F.A. – Onde mora ?

L.B.S. – Areia.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

L.B.S. – Professora (de História).

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

L.B.S. – Não.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

L.B.S. – Meu pai faz romaria e ele traz as pessoas para visitar o santuário e eu vim com ele.

E.F.A. – Você é devota de Padre Ibiapina?

L.B.S. – Sou admiradora de sua história.

E.F.A. – Com que objetivo veio hoje ao santuário?

L.B.S. – Vim com o objetivo de... Sou professora de história. Sou formada em História. Vim pra ver a história, saber um pouco mais da história de Padre Ibiapina e a gente veio também a pé percorrendo a trilha por onde ele passou, é uma experiência passar por onde essa pessoa de uma história tão bonita passou.

E.F.A. – Você tem conhecimento de alguma obra em sua cidade, como cemitério, açude, que foi realizada por Padre Ibiapina?

L.B.S. – Sim, tem a casa de Padre Ibiapina em Areia, uma casa de caridade, está lá. Hoje funciona como centro e que faz vários trabalhos lá da igreja.

E.F.A. – E, finalmente, tem se registrado um grande crescimento no número de fiéis do Padre Ibiapina ultimamente, na sua opinião porque isso tem ocorrido.

L.B.S. – Creio que tem feito uma campanha de *marketing* muito grande e principalmente o fato de ter organizado esse santuário, uma vez que eu conheço vários outros lugares de peregrinações e acredito que esse seja o mais organizado, tem uma maior estrutura para receber os fiéis e com isso tem com esse *marketing* esse fato dessas pessoas serem bem recebidas. Essa estrutura toda tem trazido e com certeza trará mais pessoas a esse lugar .

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO: EDNALDO FERNANDES DE ALMEIDA
TÍTULO – PADRE IBIAPINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ**

Entrevistas realizadas nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2006

Local: Distrito de Santa Fé - Solânea – PB

22ª Entrevista

Ednaldo Fernandes de Almeida (E.F.A.)

José Luciano Pereira Gusmão (J.L.P.G.)

E.F.A. – Qual é o seu nome?

J.L.P.G. - José Luciano Pereira Gusmão.

E.F.A. – Qual a sua idade?

J.L.P.G. – 26 anos.

E.F.A. – Onde você nasceu?

J.L.P.G. – Nasci na cidade de Triunfo, Pernambuco.

E.F.A. – Atualmente mora na mesma cidade?

J.L.P.G. – São José do Egito.

E.F.A. – Qual a sua profissão?

J.L.P.G. – Motorista.

E.F.A. – É a primeira vez que visita o santuário?

J.L.P.G. – Com certeza.

E.F.A. – Como ficou sabendo da existência do santuário?

J.L.P.G. – Através das pessoas que eu vim, vim com um ônibus com várias pessoas religiosas que todos os anos freqüentam aqui.

E.F.A. – Quando você iniciou sua devoção ao Padre Ibiapina?

J.L.P.G. A partir dessa primeira viagem.

E.F.A. – Com que objetivo veio hoje ao santuário?

J.L.P.G. – Conhecer mais um pouco a história de Ibiapina.

E.F.A. – Você já recebeu alguma graça de Padre Ibiapina ou conhece alguém que já recebeu?

J.L.P.G. – Conheço várias pessoas que vieram.

E.F.A. – Você tem conhecimento de alguma obra em sua região, como cemitério, açude, que foi realizada por Padre Ibiapina?

J.L.P.G. – Tem algumas na cidade de Triunfo (PE).

E.F.A. – Ultimamente tem se registrado um grande crescimento no número de fiéis do Padre Ibiapina, na sua opinião porque isso tem ocorrido.

J.L.P.G. – Eu acho que tem acontecido justamente pelos milagres que muitas pessoas já tiveram.